



# Celebrar em televisão o dom e a dádiva dos criadores



**I GALA SPA/RTP  
EM DIRECTO DO CCB  
PARA O MUNDO  
ATRIBUI  
GRANDE PRÉMIO  
A JÚLIO POMAR**

À semelhança do que aconteceu nos anos mais recentes, a Sociedade Portuguesa de Autores quis associar-se à comemoração do Dia Mundial da Poesia - 21 de Março - solicitando, para esta data, uma mensagem da autoria de um dos nomes mais importantes da poesia portuguesa contemporânea. Este ano, o convite foi dirigido ao poeta António Osório, distinguido na Gala do Prémio Autores SPA/RTP com o galardão destinado à melhor obra de poesia publicada em 2009. A SPA agradece ao poeta António Osório a disponibilidade manifestada para escrever a mensagem que temos a honra de divulgar.

*A Direcção e o Conselho de Administração*

## MENSAGEM DO DIA MUNDIAL DA POESIA

21 de Março de 2010

"A poesia é ainda possível?" Montale, no discurso em que recebeu o Prémio Nobel de 1975, interroga-se sobre o papel que pode ter "a mais discreta das artes", num tempo em que "o homem civilizado chegou ao ponto de ter horror de si próprio".

Montale deixou-nos uma palavra de esperança – para a poesia "que surge quase por milagre e parece condensar toda uma época", "para essa poesia não há morte possível...".

Mais de 30 anos passaram. Não haverá agora maiores motivos para se ficar inquieto quanto ao futuro? O mundo actual não é bem pior que o de 1975? Os drogados, a sida, os alunos que desrespeitam e agridem os professores, a brutalização da Europa, a crueldade recíproca entre árabes e judeus, o terrorismo internacional, as infundáveis guerras, a crise financeira que se apossou do mundo, tudo isto não são formas tenebrosas de desprezar a vida e a poesia?

Por outro lado, avulta o triunfo da "mediocracia" e dos best sellers do sexo ("La vie sexuelle de Catherine M.", chegou aos 350.000 exemplares em França, e foi traduzida em vinte línguas, a portuguesa inclusive, e note-se, era um editor respeitável, as "Éditions du Seuil).

*Mutatis mutandi*, o mesmo se passou e passa entre nós. Os livros dos "ases" do futebol e da televisão, que colhem fortunas...

Em contrapartida, as edições de poesia sofrem acentuada diminuição das tiragens. Os jovens universitários lêem cada vez menos, trocando a poesia, quando a trocam, pela "prosa" multimilionária...

Repare-se no que ocorre com a televisão, o deus ex-machina. Quando aparece a poesia, e só muito raramente aparece, vem longe dos ditos "horários nobres". E as páginas literárias estão acabando tristemente, o que conta é o futebol e as revistas do coração...

Que fazer contra esta maré negra, contra esta ocultação da poesia?

Infelizmente, ninguém vê hoje o poeta como o via Platão – "uma coisa leve, alada e sagrada". Os poetas são agora uns estranhos párias, uma espécie de sonhadores que andam nas nuvens.

A defesa da poesia cabe aos poetas. Muito tem resistido, têm que resistir mais ainda.

A experiência diz-me que as leituras de poesia nas escolas e nas universidades, pelos próprios poetas, o diálogo que tem de estabelecer com os alunos seus ouvintes é uma das melhores formas de humanizar o poeta e de chamar o interesse para a poesia que faz. E não se devem limitar estas leituras ao próprio país... Graças a Eugénio Lisboa e Patrick Quillier, fui primeiro traduzido para inglês e francês – e em Inglaterra e em França convivi com centenas de alunos.

Não basta o esforço isolado do poeta. O confinamento ao seu próprio país também lhe é nefasto. Há menos de 20 anos, quantos poetas portugueses contemporâneos eram conhecidos no Brasil ou em Espanha? Impõe-se a ajuda crescente da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, e do Instituto Camões.

Não tenhamos dúvida sobre a nossa poesia actual. Ángel Crespo, um dos maiores lusitanistas e grande poeta, na sua Antologia de Poesia Portuguesa escreveu que "*la poesía portuguesa contemporânea muestra ... una variedad tal de enfoques e soluciones que hacen de ella una de las mas significativas de nuestro tiempo*".

Tão-pouco nos devemos confinar a uma ironia sarcástica contra um mundo cruel.

Sem dúvida, a poesia terá de ser um "refúgio" contra a voragem tecnocrática, contra o desrespeito pela beleza do mundo, contra a destruição da paisagem. Os seus são os valores da vida, a poesia é, como Croce sempre defendeu, a "palavra cósmica", uma forma de não se submeter, mas de se indignar, de estar ao lado dos humilhados, uma afirmação humanista.

Retenhamos estas palavras de Rainer Maria Rilke, nas suas "Cartas a um jovem Poeta": "ser artista é amanhecer como as árvores, que não duvidam da própria seiva e que enfrentam tranquilas as tempestades da Primavera, sem recear que o Verão não chegue".

Teremos de ser como elas, que não põem em causa a própria seiva e que resistem às tempestades da Primavera. Contra o desprezo pela poesia, oponhamos a nossa perseverante defesa. E ofereçamos os nossos livros, com um gesto fraterno.

*António Osório*





N.º: 25

Janeiro/Março 2010

SPA Sociedade Portuguesa de Autores

**Director:** Manuel Freire

**Director Executivo:** José Jorge Letria

**Editora:** Edite Esteves

**Textos:** Administração e Direcção da SPA, Edite Esteves, Francisco Aguilera, João de Freitas Branco, José Jorge Letria e Viriato Teles

**Direcção de Arte e Design:** José Maria Ribeirinho

**Fotografia:** Arquivo de João Abel Manta, Arquivo da SPA, Arquivo do Teatro Aberto  
Direitos reservados, Produção da MDL e José Pedro Santa Bárbara.

**Design e tratamento de imagem:**

JM Design&edições  
www.jm-designedicoes.com

Propriedade: Sociedade Portuguesa de Autores

Av. Duque de Loulé, 31

1069-153 Lisboa

Tel: 21 359 44 00

Fax: 21 353 02 57

email: geral@spautores.pt

site: www.spautores.pt

Nif.: 500257841

ICS: 100206

Tiragem: 3000

Periodicidade: Trimestral

Distribuição: Gratuita

**Impressão e Expedição:**

Peres-Soctip SA

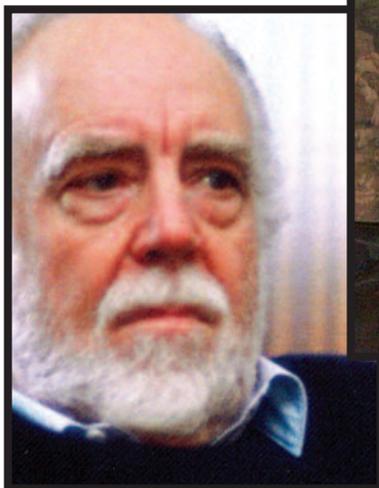
Depósito Legal: 224 872/200

**SPA 85 anos.**

A nossa casa  
A nossa causa

## Sumário

O dia 8 de Fevereiro de 2010 consagrou-se como um marco histórico para a Sociedade Portuguesa de Autores. Com a realização da **I Gala Prémio Autores SPA/RTP**, transmitida em directo do CCB para o mundo, através da estação pública de televisão, a cooperativa concretizou um sonho, que jamais foi atingido por qualquer uma das 212 instituições que defendem os direitos de autor em todo o mundo. Para além do magazine cultural que tem vindo a apresentar na TVI 24 e que terminará a 11 de Abril, doravante - e espera-se que, “por muito e bom tempo”, como afirmou um representante da administração da RTP -, a SPA tem a responsabilidade de organizar e fornecer os conteúdos de uma Gala anual de parceria com esta estação pública de televisão, a fim de premiar o que de melhor os autores fazem no ano anterior. Mais: **a partir de finais de Abril**, vai ocupar também um espaço na RTP 2, com um novo



programa semanal, na linha de “Autores”, que leva o sugestivo nome de “**A de Autor**”, para marcar bem a chave e o conceito que a nova imagem da SPA está a imprimir. Sem dúvida, um excelente e promissor princípio de celebrações dos 85 anos de vida desta sociedade colectiva de defesa dos autores, em ano de novas eleições. Nesta edição, damos a conhecer todos os pormenores da Gala, um espectáculo à imagem do que a Academia de Hollywood promove todos os anos para atribuição dos Óscares, não só pela pompa, visibilidade e prestígio que o caracteriza, mas também pelo facto dos prémios serem escolhidos por vários júris, no mais completo sigilo, e no quadro da produção cultural e artística do ano anterior. Com uma mais-valia - abrange todas as áreas criativas representadas na

SPA, no caso oito: Cinema, Artes Visuais, Dança, Rádio, Música, Literatura, Teatro e Televisão. Este ano, foram concedidos **20 prémios, e ainda mais dois** directamente atribuídos pela Direcção da SPA: um ao **Município de Cascais** para a **Melhor Programação Cultural Autárquica** e o mais distinto - **Prémio Vida e Obra Autor Nacional** - ao conceituado artista plástico **Júlio Pomar**, de 84 anos. O recém-nomeado Presidente do Conselho de Administração faz, entretanto, **um balanço minucioso** para a “Autores” do significado desta iniciativa e sobretudo daquilo que ela traz para a SPA. De salientar, também, **a incidência nas alterações**

**dos Estatutos** já aprovados e na necessidade do seu cumprimento. A **doação à SPA**, por escritura já elaborada, **da casa do escritor do Porto António Rebordão Navarro**, bem como de todo o seu espólio, é mais um ponto alto da vida da SPA. O mesmo acontecendo com

**a recente inscrição como sócio do pintor, arquitecto e conhecido artista gráfico João Abel Manta**, aos 82 anos, depois de fazer uma grande exposição de pintura no Palácio Galveias e de deixar gravado o seu **testemunho de vida em DVD** para o acervo histórico da cooperativa. Dois acontecimentos que demonstram a credibilidade atingida pela instituição. Estão em foco, no capítulo das negociações com outras instituições de relevo que podem ajudar a SPA a desenvolver novos projectos de importância vital para os autores que defendem, os **protocolos** concretizados com a **Imprensa Nacional/Casa da Moeda** e com a **Cabral Montada Leilões**, este com incidência no Direito de Sequência dos artistas plásticos. Os problemas levantados no **MIDEM, em Cannes**, em torno da música são também tratados nesta edição. Em entrevista desassomburada figura o **maestro Álvaro Cassuto**. Por seu turno, este ano, as mensagens do **Dia Mundial da Poesia** e do **Dia Mundial do Teatro** foram entregues, respectivamente, ao premiado poeta **António Osório** e ao encenador, adaptador e actor **Rui Mendes**. No espaço de Os que Partiram, lugar para **Rosa Lobato Faria** e **Vera Castro**.



O DIA 8 DE FEVEREIRO DE 2010 ficará na história da SPA como um raro momento de visibilidade externa e prestígio da nossa cooperativa junto da opinião pública. Foi nesse dia, como todos nos recordamos, que se realizou a primeira edição da Gala SPA/RTP do Prémio Autores, iniciativa de grande impacto mediático que permitiu a SPA, numa frutuosa parceria com a RTP, distinguir os melhores trabalhos autorais de todas as disciplinas representadas pela cooperativa apresentados ao público no ano de 2009.

Pela primeira vez, a SPA dispôs da oportunidade de, através da RTP1, da RTP Internacional e da RTP África, mostrar quem são, o que fazem e o que valem os autores portugueses, transmitindo, ao mesmo tempo, uma mensagem de confiança no trabalho dos criadores e a convicção de que ele representa um contributo fundamental para o progresso da cultura e da economia nacionais, bem como para o reforço da nossa identidade nacional.

Tudo leva a crer que esta Gala irá ter continuidade, ou seja, periodicidade anual, encontrando-se neste momento em fase de análise por parte da SPA e da RTP esta experiência única, na qual, por certo, irão ser introduzidas significativas melhorias já na edição de 2011.

Registe-se, entretanto, o facto relevante de a SPA ser, no conjunto das sociedades de autores de todo o mundo, a única que dispõe de uma Gala televisiva anual com as características daquela que centenas de milhares de pessoas em Portugal e



## O dia 8 de Fevereiro de 2010 ficará na história da SPA como um raro momento de visibilidade externa e prestígio da nossa cooperativa junto da opinião pública

tualista aos cooperadores, com a celebração de parcerias com instituições que nos permitem alargar e aprofundar o âmbito da nossa acção e ainda com o apoio, através do Fundo Cultural aos projectos criadores de um significativo número de autores portugueses.

A SPA, apesar da crise que assola o mundo e que atinge de uma forma particularmente severa as indústrias culturais e as sociedades de autores tem conseguido garantir a necessária estabilidade financeira, manter os postos de trabalho existentes e aumentar o investimento na formação e requalificação dos trabalhadores. Os resultados apresentados no Relatório e Contas de 2009 são disso prova e exemplo. A SPA está a ser capaz de enfrentar e de dar resposta à crise internacional.

Porém, para que tal aconteça é necessário que, para além da unidade dos membros da cooperativa em torno

do essencial e não do acessório, se registre um efectivo cumprimento dos deveres estatutários por parte daqueles que, sendo cooperadores, têm a obrigação de fazer passar pela SPA a totalidade dos seus contratos, sob pena de ficarem numa situação irregular e de não manterem com a instituição que os defende e os representa uma relação de lealdade e solidariedade. Sempre que um contrato referente a uma obra não é celebrado através da cooperativa, reduz-se o valor das comissões

cobradas e cria-se uma situação de justiça relativamente aos que cumprem em pleno os seus deveres estatutários. Por isso, reforçando a posição já assumida num comunicado recente sobre o assunto, a Direcção e o Conselho de Administração da SPA apelam a todos os cooperadores no sentido de que respeitem os seus deveres estatutários, sendo este apelo enfatizado em relação aos que, beneficiando já do subsídio estatutário, persistem em não cumprir a regra da exclusividade em matéria de contratualização das suas obras através dos serviços da cooperativa. Quem prevarica neste domínio, perde também, objectivamente, legitimidade para intervir na definição do futuro da casa dos autores portugueses.

*A Direcção e a Administração da Sociedade Portuguesa de Autores*

# Mais visibilidade e prestígio com apelo ao cumprimento dos deveres estatutários

noutros países tiveram oportunidade de apreciar no passado dia 8 de Fevereiro.

No quadro da nova política de comunicação e imagem da SPA, visível, desde logo, na regularidade com que todos os actos relevantes da gestão da cooperativa são partilhados, em termos informativos, com os cooperadores, merece igualmente destaque a ida para o ar na RTP2, a partir de finais de Abril de um novo programa semanal, com a duração de cerca de 50 minutos, apresentado por Paulo Sérgio Santos, na sequência do êxito alcançado durante 26 semanas com o programa Autores, na TVI 24.

É certo que nem só de comunicação e nova imagem vive a cooperativa dos autores portugueses, ela vive, sobretudo, da consistência e da eficácia dos actos de gestão que nos têm permitido avançar com o processo de modernização, designadamente pela via informática, com o reforço do apoio mu-

## “Dêem-nos condições para levarmos este projecto de modernização por diante”

HÁ UM ANO, NA ASSEMBLEIA GERAL para aprovação do Plano e Orçamento, as previsões e perspectivas eram muito sombrias.

A crise eclodiu e expandiu-se, atingindo fortemente as indústrias culturais e os autores. Apesar disso, encerramos o ano de 2009 com valores e indicadores muito mais animadores do que esperávamos.

Houve vários factos muito positivos que não posso deixar de destacar e enfatizar: \* Mudámos a imagem da SPA, facto relevante até do ponto de vista psicológico para se iniciar um novo ciclo da vida da cooperativa;

\* Passámos a ser a primeira sociedade de autores a nível mundial a dispor de um programa semanal numa estação de televisão e estamos prestes a ter outro, a partir de meados de Fevereiro, na RTP 2;

\* Melhorámos substancialmente a qualidade da nossa comunicação com os cooperadores e com os funcionários, o que tornou a SPA mais transparente, dinâmica e aberta. Creio que nisso estamos todos de acordo;

\* Criámos, em termos orgânicos, o Gabinete para a Gestão dos Contratos do Audiovisual e o Departamento de Análise e Tratamento de Créditos, para além de termos autonomizado a área das Novas Tecnologias no Departamento de Reprodução Mecânica. Foram apenas os passos iniciais de uma ampla reestruturação programada até ao final de 2010;

\* Vimos o Tribunal da Relação de Lisboa dar-nos razão e fazer justiça aos autores portugueses ao não atender o que era reclamado, em primeira instância, pela adjunta do ex-administrador-delegado Luís Francisco Rebelo;

\* Melhorámos consideravelmente as medidas de carácter assistencial e mutualista dirigidas aos cooperadores, designadamente com a criação do subsídio de emergência, com o aumento do valor do subsídio de funeral e com a equiparação das uniões de facto aos cônjuges sobreviventes em caso de falecimento de cooperadores. Destaque ainda para a criação de um seguro de acidentes pessoais;

\* Melhorámos o espaço do Atendimento aos Autores e também a qualidade do serviço ali prestado;

\* A nível internacional, conseguimos organizar com êxito e desejável alcance para o futuro o I Encontro Lusófono de Sociedades de Autores e fomos os anfitriões da assembleia-geral mundial do PLR, estrutura que gere em vários continentes tudo o que se relaciona com o comodato de empréstimo das bibliotecas;

\* Fomos reeleitos em Varsóvia para o Comité Executivo do Conselho Internacional de

Autores Literários, Dramáticos e Audiovisuais, em que temos assento desde Abril de 2005;

\* Lançámos, na SPA, a Plataforma “A Cultura Contra a Crise”, um dos primeiros sinais de resposta dos criadores intelectuais a nível europeu em relação à situação preocupante que se declarou a nível internacional;

\* Reforçámos o apoio ao CCD (Centro Cultural e Desportivo) para poder aumentar o número de refeições servidas diariamente aos funcionários da cooperativa a baixo preço e com qualidade;

\* Criámos o horário flexível para os trabalhadores, o que contribuiu, designadamente, para a redução de situações de absentismo;

\* Reintegrámos os trabalhadores que regressaram à SPA por decisão judicial de uma forma digna e produtiva, contando-se alguns deles, actualmente, entre os mais empenhados no processo de modernização da cooperativa;

\* Iniciámos as negociações com a Câmara de Reguengos para se colocar a Casa Gião de forma adequada ao serviço dos autores e da comunidade local, com apoio comunitário;

\* Avaliámos e apoiámos, através do Fundo Cultural, mais de três dezenas de projectos candidatados por cooperadores representativos de diversas disciplinas. A maior desses projectos já chegou às mãos do público, podendo e devendo por ele ser avaliada;

\* Assumimos uma posição de rigor e exigência dentro da AGE COP, actuando ao nível das nossas responsabilidades, prestígio nacional e representatividade também financeira dentro daquela associação. Por isso nos demitimos da presidência da Assembleia Geral da AGE COP e posso anunciar-vos, em primeira mão, que somos candidatos à presidência da associação, com o apoio expresso da APEL reunificada, que integrará connosco a direcção daquela associação, nas eleições a realizar antes de finais de Janeiro;

\* Reforçámos a nossa intervenção junto do Procurador-Geral da República e dos comandos gerais da PSP e da GNR para que se intensifique o combate à pirataria e a punição dos usurpadores de direitos. Vamos, no princípio de Janeiro, ser recebidos pelos ministros da Cultura e da Administração Interna com o mesmo objectivo.

\* Iniciámos o processo de revisão de Estatutos, que após a AG de 17 de Dezembro, se concluirá em data a anunciar pelo presidente da mesa da AG, no início do próximo ano;

\* Celebrámos um protocolo importante com o Museu Nacional Soares dos Reis,

no Porto, que nos permitiu lançar com êxito um programa de animação da Delegação do Porto, que está a registar grande participação do público. Celebrámos ou vamos celebrar outros protocolos relevantes, um deles com a Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

\* Avançámos decisivamente no processo de instalação e operacionalização do SGS, essencial para a modernização da SPA, tantas vezes adiada ao longo dos tempos;

\* Numa casa onde muito pouco se investiu ao longo dos anos na formação de quadros, apostou-se e investiu-se agora em gente nova, designadamente na área dos juristas, cujo trabalho já é hoje visível e digno de aplauso. Também o Departamento Jurídico reforçou, deste modo, a sua capacidade de intervenção;

Muito mais poderia ser destacado, mas esse inventário será feito, com o conveniente detalhe, no Relatório e Contas, em Março de 2010.

Tudo isto aconteceu porque temos um projecto, uma equipa, porque a Administração dispõe do apoio inequívoco da Direcção e porque, para frustração de uma muito reduzida minoria, conseguimos dar passos importantes para a pacificação interna da cooperativa, condição essencial para podermos trabalhar de forma produtiva e delinear uma estratégia adequada para o futuro.

Nada do que acabou de ser dito tem carácter propagandístico. São factos reconhecidos e comprovados e resultam de uma estratégia que temos para a SPA e que pode ser ainda melhorada.

Este é o último ano do presente mandato da Direcção, mas é importante que ao longo deste ano possamos consolidar o processo de modernização da cooperativa, seja qual for a vontade maioritária dos cooperadores em finais de 2010.

O que está em causa é o futuro dos autores e da estrutura que os representa, numa época de constante e preocupante ataque aos direitos de quem cria arte e cultura. E esse futuro não pode ser afectado por que-relas menores e conflitualidade malévola, pois sempre que tal acontece são a imagem, a credibilidade e o prestígio da SPA que ficam em cheque.

Imaginamos que haja quem não goste desta evidência, mas a verdade é que se trabalhou bastante e que esse trabalho deu frutos visíveis, apesar de ainda estarmos longe da meta que nos propomos atingir.

Até aparecer quem seja capaz de demonstrar aos cooperadores que é capaz de fazer mais e melhor pela SPA e que tem disponibilidade, vontade e competência para o fazer, só vos pedimos uma coisa simples e definitiva: dêem-nos condições para levarmos este projecto de modernização por diante, nunca confundindo o essencial com o acessório. Na altura própria, os autores saberão escolher o que for melhor para o seu futuro. Cá estaremos para ver.

## Aprovados Plano e Orçamento da SPA para 2010

O Plano e o Orçamento da SPA para 2010 foram aprovados com 106 votos, sete abstenções e dois votos contra, na Assembleia Geral realizada no passado dia 22 de Dezembro na sede da cooperativa.

A apresentação do Plano e do Orçamento esteve a cargo do administrador-delegado José Jorge Letria, que referiu a situação de crise vivida pelas indústrias culturais e o modo como essa realidade afecta a SPA e a vida dos autores. Relativamente ao próximo ano, foi destacado o esforço a ser realizado no sentido de se modernizarem os serviços da cooperativa através da instalação definitiva do SGS até ao fim do primeiro trimestre de 2010, de se aprofundar o apoio mutualista aos autores, de se reforçar a intervenção junto das autoridades judiciais e policiais e dos decisores políticos para que se intensifique o combate à pirataria e a outras formas de desrespeito pelos direitos dos autores. Foi ainda referida a aposta estratégica nas áreas das novas tecnologias, da negociação com os grandes operadores, da gestão dos contratos do audiovisual e da recuperação de créditos como forma de se aumentarem os valores cobrados pela SPA.

Durante a assembleia foi anunciado que a SPA é candidata à presidência da AGE COP, numa lista única, em acto eleitoral a realizar no final de Janeiro do próximo ano.

Os cooperadores presentes na Assembleia Geral solidarizaram-se com o Hot Clube de Portugal, que ficou privado das suas instalações, em consequência de um incêndio registado na madrugada de 22 de Dezembro, no prédio onde se encontra sediado há décadas, tendo entretanto sido solicitada pela Administração da SPA a intervenção do Ministério da Cultura e da Câmara de Lisboa no sentido de se encontrar um espaço alternativo para aquela instituição cultural.

## SPA eleita para presidência da AGE COP

A SPA foi eleita para a presidência da AGE COP (Associação para a Gestão da Cópia Privada), na Assembleia Geral daquela associação realizada no passado dia 28 de Dezembro.

Para além da SPA, integram o novo elenco directivo da AGE COP a APEL (Associação Portuguesa de Editores e Livreiros) e a Audiogest. Recorde-se que a SPA, que já presidiu à AGE COP, desempenhava as funções de Presidente da Assembleia Geral no anterior mandato.

Com esta eleição foi ultrapassado o impasse gerado com a demissão da SPA da presidência daquele órgão e ficam criadas as condições para a regularização de vários assuntos do interesse dos autores portugueses.



# “Está cumprido o compromisso dos eleitos em 2006”

José Niza, enquanto Presidente da Assembleia Geral da SPA, especifica nesta entrevista à Autores as razões que levaram à necessária revisão dos Estatutos da cooperativa e o processo empreendido, expondo em pormenor as alterações essenciais recentemente aprovadas. Por outro lado, em ano de eleições, sintetiza o Regulamento Eleitoral também criado, que “garante, de forma clara, os direitos e os deveres das listas e dos candidatos”, por forma “a evitar situações pouco ortodoxas”

## Porquê uma revisão dos Estatutos da SPA?

A revisão dos Estatutos significou, antes de mais, o cumprimento de um compromisso dos Órgãos Sociais eleitos em 2006. Desde a aprovação do actual Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, há uns 25 anos, tem vindo a ocorrer uma autêntica revolução no universo dos Direitos de Autor nas suas múltiplas disciplinas. Como escreveu Camões, “todo o mundo é composto de mudança”. E, por isso, tornava-se premente adaptar os Estatutos às novas realidades e aos novos desafios com que as sociedades de autores de todo o mundo hoje se confrontam.

Por outro lado, e num plano mais próximo, tornava-se também necessário dar resposta estatutária a questões concretas não contempladas nos Estatutos, bem como suprir lacunas e omissões, as quais, exactamente por isso, criavam situações de indefinição ou permitiam interpretações divergentes.

## Mas, para além da revisão dos Estatutos, foi também aprovado um Regulamento Eleitoral. Em que consiste e para que serve esse regulamento?

Um Regulamento Eleitoral é um guião de actos e de regras que tem por objectivo manter a normalidade e a democraticidade de qualquer eleição. É também um instrumento de grande utilidade para quem, como eu, e no caso concreto da SPA, tem a responsabilidade de organizar eleições com totais garantias de isenção e tratamento igual dos candidatos e das candidaturas.

As eleições que ocorrem na maioria das instituições, empresas ou cooperativas de alguma dimensão, são preparadas e organizadas com suporte em regulamentos semelhantes àquele que agora foi aprovado na SPA e que vai ser testado nas eleições que ainda este ano terão lugar.



## Antes de passarmos à análise dos aspectos mais relevantes destes diplomas, seria interessante saber como decorreram os trabalhos e quem neles participou. Como foi?

Todo este trabalho teve início em Janeiro de 2009, altura em que a Direcção entendeu criar um grupo de trabalho, ao qual conferiu o mandato de proceder à análise dos Estatutos e de apresentar propostas. O grupo de trabalho foi constituído pelo próprio Presidente da Direcção, Manuel Freire, por mim próprio, enquanto Presidente da Assembleia Geral, pelo Dr. Lucas Serra, director dos Serviços Jurídicos da SPA, e pela Dr.<sup>a</sup>

Susana Marques, também destes serviços. Até Dezembro do ano passado, tivemos cerca de 30 reuniões. Importa também sublinhar que todo este processo foi aberto à participação dos cooperadores, os quais, por mais do que uma vez, foram convidados e estimulados a apresentar reflexões e propostas.

## E houve muita participação dos cooperadores?

Cerca de uma dúzia de cooperadores apresentou sugestões, críticas e propostas. E muitas delas foram acolhidas pelo grupo de trabalho. Teria sido desejável que tivesse havido mais participação. Mas, o facto de quase todas as alterações,

e também o Regulamento Eleitoral, terem sido aprovados por unanimidade, ou por maioria muito expressiva, num universo de mais de 130 votantes, parece demonstrar que as propostas apresentadas mereceram aceitação geral.

## E como decorreu o processo de aprovação das propostas do grupo de trabalho pela Direcção?

Esta matéria, pela sua importância, mereceu a maior atenção por parte da Direcção. Realizaram-se algumas reuniões exclusivamente para este efeito. Algumas das propostas foram aperfeiçoadas e melhoradas. E a própria Direcção, enquanto tal, também apresentou propostas da sua iniciativa. Terminados estes trabalhos, todas as propostas de alteração aos Estatutos, bem como o Regulamento Eleitoral, foram introduzidos na *internet*, para que os cooperadores as pudessem consultar.

## AS ALTERAÇÕES MAIS IMPORTANTES

### Vamos, então, agora, ao essencial: o que é que, afinal, mudou nos Estatutos da SPA?

Mudaram várias coisas. Mas, mais importante ainda é que passaram a constar dos Estatutos coisas que lá não estavam. Vamos por partes. Para facilitar, diria que há três tipos de alterações: primeiro, um conjunto de pequenas alterações, que poderia designar por acertos ou correcções técnicas, e que correspondem a adendas ou a precisões; em segundo lugar, outro grupo de propostas que alteram substancialmente algumas das normas até agora praticadas; e, finalmente, novos artigos que não constavam dos Estatutos.

### Como o José Niza disse, vamos, então, por partes: quais foram as alterações mais importantes em relação a disposições que já existiam antes?

No que respeita a aditamentos ou aperfeiçoamentos de normas já existentes, posso citar alguns. Por exemplo: até agora, a SPA tinha apenas como objecto defender a liberdade de criação cultural; pois, a partir de agora, passa também a ter de defender e a fomentar a criação científica. E, na sequência desta aprovação, torna-se também possível que possam ascender a cooperadores os autores de obras científicas.

Passa também a vigorar um preceito que regulamenta a cessação temporária da posição de cooperador, desde que, com a idade inferior a 60 anos, passe cinco anos consecutivos sem atingir uma média anual de direitos equivalente a 100 euros.

Estabelece-se, também, que, em caso de haver eleições antecipadas, a contagem

## **Tornava-se premente adaptar os Estatutos às novas realidades (...e dar resposta estatutária a questões concretas não contempladas nos Estatutos, bem como suprir lacunas e omissões**

do mandato se inicia no dia 1 de Janeiro do ano em que ocorrerem.

Ainda em matéria eleitoral, fica também consagrado que, no caso dos editores musicais não indicarem os seus candidatos, os seus lugares na Direcção serão ocupados pelo primeiro suplente da área da Música.

Uma inovação importante em relação à atribuição do Subsídio Estatutário é a possibilidade de, em caso de morte, a sua atribuição considerar as uniões de facto, o que até agora não acontecia. Outro significativo benefício para os novos cooperadores é a possibilidade de serem admitidos como tal, no dia 1 do mês seguinte ao da sua aprovação pela Direcção, e não, como acontecia até agora, no dia 1 de Janeiro do ano seguinte. Esta alteração, para um cooperador que, por exemplo, tenha sido admitido em Janeiro, significa uma vantagem de 12 meses de subsídio.

### **OS NOVOS ARTIGOS**

**O José Niza disse, há pouco, que também foram criados uns artigos novos. Pode dar exemplos?**

Uma importante inovação é a faculdade de a SPA poder vir a criar Fundações. Esta norma estatutária poderá abrir caminho a novas formas de gestão e da obtenção de receitas que o estatuto cooperativo não permite.

Outra inovação sobre o funcionamento das Assembleias Gerais, que, aliás, já

vinha a ser praticado informalmente desde 2003, é a consagração estatutária de um período de antes da ordem do dia reservado a informações da Direcção e a intervenções de cooperadores, o qual poderá ter uma duração até uma hora e meia.

Outra medida é a que impõe que as actas das Assembleias Gerais estejam disponíveis 30 dias depois.

Finalmente, outra alteração importante consiste na criação de um Conselho de Administração, em substituição do administrador-delegado e da sua estrutura. O Conselho de Administração terá um presidente, designado pela Direcção, o qual terá obrigatoriamente de ser seu membro, e que terá como colaboradores um máximo de cinco vogais por ele escolhidos. Estes vogais, também designados administradores, poderão não ser membros da SPA. Fica também estabelecido que, no caso do Presidente da Direcção não ser também Presidente do Conselho de Administração, terá direito a uma remuneração mensal, cujo valor será fixado pela Direcção, ouvido o Conselho Fiscal.

E parece-me que lhe disse o essencial. Como já referi, a grande maioria destas alterações mereceu a unanimidade dos votos, o que, em meu entender, significa que o trabalho que tivemos mereceu o reconhecimento dos cooperadores.

### **O REGULAMENTO ELEITORAL**

**Vamos, então, agora, ao Regulamento Eleitoral. Já me disse que é um instrumento essencial para a organização de eleições transparentes e justas. Pode explicar melhor?**

Como é conhecido na SPA, durante cerca de 30 anos, apenas uma lista, sempre encabeçada pelo Dr. Luís Francisco Rebello, concorreu às eleições. Não havendo concorrência nem alternativas, os processos eleitorais eram um pró-forma e tinham muito pouca

participação. Em 2003, com duas listas a concorrer, tudo se alterou. A campanha eleitoral decorreu de forma muito conturbada e a lista que acabou por ganhar as eleições teve muitas razões de queixa. Mas também se constatou que a quase total inexistência de regras estatutárias, ou outras, contribuiu para situações pouco ortodoxas.

Em 2006, enquanto Presidente da Assembleia Geral, já me coube a mim organizar as eleições. Embora esteja convicto de que ambas as listas tiveram igual tratamento, a verdade é que a inexistência de regras claras possibilitou algumas reclamações. Durante mais de um mês, fui autenticamente bombardeado com telefonemas, SMSs, faxes, e-mails, cartas, sei lá mais o quê. Foi então decidido que teria de se elaborar um Regulamento que garantisse, de forma clara, os direitos e os deveres das listas e dos candidatos, por forma a que, de uma vez por todas, se evitassem situações desagradáveis ou, eventualmente, injustas.

O Regulamento que foi aprovado, ao longo dos seus sete capítulos, estabelece os princípios e as regras de todo o processo eleitoral, desde a convocação das eleições até à contagem dos votos.

Atribuí ao Presidente da Assembleia Geral a organização de todo o processo, estabelece as condições e os prazos em que as listas deverão ser apresentadas, regulamenta as condições de elegibilidade dos candidatos, cria a figura de delegado de lista que a representará em todos os actos do processo, garante o apoio logístico às candidaturas e introduz uma nova modalidade na votação: para além de Lisboa, haverá também uma mesa de voto no Porto; e as eleições decorrerão entre as 18 e as 23 horas. Finalmente, no caso de existirem reclamações sobre o acto eleitoral, o regulamento também estabelece como poderão ser apreciadas e decididas.

**EE**



## **Constituído Conselho de Administração da SPA**

Por decisão da Assembleia Geral extraordinária do passado dia 3 de Fevereiro e no âmbito da revisão dos Estatutos nela aprovada, foi criado o Conselho de Administração da SPA, que passa a ser presidido pelo até agora Administrador-Delegado, José Jorge Letria, passando os seus adjuntos a deter o estatuto de vogais do Conselho de Administração. As normas que regulam a constituição e o funcionamento do novo órgão executivo da SPA constam dos Estatutos entretanto revistos e aprovados. Refira-se, porém, que se trata de uma alteração de carácter formal, dado que o Conselho de Administração assume as responsabilidades executivas já anteriormente concentradas no Administrador-Delegado e nos seus adjuntos com competências delegadas.

## **SPA aprova novos Estatutos e Regulamento Eleitoral**

Em Assembleia Geral Extraordinária da SPA realizada no passado dia 3 de Fevereiro, foram aprovados os novos Estatutos da Cooperativa, bem como o respectivo Regulamento Eleitoral. Estes dois novos documentos foram longamente preparados e, após aprovação pela Direcção da SPA, apresentados à Assembleia Geral, que os avalizou com expressivas votações. Votaram presencialmente, por correspondência e por voto delegado cerca de 150 cooperadores.

Tanto os novos Estatutos como o Regulamento Eleitoral entram de imediato em vigor.

## **Apelo ao respeito pelos Estatutos**

O Conselho de Administração da SPA, constatando o não cumprimento do que se encontra estabelecido no nº 2 do artigo 17º (Deveres dos Cooperadores) alíneas f), g), h) e i) dos Estatutos por um número significativo de cooperadores, que persistem em não fazer passar a totalidade dos seus contratos pelos serviços da nossa cooperativa, vem esclarecer os cooperadores reproduzindo os termos dessas disposições estatutárias:

f) Confiar à Cooperativa a administração, nos territórios onde esta directa ou indirectamente exerce a sua acção, de todas ou algumas categorias de obras intelectuais de cujos direitos de autor sejam ou venham a ser titulares, declará-las e preencher as notas de instruções relativas à sua utilização e exploração, com observância das tabelas mínimas, previstas na alínea h) do nº 1 do artigo 44º;

g) Não alienar nem onerar ou por qualquer outra forma comprometer, total ou parcialmente, sem prévia concordância da Direcção, os direitos de autor referidos na precedente alínea;

h) Não celebrar pessoalmente, ou através de representante ou mandatário que não seja a Cooperativa, qualquer contrato relativo à utilização ou exploração das obras indicadas na alínea f) nem assumir por outra forma quaisquer obrigações ou receber quaisquer direitos em relação às mesmas;

i) Não renunciar, total ou parcialmente, aos direitos autorais relativos às obras mencionadas na alínea f), nem os ceder, total ou parcialmente, sem prévia concordância da Direcção, excepto no caso de representações teatrais por grupos de amadores sem entradas pagas e sem fins lucrativos;

Além de ser estatutariamente ilegal, como é evidente, essa atitude representa assinaláveis prejuízos para a cooperativa, que fica privada de cobrar as respectivas comissões. Representa também uma efectiva quebra de solidariedade com a instituição e com os cooperadores respeitadores dos Estatutos, sobretudo em contexto de crise, para além de deixar as obras não contratualizadas pela SPA sem a desejável protecção legal que

só os competentes serviços da cooperativa podem assegurar. Não pode também o Conselho de Administração da SPA deixar de referir a situação de alguns cooperadores, que, tendo passado a usufruir do subsídio estatutário, deixaram de fazer passar os contratos das suas obras pela cooperativa, atitude que, sendo ética e estatutariamente reprovável, representa um agravamento significativo dos encargos resultantes desta justa medida de carácter social.

Por estes motivos, o Conselho de Administração da SPA apela a todos os cooperadores para que respeitem escrupulosamente aquilo que se encontra expresso nos Estatutos sobre esta matéria, tendo também em conta que só dispõe de legitimidade plena para intervir na vida da cooperativa quem respeita integralmente os seus Estatutos.

Independentemente deste apelo, o Conselho de Administração está a analisar, no mais estrito respeito pelo disposto nos Estatutos, medidas a aplicar aos associados que não mantêm com a SPA a relação de lealdade e confiança que lhes é exigida, sobretudo a partir do momento em que adquirem o estatuto de cooperadores.

# Ode à cultura num espectáculo televisivo inesquecível

FOTOS DE JOSÉ PEDRO SANTA BÁRBARA

I GALA SPA/RTP | PRÉMIO AUTORES 2010



Os Deolinda encerraram a Gala no CCB

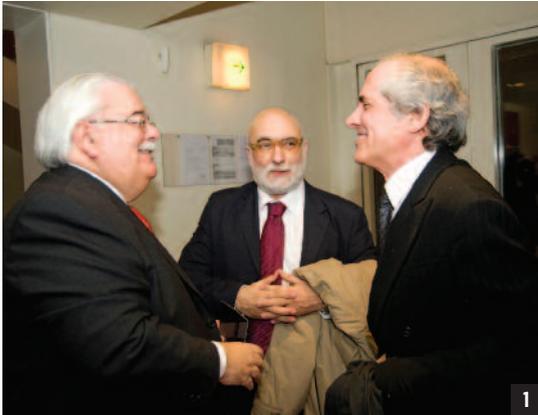
## Gala passa a ser o mais importante acontecimento da programação da SPA e da RTP

A Gala do Prémio Autores 2010 - SPA/RTP, cuja realização foi divulgada pela Sociedade Portuguesa de Autores, designadamente através da revista "Autores", concretizou-se, como anunciado, no passado dia 8 de Fevereiro, no Centro Cultural de Belém, tendo sido transmitida em directo para todo o mundo pela estação pública de televisão, no âmbito de um protocolo estabelecido entre as duas entidades. Nesta Gala foram entregues os prémios aos melhores trabalhos de todas as áreas criativas, escolhidos por vários júris no quadro da produção cultural e artística de 2009.

Num comunicado emitido a 29 de Janeiro, a Administração da SPA salienta que “esta Gala constitui um momento alto na vida da SPA e da RTP, pois permitirá colocar em destaque a importância do trabalho dos autores portugueses a um nível nunca antes atingido”. Transmitida em directo pela RTP1, RTP Internacional e RTP África para todo o mundo, “esta Gala – prossegue - irá conferir à SPA e aos autores nacionais uma visibilidade e um prestígio que não podemos deixar de sublinhar com a maior satisfação, sobretudo porque passa a constituir para a nossa cooperativa uma enorme responsabilidade relativamente ao futuro, tendo em conta o facto de este importante evento cultural e mediático passar a ter periodicidade anual”.

E acentua: “A Gala Prémio Autores - SPA/RTP será, doravante, o mais importante acontecimento da programação anual da SPA e da televisão pública”.

Na nota, a Administração dava conhecimento da lista dos nomeados para os prémios e dos júris que os escolheram e os iriam distinguir, mostrando-se os seus membros convictos de que “tanto uns como os outros são já um motivo de satisfação e de orgulho para a SPA”. E, a finalizar, acrescentava: “Aproveitamos para felicitar todos os nomeados e para agradecer àqueles que integraram os júris o seu contributo para uma escolha exigente, isenta e representativa dos nomes e obras a serem distinguidos.”



Esta Gala vai ajudar os autores a terem mais trabalho, a terem mais reconhecimento público, não só em Portugal, como no estrangeiro



4

1 – José Jorge Letria ladeado por João David Nunes e Tozé Brito; 2 – João Lourenço e Vera San Payo de Lemos; 3 – Isabel Carvalho e Janita Salomé; 4 – Júlio Pomar, após receber o Prémio Vida e Obra Autor Nacional das mãos dos presidentes da RTP e da SPA - Guilherme Costa e Manuel Freire - é acarinhado por Catarina Furtado; 5 – José Jorge Letria e Catarina Furtado

**“Os autores criam riqueza, desenvolvem as indústrias culturais que geram postos de trabalho, fortalecem a identidade nacional e dignificam internacionalmente a imagem do nosso país. Por isso merecem ser respeitados e defendidos**



5

## Estamos a celebrar o dom e a dádiva dos criadores

Faz sentido que se pergunte como seria o mundo e as nossas vidas se não existissem mulheres e homens que escrevem, compõem, filmam, pintam, encenam e coreografam. Seriam, seguramente, mais tristes e sombrios e talvez mesmo insuportáveis.

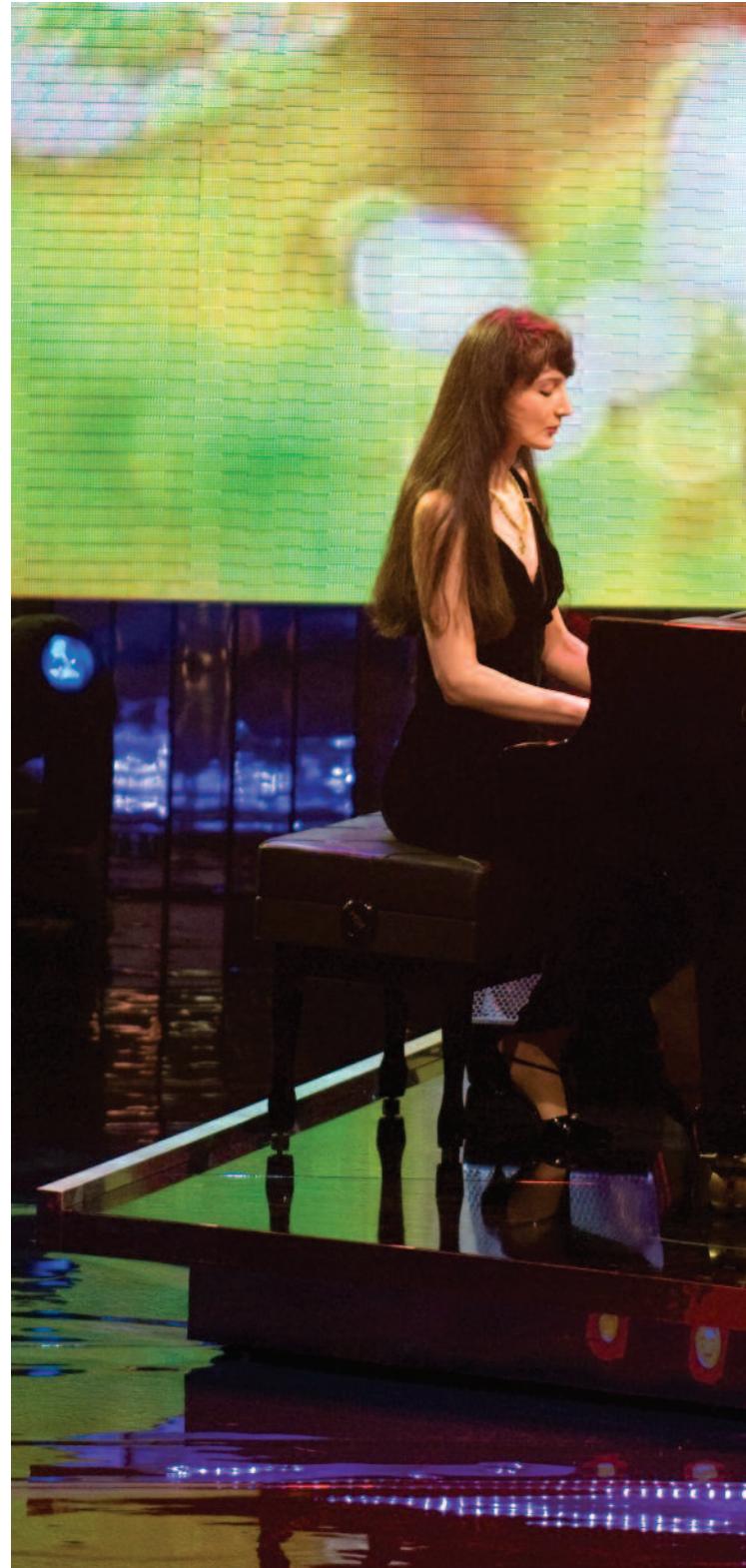
Por isso, aqui estamos, na primeira Gala dos Autores Portugueses, promovida pela Sociedade Portuguesa de Autores e pela RTP, para celebrar o dom e a dádiva daqueles que, com o seu trabalho criador, acrescentam beleza e humanidade aos nossos quotidianos.

Estamos aqui também para premiar aqueles que, no ano de 2009, se destacaram nas suas áreas de criação, com obras que júris de indiscutível competência e idoneidade seleccionaram e decidiram premiar. Estas distinções são em si mesmas um elogio da actividade criadora e um estímulo lançado às gerações mais jovens para que não temam encarar o trabalho autoral como uma saída profissional para o seu futuro.

Porém, para que tal aconteça, é preciso que fenómenos como a pirataria e o desrespeito sistemático pelos direitos de autor deixem de afectar o trabalho e a vida de quem fez a opção de viver da sua obra. Os autores criam riqueza, desenvolvem as indústrias culturais que geram postos de trabalho, fortalecem a identidade nacional e dignificam internacionalmente a imagem do nosso país. Por isso merecem ser respeitados e defendidos.

Estamos aqui esta noite para os aplaudir e encorajar, recordando uma verdade que sendo óbvia, é quase diariamente esquecida e usurpada e que pode resumir-se nestas palavras: sem autores não existe cultura. Por isso, que vivam hoje e sempre os autores e as suas obras!

José Jorge Letria





## GALA SPA/RTP EM DIRECTO DO CCB PARA O MUNDO

# Uma ode à cultura num espectáculo televisivo inesquecível



## Prémio Autores 2010 distingue mar de notáveis de oito áreas criativas

O GRANDE AUDITÓRIO do Centro Cultural de Belém vestiu-se de vermelho, negro e prata, na noite de 8 de Fevereiro, para receber com todas as honras próprias de um espectáculo à Óscars de Hollywood um verdadeiro mar de notáveis, oriundos de diferentes áreas criativas. Inesquecível! Na sala e no palco, o desfile de figuras de renome das mais diversas disciplinas reflectiu uma poderosa ode à cultura na Gala do Prémio Autores 2010, promovida, pela primeira vez, pela Sociedade Portuguesa de Autores de parceria com a RTP. E que, doravante, conforme sublinha a Administração da cooperativa (ver caixa) será, com certeza, “o mais importante acontecimento da programação anual da SPA e da televisão pública”. A apresentar o evento esteve outra personagem bem conhecida dos pequenos e grandes ecrãs: Catarina Furtado.

A Gala, como previsto pelas duas instituições, constituiu e virá a constituir no futuro, como pudemos constatar junto dos respectivos responsáveis e de muitos presentes, um momento alto na vida da SPA e da RTP, pois “permite colocar em destaque a importância do trabalho dos autores portugueses a um nível nunca atingido”. Transmitida em directo pela RTP1, RTP Internacional e RTP África para todo o mundo, esta Gala, antes confinada a um espectáculo mais intimista no Teatro Nacional de São Carlos, “confere, assim, à SPA e aos autores nacionais uma visibilidade e um prestígio assinaláveis”, de acordo com o Presidente do Conselho de Administração, José Jorge Letria.

Com uma particularidade de grande relevo e inovação: a SPA é a única sociedade de autores, no conjunto das sociedades de autores de todo o mundo, que fornece os conteúdos para uma Gala de grande envergadura como é esta da estação pública portuguesa de TV.

### “É PRECISO FIDELIZAR ESTE EVENTO”

Neste espectáculo televisivo de que o vice-presidente, José Marquitos, e o presidente da

6 – Miguel Guilherme com Rita Brutt, Fernando Pires e Filipe Vargas; 7 – Joaquim Furtado, depois de receber o prémio para o Melhor Programa de Informação em Televisão por parte de Mário Zambujal, fala de A Guerra, perante o ar concentrado da filha; 8 – Maria João Seixas entregou o troféu de Melhor Filme ao representante do seu realizador, João Pedro Rodrigues; 9 – Adelaide João com uma amiga; 10 – José da Ponte e Lucas Serra da SPA; 11 – Aziza Mustafa Zadeh ao piano



Hoje, somos uma instituição realmente reconhecida, prestigiada, aceite e tentar estragar isto é, não só prejudicar um grande espectáculo de televisão, mas fazer mal aos autores da SPA

12 – Rui Veloso e o seu Chico Fininho; 13 – Margarida Carvalho ainda surpresa com o Prémio Melhor Actriz de Cinema, recebida por Jorge Leitão Ramos e Maria João Seixas; 14 – Olga Pratz aplaude o Prémio de Melhor Trabalho de Música Erudita atribuído ao Quarteto Lopes Graça, em especial, o Maestro António Vitorino de Almeida, presente na plateia





## I GALA SPA/RTP

<<

RTP, Guilherme Costa, se mostraram muito orgulhosos e que, dizem, “é preciso fidelizar” – “esperamos que seja o primeiro evento de uma série que se prolongue por muitos e bons anos” - foram entregues os prémios aos melhores trabalhos de todas as áreas criativas, escolhidos por vários júris no quadro da produção cultural e artística de 2009. E tal como acontece com a cerimónia de entrega dos Óscares, só no momento exacto foram divulgados os nomes dos laureados. O sigilo foi total até ao momento da abertura dos 20 envelopes (ver regulamento).

A grande qualidade dos jurados, num total de 24, e o enorme leque de nomeados, todos eles figuras de primeiro plano, totalizando seis dezenas, distribuídos por oito categorias - Cinema, Artes Visuais, Dança, Rádio, Música, Literatura, Teatro e Televisão – para seleccionar 20 premiados, além dos dois grandes prémios atribuídos pela direcção, lograram estruturar um espectáculo credenciado e de estimável valor cultural.

### “FAZIA FALTA UMA GALA COM ESTE GRAU DE CREDIBILIDADE”

“Fazia falta à televisão, ao público e aos criadores uma gala com um grau de credibilidade que pudesse sustentar a atribuição de prémios à criatividade com este tipo de escolha e este volume de criadores”, salientou José Fragoso, director de programas da RTP, acrescentando, convicto: “É muito importante que haja um momento de reconhecimento público dos criadores, e com este evento vamos conseguir marcar a criação produtiva portuguesa”.

No passado, recorde-se, a Associação de Produtores Independente de Televisão (APIT) tentou unir as três principais estações, no sentido de se criar uma edição de prémios comum, mas a tentativa conheceu entraves relacionados com a transmissão do espectáculo, acabando esta por não conhecer desenvolvimentos.

A SIC, entretanto, tem vindo a manter a gala dos Globos de Ouro, onde inclui Cinema, Teatro e Televisão, mas, nos últimos tempos, tem subtraído a presença de produtos das estações concorrentes e imposto, em sua substituição, nomes simbólicos para valorizar a actividade televisiva.

Daí que a estrutura desta Gala SPA/RTP, que vem alargar o âmbito dos prémios de forma considerável, seja encarada por todos os intervenientes directos e meros espectadores, como “uma iniciativa muito meritória e oportuna”, conforme resumiu o presidente da Câmara Municipal de Cascais, quando foi ao palco para receber o Prémio

>>





Conseguimos, salvaguardadas as distâncias e as diferenças, transformar-nos um pouco numa instituição semelhante ao que pode ser a Academia de Hollywood que atribui os Óscares



15



16



17



18



19

15 – Pedro Abrunhosa e Rui Veloso actuaram como dupla no início da segunda parte; 16 – Leonor Xavier conversa com Eduardo Gageiro; 17 – Carlos Alberto Moniz com Inês Fonseca; 18 – Madalena e António Capucho; 19 – Mário Zambujal ao lado de Paulo Sérgio dos Santos; 20 – João Lagarto intervém depois de receber o Prémio de Melhor Actor de Cinema; 21 – António Casimiro faz a entrega do troféu para a Melhor Exposição de Artes Plásticas à curadora da Casa das Histórias - Museu Paula Rego; 22 – Coube a Nuno Carinhas dar a Eduardo Gageiro o galardão de Melhor Trabalho de Fotografia para a Grande Retrospectiva da sua obra



20

## IGALA SPA/RTP

«

para a Melhor Programação Cultural Autárquica.

Congratulando-se com o “excepcional trabalho da SPA em prol dos direitos de autor e da cultura em geral”, António Capucho fez questão de lembrar à grande audiência espalhada por todo o mundo que “a cultura é um espaço de investimento estratégico” e que “é fundamental que os políticos percebam que a cultura é fecunda e tem retorno”. Mais: “Na cultura existe gente com gosto para o risco, o que dá notoriedade”. Exemplo disso, referiu, é a pintora Paula Rego, que doou 600 obras de arte à Câmara Municipal de Cascais, “obrigando” o município a investir, de imediato, na Casa das Histórias, um museu vivo, cujo projecto da autoria do arq. Eduardo Souto Moura, tem dado que falar.

### CENÁRIO IMPUNHA TRÊS IMPONENTES AAA DE AUTORES

Os Prémios Autores (ver lista de nomeados e premiados) não têm valor pecuniário, mas têm um valor simbólico. Basta a alta visibilidade que lhes é dada através desta cerimónia, que, neste caso, durou mais de duas horas.

Todos os nomeados, a maior parte deles presentes na sala (os que não se deslocaram ao CCB justificaram a sua ausência por motivos de trabalho no estrangeiro e enviaram representantes), receberam uma placa alusiva ao acto e a cada premiado foi atribuído um diploma e um troféu, especialmente criado, para o efeito, por Henrique Cayatte. O mesmo designer que assinou o novo logótipo da SPA, visível de forma expressiva no cenário do espectáculo, através de três grandes elementos vermelhos, uma maneira de vincar o significado que o A de Autores tem para a imagem que a cooperativa quer transmitir: sem autores, não há cultura. Daí a imponente e simbólica presença desses AAA gigantes a dominarem o palco, jogando com as imagens projectadas num ecrã central, a ocupar todo o fundo. Estava meio mundo no CCB. E o desfile começou logo pela entrada sobre a passadeira vermelha que desembocava no foyer apinhado de gente conhecida do mundo do espectáculo, da televisão, rádio e cinema, das letras, das artes plásticas e da política. Nem a chuva impediu a elegância dos trajes e o sorriso nos lábios e, claro está, nem as dezenas de fotógrafos e operadores de câmara que se acotovelavam para tirar aquele “boneco” e agarrar a imagem à medida. Seria exaustivo enumerar as caras que por nós passaram, mas é fácil de imaginar, dada a larga banda dos nomeados e respec-



21



22

»



23



24



25



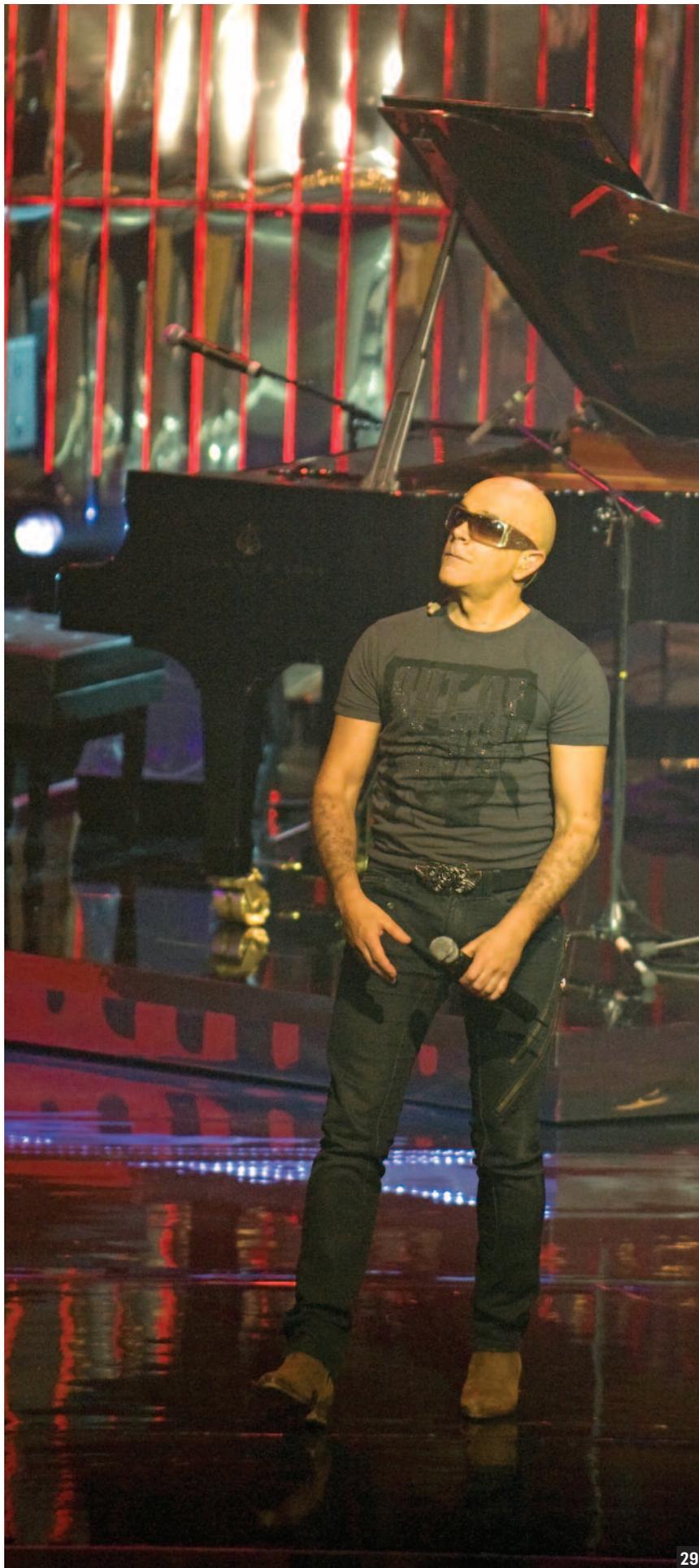
26



27



28



23 – Rui Francisco agradece, emocionado, o Prémio Melhor Trabalho Cenográfico para *Crucificado*; 24 – Momento muito saudado foi quando Madalena Victorino recebeu o Prémio Melhor Coreografia de Dança para *Vale entregue por Paulo Sérgio dos Santos*; 25 – Manuel Vilas-Boas satisfeito com o Prémio Melhor Programa de Rádio com *Encontros com o Património*, cuja entrega esteve a cargo de José Nuno Martins; 26 – O marido de Cristina Branco, ausente em Amsterdão, recebeu em seu nome o Prémio para a Melhor Canção - *Margarida* - das mãos de Carlos Alberto Moniz; 27 – João Paulo, contente e surpreendido pelo Prémio de Melhor Disco com *Space Grace*, música improvisada, que lhe foi entregue por Vitorino; 28 – A atribuição do Prémio do Melhor Livro de Poesia a António Osório foi um dos momentos altos da Gala. A seu lado, o crítico e poeta Pedro Mexia, que lhe entregou o troféu, e a escritora e jornalista Leonor Xavier. Seria Vitorino a receber o Prémio para o Melhor Livro de Ficção Narrativa a António Lobo Antunes; 29 – Pedro Abrunhosa encerrou a solo a primeira parte do espectáculo com a popular canção *P'ra Cima, P'ra Baixo*

29

## I GALA SPA/RTP

«

tivos pares e fãs, fora os muitos convidados oficiais que não se fizeram rogados a aparecer nesta iniciativa de estreia com créditos apurados, à partida. Apesar de ser muito mais confortável poder ver o espectáculo calmamente no sofá...

Um burburinho ecoava na sala cheia, com a plateia a abarrotar e os camarotes compostos. Parecia que a comunidade cultural portuguesa, vinda de todos os pontos do país, havia combinado encontrar-se ali para trocar impressões ou abalar em viagem.

E foi, na verdade, uma bonita e comovente viagem poética e profundamente cultural aquela a que assistimos, a partir do início da transmissão em directo para todo o mundo. Uma ode à cultura, expressão que, desde logo, me veio à mente em jeito de síntese do que estava a acontecer.

### “SPA E RTP UNIRAM-SE PARA PRESTIGIAR OS AUTORES”

A entrada de Catarina Furtado, envergando um vestido comprido vermelho de Nuno Baltazar, a condizer com a composição cenográfica, deu o mote para o bom gosto e para a dignidade da sessão. “A SPA e a RTP uniram-se para prestigiar os autores e premiar obras e criadores. Esta é uma homenagem, o reconhecimento e o espectáculo”, começou por anunciar a apresentadora.

E, a partir daí, foi um desfile em palco dos melhores criativos nas suas áreas. Quer no que se refere aos premiados, quer às figuras convidadas para entregar os respectivos galardões, também elas em foco nesta passagem de modelos ligados à cultura em diversas vertentes.

Enumeremos, então, somente os que foram escolhidos para entregar os Prémios Autores 2010, porque para esses também foi um render de homenagem dos organizadores do evento. Os vencedores que subiram ao palco para receberem os seus troféus e que são duas dezenas, estão destacados já na listagem que apresentamos aqui em primeiro plano.

Assim, na primeira parte, estiveram em destaque: Maria João Seixas, actual directora da Cinemateca Nacional e o crítico cinematográfico Jorge Leitão Ramos, para a categoria Cinema; o cenógrafo de teatro e televisão António Casimiro, um dos responsáveis da edificação desta Gala, juntamente com João Lourenço e Tozé Brito, todos pertencentes aos órgãos sociais da SPA e o director do Teatro Nacional de São João, do Porto, Nuno Carinhas para Artes Visuais; Paulo Sérgio Santos, o rosto do magazine cultural “Autores”, da SPA, transmitido ao domingo na TVI 24 para Dança; José Nuno Martins, o homem “da voz mágica”, para

»



30

A Gala traz à SPA visibilidade, prestígio, credibilidade para os autores e, sobretudo, o aumento da nossa capacidade comercial com os usuários, operadores, e a sociedade em geral



31



30 – Cristina Carvalho, encenadora de *A Orelha de Deus*, Melhor Espectáculo de Teatro fez questão de ter grande parte da equipa em palco e de saudar a iniciativa, enquanto Rui Mendes segurava no seu troféu; 31 – David Machado, autor de *O Tubarão na Banheira*, acompanhado do ilustrador do livro, discursa após receber o Prémio Melhor Livro de Literatura Infanto-Juvenil; 32 – Cristina Carvalho era uma mulher muito satisfeita com o prémio; 33 – Sílvia Filipe recebeu com emoção o Prémio para Melhor Actriz de Teatro das mãos de Beatriz Batarda; 34 – O Prémio para Melhor Actor de Teatro foi para Henrique Feist, aqui ladeado por Rui Mendes e Beatriz Batarda

32



33



34

## I GALA SPA/RTP

<<

a Rádio; e os compositores, letristas e intérpretes Carlos Alberto Moniz e Vitorino e a excelente pianista Olga Pratts, para a Música.

Na segunda parte, estiveram em foco, a jornalista e escritora Leonor Xavier e o crítico e poeta Pedro Mexia, para Literatura; o actor e encenador Rui Mendes e a actriz Beatriz Batarda, para Teatro; e o escritor Mário Zambujal, a actriz e cantora Lúcia Moniz e o compositor e administrador da SPA Tozé Brito, para a Televisão.

### PONTOS ALTOS DA CERIMÓNIA FORAM MUITOS

O discurso do Presidente do Conselho de Administração da SPA, um dos pontos importantes da cerimónia, que encerrou a primeira parte da Gala e que publicamos na íntegra, começou por incidir sobre uma das questões fundamentais para os autores “que seria o mundo sem criadores?”, para se espriar pelos objectivos desta iniciativa, afirmando, entre outros, que ela “é um estímulo para os mais jovens e o reconhecimento para os mais velhos, cria riqueza e dignifica internacionalmente a imagem do nosso país”.

Para além dos prémios de Teatro, que arrancaram aplausos calorosos à assistência, a entrega dos prémios de Televisão, os mais esperados pelos inúmeros presentes ligados a esta arte, foi um dos pontos altos da Gala. E foi com a entrega do prémio para o Melhor Programa de Informação à 2.ª série de “A Guerra”, transmitida pela RTP, de que é autor o jornalista Joaquim Furtado, que Catarina Furtado se emocionou deveras, quando abraçou o pai e lhe deu os parabéns com voz embargada.

Anunciando que a 3.ª e última série voltará em Abril, Joaquim Furtado enfatizou: “Gostaria que ‘A Guerra’ pudesse marcar uma nova atitude da televisão, uma posição diferente na historiografia portuguesa, pois foi um programa muito bem recebido por todos os quadrantes”.

Também o produtor de “Conta-me como Foi”, premiado como o Melhor Programa de Ficção, e transmitido também na RTP, marcou pontos ao reconhecer a qualidade da série e os objectivos da Gala e da SPA. “Os autores são o pilar da indústria cultural”, sublinhou, no que foi muito aplaudido. Os Gato Fedorento não marcaram presença, por exigências contratuais, segundo nos informaram, mas o realizador do programa vencedor “Gato Fedorento Esmiúça os Sufrágios”, da SIC, enalteceu o facto de a SPA ter olhado com a devida atenção para o humor que o grupo faz.

>>



**CINEMA**

**Melhor Filme**

Um Amor de Perdição de *Mário Barroso*

**A** **Morrer como um Homem** de *João Pedro Rodrigues*  
Ne Change Rien de *Pedro Costa*

**Melhor Actriz**

**A** **Margarida Carvalho** em *Veneno Cura*  
Catarina Wallenstein em *Um Amor de Perdição*  
Ana Moreira em *A Corte do Norte*

**Melhor Actor**

**A** **João Lagarto** em *4 Copas*  
Rui Morisson em *Os Sorrisos do Destino*  
Fernando Santos em *Morrer como um Homem*

Júri Jorge Leitão Ramos | Rui Tendinga | António Loja Neves

**ARTES VISUAIS**

**Melhor Exposição de Artes Plásticas**

Anos 70 – Atravessar Fronteiras, *Fundação Calouste Gulbenkian*

**A** **Casa das Histórias** – *Paula Rego*  
Imagens das Palavras – *João Vieira*  
(a título póstumo)

**Melhor Trabalho de Fotografia**

Potenciais Interstícios – *José Miguel Soares e Alexandre Marques*

**A** **Grande Retrospectiva** – *Eduardo Gageiro*  
Surrealismo – *André Boto*

**Melhor Trabalho Cenográfico**

**A** **Crucificado** – *Rui Francisco*  
Longa Jornada para a Noite – *José Manuel Castanheira*  
*Mansarda* – *André Braga, Carlos Pinheiro, Nuno Guedes e Américo Castanheira*

Júri Fernando Filipe | João Raul | António Casimiro

**DANÇA**

**Melhor Coreografia**

Talk Show – *Rui Horta*  
Void – *Clara Andermatt*

**A** **Vale** – *Madalena Victorino*

Júri Cláudia Galhós | Maria José Fazenda | Daniel Tércio

**RÁDIO**

**Melhor Programa**

Pessoal e Transmissível – *Carlos Vaz Marques*

**A** **Encontros com o Património** – *Manuel Vilas-Boas*  
Em Nome do Ouvinte – *Adelino Gomes*

Júri Mário Figueiredo | João David Nunes | Paulo Sérgio

**MÚSICA**

**Melhor Canção**

Se Esta Rua Fosse – *Álbum Tasca Beat – O sonho português, O'QUESTRADA*

**A** **Margarida** – *Álbum Kronus, Cristina Branco*  
Tempo para Cantar – *Álbum B Fachada, B Fachada*

**Melhor Disco**

**A** **Space Grace** – *Dennis González e João Paulo SOLO II* – *António Pinho Vargas*  
Luminismo – *Ricardo Rocha*

**Melhor Trabalho Música Erudita**

**A** **Música Portuguesa para um Quarteto** – *Quarteto Lopes-Graça, obras de Lopes-Graça e António Victorino d'Almeida*  
*Música Contemporânea para Piano – Três compositores algarvios* – *João Luís Rosa, obras de Joaquim Galvão, Cristóvão Silva, Tiago Cutileiro*

*Missa Grande – Coro de Câmara de Lisboa, dirigido por Teresa Gutiérrez, obra de Marcos Portugal*

Júri Rui Tentúgal | Viriato Teles | Olga Prats

**LITERATURA**

**Melhor Livro de Ficção Narrativa**

**A** **Que Cavalos São Aqueles Que Fazem Sombra no Mar** – *António Lobo Antunes*

*Deixem Passar o Homem Invisível* – *Rui Cardoso Martins*

*A Ministra* – *Miguel Real*

**Melhor Livro de Poesia**

**A** **A Luz Fraterna** – *António Osório*  
*Ofício Cantante (Poesia Completa)* – *Herberto Helder*  
*Últimos Poemas* – *Nuno Rocha Moraes* (título póstumo)

**Melhor Livro de Literatura Infanto-Juvenil**

**A** **O Tubarão na Banheira** – *David Machado*

*Azul Blue Bleu* – *Eugénio Roda*

*O Gato de Uppsala* – *Cristina Carvalho*

Júri Pedro Mexia | Rita Pimenta | Annabela Rita

**TEATRO**

**Melhor Espectáculo**

**A** **A Orelha de Deus** – *encenação de Cristina Carvalho*

*Ego* – *encenação de João Pedro Vaz*

*Demo* – *encenação de Teatro de Praga*

**Melhor Actriz**

*Custódia Gallego* em *O Vulcão e A Casa de Bernarda Alba*

*Tânia Alves* em *Querida Professora Helena Sergueievna*

**A** **Sílvia Filipe** em *Esta Noite Improvisa-se, Huis Clos e O Peso das Razões*

**Melhor Actor**

*Virgílio Castelo* em *O Camareiro*

*Gonçalo Waddington* em *Ego*

**A** **Henrique Feist** em *Máquina de Somar*

Júri Eugénia Vasques | Mónica Guerreiro | Rita Martins

**TELEVISÃO**

**Melhor Programa de Informação**

*Jornal das 9/SIC Notícias* – *SIC*

**A** **A Guerra /2.ª série** – *RTP*

*Câmara Clara* – *RTP*

**Melhor Programa de Ficção**

*Equador* – *TVI*

**A** **Conta-me como Foi** – *RTP*

*Pai à Força* – *RTP*

**Melhor Programa de Entretenimento**

*Os Contemporâneos* – *RTP*

**A** **Gato Fedorento Esmiuça os Sufrágios** – *SIC*

*5 para a Meia-Noite* – *RTP*

Júri António Loja Neves | Jorge Leitão Ramos | José Nuno Martins

**PRÉMIOS ESPECIAIS**

(atribuídos pela Direcção da SPA)

**A** **Melhor Programação Cultural Autárquica**

**A** **Prémio Vida e Obra Autor Nacional**

\*Todas as 60 obras e personalidades divulgadas nesta lista de nomeados e vencedores dos Prémios Autores SPA/RTP, distribuídas pelas 8 categorias, bem como os dois prémios especiais, receberam uma placa que o atesta. Além disso, os premiados foram ainda contemplados com troféus, criados especialmente para a ocasião por Henrique Cayatte, autor do novo logótipo da Sociedade Portuguesa de Autores





35 – Na presença do Vice-Presidente da RTP, José Marquitos, e do Administrador da SPA, João Lourenço, o Presidente da Câmara Municipal de Cascais, António Capucho, faz o elogio entusiástico do evento, depois de receber o Prémio para a Melhor Programação Cultural Autárquica; 36 – O realizador do Melhor Programa de Entretenimento *Gato Fedorento Esmiuça os Sufrágios*, Teotónio Bernardo, representou com entusiasmo das mãos de Tozé Brito o troféu que disse pertencer a Ricardo, Zé, Tiago e Miguel; 37 – O produtor de *Conta-me como Foi*, Melhor Programa de Ficção, fez questão de salientar que os autores são o pilar da indústria cultural. A seu lado, destacada, Cristina Soares, produtora desde o primeiro dos 104 episódios desta série, e Lúcia Moniz, que fez a entrega do galardão

35



37

## I GALA SPA/RTP

«

### JÚLIO POMAR, PRÉMIO VIDA E OBRA AUTOR NACIONAL, OVACIONADO DE PÉ

Antes da entrega dos Prémios Especiais atribuídos pela Direcção da SPA, o encenador e administrador da cooperativa, João Lourenço, também veio à cena para recordar, acompanhado de imagens projectadas, a pintora, figurinista e cenógrafa Vera Castro, que, como já referimos, morreu na madrugada do dia 8 de Fevereiro. Ele foi um dos encenadores com quem ela tinha trabalhado (ver secção Os que partiram). Coube ao vice-presidente da RTP, José Marquitos, a responsabilidade de galardoar António Capucho, presidente da Câmara Municipal de Cascais, que recebeu o Prémio de Melhor Programação Cultural Autárquica. E com todo o mérito, como já nos foi dado especificar.

Guilherme Costa e Manuel Freire, presidentes respectivamente da RTP e da SPA, estiveram lado a lado para atribuir, por fim, a maior distinção da Gala, o Prémio Vida e Obra Autor Nacional, ao conceituado artista plástico Júlio Pomar, de 84 anos, “que percorreu 60 anos da sua vida e carreira a reinventar o mundo” e a “remar contra a maré”. Uma prolongada ovação de pé da numerosa assistência no directo transmitido do CCB culminou o seu discurso de agradecimento, que acabava exaltando os presentes: “Gostem muito... e completem a frase como quiserem!”

### ACTUAÇÕES MUSICAIS À ALTURA DOS PREMIADOS

As actuações musicais, que entremearam as cerimónias de entrega de prémios, estiveram também à altura dos galardoados e do conceito que presidiu à Gala, ou seja, vieram de várias áreas geográficas e da música.

Entre o Cinema e as Artes Visuais, actuou a pianista, compositora e uma das melhores cantoras de jazz do mundo Aziza Mustafa Zadeh, do Azerbaijão, que repetiu na segunda parte a sua performance, então com uma composição bem alegre, antecedendo a entrega dos Prémios para Televisão.

Ainda na primeira metade do espectáculo, foi a vez de Rui Veloso e o seu “Chico Fininho” preencherem o espaço entre a entrega dos prémios de Dança e Rádio.

A primeira parte terminou com a actuação de Pedro Abrunhosa, interpretando a conhecida canção “P’ra cima, p’ra baixo” e seria ainda ele, juntamente com Rui Veloso, quem abriria a segunda metade da Gala.

Os Deolinda encerraram musical e literalmente a Gala com o tema “Mal por Mal”.  
*Edite Esteves*



- 1 – O evento tem a denominação “Prémios AUTORES – SPA/RTP”.
- 2 – Os PA-SPA/RTP foram criados e são propriedade da Sociedade Portuguesa de Autores, em parceria com a RTP.
- 3 – É objectivo dos PA-SPA/RTP promover a excelência nas várias áreas de criação em que a SPA actua.
- 4 – São apenas elegíveis para consideração obras e eventos que tenham sido editados/publicados/exibidos, em Portugal, com autores portugueses, durante o período de Janeiro até Dezembro do ano anterior ao da atribuição dos prémios.
- 5 – Estão a concurso os seguintes PA-SPA/RTP:
  - 5.1 Cinema:
    - a) Melhor Filme;
    - b) Melhor Actriz;
    - c) Melhor Actor;
  - 5.2 Artes Visuais
    - a) Melhor Exposição de Artes Plásticas;
    - b) Melhor Trabalho de Fotografia;
  - 5.3 Publicidade:
    - a) Melhor Spot Publicitário
  - 5.4 Rádio:
    - a) Melhor Programa de Rádio;
  - 5.5 Dança:
    - a) Melhor Coreografia;
  - 5.6 Música:
    - a) Melhor Canção;
    - b) Melhor Disco;
    - c) Melhor Trabalho de Música Erudita;
  - 5.7 Literatura:
    - a) Melhor Livro de Ficção Narrativa;
    - b) Melhor Livro de Poesia;
    - c) Melhor Livro de Literatura Infanto-Juvenil;
  - 5.8 Teatro:
    - a) Melhor Espectáculo;
    - b) Melhor Actriz;
    - c) Melhor Actor;
    - d) Melhor Trabalho Cenográfico;
  - 5.9 Televisão:
    - a) Melhor Programa de Informação;
    - b) Melhor Programa de Ficção;
    - c) Melhor Programa de Entretenimento;
- 6 – Poderão existir prémios especiais, nomeadamente, para a melhor programação cultural autárquica, para um autor internacional e para a vida e obra de um autor nacional.
- 7 – Os prémios especiais serão atribuídos pela Direcção da SPA.
- 8 – Os outros prémios serão atribuídos por júris por especialidade, de três membros cada, designados pela Administração da SPA ou por quem ela delegar.
- 9 – A constituição dos júris será tomada pública.
- 10 – Os júris, secretariados por um elemento administrativo da SPA, reunir-se-ão por duas vezes, em datas que não poderão exceder 8 de Janeiro.
- 11 – Numa primeira reunião cada júri elegerá um presidente e designará três nomeados em cada um dos prémios da categoria que lhe competir.
- 12 – Numa segunda reunião, em boletim a fornecer pela SPA, cada membro do júri deverá votar entre os três nomeados: 5 pontos para o que considerar em primeiro lugar, 3 pontos para o segundo e 1 ponto para o terceiro. Este boletim será assinado e fechado em envelope.
- 13 – A Administração da SPA ou quem ela designar procederá ao apuro dos vencedores.
- 14 – Em caso de empate, a Administração da SPA ou quem ela designar chamará o presidente do respectivo júri que usará de voto de qualidade para desempatar.
- 15 – Alguns dos prémios poderão não ser entregues, caso o júri considere não haver qualidade.
- 16 – Os júris são soberanos e das suas deliberações não cabe recurso.
- 17 – Os vencedores dos PA-SPA/RTP serão divulgados exclusivamente na data da apresentação final, durante a Gala da SPA a promover em parceria com a RTP.
- 18 – Todas as obras e personalidades divulgados na lista de nomeados e vencedoras dos PA-SPA/RTP receberão uma placa que o atesta. Os vencedores receberão ainda troféus.
- 19 – Os prémios serão entregues aos visados ou a um representante nomeado.



A Gala transformou-se na concretização de um sonho, que era a SPA ter um programa num canal de televisão, principalmente numa estação pública, com uma enorme visibilidade





41



42



43



44



45

38 – O Secretário de Estado da Cultura, Elísio Summaviel e esposa com Ana Madureira; 39 – José Nuno Martins e mulher; 40 – António Torrado com António Manuel; 41 – Miguel Guilherme faz o elogio da premiada série televisiva da RTP *Conta-me como Foi*, de que é um dos protagonistas, com grande parte do elenco presente em palco; 42 – José Raposo com uma amiga; 43 – José Niza, Guilherme Costa, Fernando Pinto Monteiro e Manuel Freire; 44 – A equipa divertida do programa de entretenimento nomeado *5 para a Meia-Noite* no intervalo da Gala; 45 – A actriz Sandra Faleiro



## JOSÉ JORGE LETRIA FAZ BALANÇO DE I GALA PRÉMIO AUTORES SPA/RTP

# “A imagem da SPA e dos autores saiu muito valorizada”

Num balanço minucioso para a revista “Autores” sobre aquele que já é considerado o evento mais importante na programação da Sociedade Portuguesa de Autores – a Gala Prémio Autores SPA/RTP -, o Presidente do Conselho de Administração da SPA salientou que, na primeira edição, realizada no dia 8 de Fevereiro no CCB e transmitida em directo para todo o mundo pela estação pública de televisão, “a imagem da SPA e dos autores saiu muito valorizada”.

“Nós, direcção e administração da SPA - disse - consideramos que a Gala foi muito positiva e que se transformou na concretização de um sonho de sempre, que era a SPA ter um programa num canal de televisão, principalmente numa estação pública, com uma enorme visibilidade e com um universo de apresentação ao público que ultrapassa aquilo que é comum, porque não é só um programa de televisão, é um programa transmitido em directo pela RTP 1, pela RTP África, RTP Ásia e RTP Internacional.”

Para José Jorge Letria, “a imagem da SPA e dos autores saiu muito valorizada”, pois em circunstância alguma, em toda a história da SPA, o nome da cooperativa e dos autores foi tantas vezes nomeado e citado. Na verdade, não houve, praticamente, uma frase de uma pessoa em palco que não tivesse citado a SPA e saudado a iniciativa.

Os responsáveis da SPA consideram também que “o nível médio das nomeações foi muito alto”, de resto confirmado pela decisão dos júris em relação aos prémios. Portanto, os prémios, desde a poesia ao cinema, da dança ao teatro, “foram, realmente, prémios que representam o que de melhor se faz hoje em Portugal, em todas as disciplinas criativas”, sublinhou José Jorge Letria.

A atestar o nível atingido pela Gala, o vice-Presidente

da SPA fez saber que o retorno que se teve apenas dois a três dias após a sua transmissão “foi impressionante”. De gente de todo o lado, chegaram à cooperativa, sobretudo e-mails de pessoas conhecidas e desconhecidas, do Luxemburgo, da Alemanha, de Estrasburgo, da Bélgica (Bruxelas), de muita gente que viu, que tem consideração pela SPA e que se interessa pela vida intelectual portuguesa. “Para a RTP, isto também é importante, porque as audiências são medidas na RTP 1 e não abrangem a RTP África e a RTP Internacional, porque não é contabilizável”, considerou. Portanto, “isto cria uma grande responsabilidade à SPA e uma responsabilidade positiva, dada a imagem que isto deixa por todo o país”.

### “A SPA GANHOU UMA DIMENSÃO PÚBLICA MUITO POSITIVA”

Porque, uma coisa é ter um programa de televisão, seja na TVI, seja na RTP, como a cooperativa de autores vai ter em Abril - um programa semanal num horário bom -, e outra é ter um programa de topo, de audiência, “um programa que foi visto por centenas de milhares de pessoas”.

“O importante é a imagem nova da SPA que isto cria”, enfatiza o responsável da sociedade de autores. E explica: “Uma coisa é a SPA que o público em geral conhece, que os usuários conhecem porque têm de pagar as taxas correspondentes ao direito de autor, e outra coisa é o grande público em geral ter ouvido falar ali dos autores, dos seus direitos, da criatividade que desenvolve economia”.

Para José Jorge Letria, isto criou uma nova imagem que a direcção e a administração acham que se vai reflectir de uma forma muito positiva no seu relacionamento com a sociedade em geral, mas em



particular com os utilizadores das obras dos autores, desde os restaurantes aos hotéis, dos produtores de espectáculos até aos grandes operadores – televisões, rádios -, passando pelas forças policiais, magistratura, que é também o que interessa à instituição.

“A SPA, com esta Gala, e com as que haverá nos próximos anos, ganhou uma dimensão pública e uma visibilidade pública que, do nosso ponto de vista, vai ser muitíssimo positiva na visão que as pessoas que lidam com a SPA vão ter dela”, asseverou, explicando que aquele conceito sobre a SPA de ser apenas “aquela entidade repressiva, que cobra” não é correcto. A partir daqui, está convencido que as pessoas vão perceber que a SPA também é aquela Gala, aqueles rostos, aquelas pessoas. “Isto é, realmente, muito positivo para nós e, nesse sentido, pode dizer-se que, em termos de imagem e de credibilidade pública, há uma SPA antes da Gala e há uma SPA depois da Gala. Isso é muito claro. Porque a Gala deu uma visibilidade à SPA, que a SPA nunca tinha imaginado ter”, afirmou.

#### **“A NOVA IMAGEM DA SPA IMPÔS-SE COM O A E O SEU CONCEITO”**

Os responsáveis da SPA ficaram também muito satisfeitos com a presença na Gala de personalidades da vida pública portuguesa, desde membros do Governo ao Procurador-Geral da República, porque consideram que este diálogo com os poderes públicos também constitui um reconhecimento da credibilidade institucional da SPA. “A SPA, com mais de 23 mil associados portugueses de todas as disciplinas, é, cada vez mais, um parceiro cultural e social e, portanto, achámos que estas presenças são um sinal de que o nosso papel, o nosso lugar, a nossa função são reconhecidos”.

Por outro lado, segundo referiu José Jorge Letria, “sem dúvida que com a presença constante do novo logótipo, desde o programa ao cenário - o A do Henrique Cayatte -, definitivamente, o logótipo antigo e a imagem antiga da SPA morreu”. E adiantou: “Esperamos também, e espero eu, sinceramente, que, com esta morte, se enterrem também hábitos antigos, tíques burocráticos, incapacidade de agilizar os procedimentos e toda uma mentalidade que é velha e errada. Esta nova imagem da SPA associada à palavra-conceito AUTOR, impôs-se definitivamente. E a SPA hoje continua a ser Sociedade Portuguesa de Autores, mas a sua base estrutural é o conceito AUTORES e a letra A, que lhe está ligada.”

O que é ainda importante neste balanço é que a Gala veio mostrar várias coisas importantes. O Presidente do Conselho de Administração especifica: “Uma delas é que – ao contrário do que foi dito na própria Gala – nós não somos a única sociedade de autores europeia que tem um programa na televisão, nós somos a única sociedade de autores no mundo (há 212) que consegue ter um programa de televisão e uma Gala anual feita com uma estação de televisão pública”.



## **Novo programa semanal na RTP 2 começa em Maio**

À semelhança de “Autores”, em fase final de transmissão na TVI 24, a SPA passa a ter um novo programa semanal, agora na RTP 2. Segundo assegurou, no final de Fevereiro, à nossa revista o Presidente do Conselho de Administração da SPA, “as coisas estão muito bem encaminhadas para que o novo programa comece em meados de Abril”, a seguir à última sessão emitida pela TVI 24, no dia 11. No entanto, no passado dia 24, um comunicado da Administração dava conta que o programa começaria a ser emitido nos princípios de Maio. O novo programa na RTP2 vai chamar-se “A de Autor”, fazendo jus ao conceito de Autores, a “chave” da cooperativa.

“A de Autor” será apresentado igualmente por Paulo Sérgio, que tem vindo a dirigir o magazine cultural da TVI 24, constituído por 26 programas (ver notícia noutro local), e irá ter uma configuração diferente, porque vai decorrer em dois espaços separados do mesmo *plateau*: um espaço de conversa e de entrevista e um outro de actuação, de *performance*, de espectáculo, onde vão actuar músicos, actores, bailarinos e outros autores de diversas áreas. Para além de continuar a manter testemunhos gravados, como acontece com “Autores” na TVI 24.

“Vai basear-se em conceitos que já utilizámos no programa da TVI 24, que é utilizarmos alguns binómios: autores mais velhos com autores mais novos e misturar disciplinas”, confiou à “Autores” José Jorge Letria, acrescentando: “Depois, será um programa abrangente, em termos geográficos, levando em conta Norte, Sul e outros pontos do país, levará em conta, também, o equilíbrio de género, e ainda as novas expressões, as novas disciplinas de criação, que têm a ver com as novas tecnologias. E onde, uma vez por outra, também se debaterá a própria questão do direito de autor, a legislação, mas sempre de uma forma acessível e simples, para não afugentar o público.”

Com isto, a SPA, além de ter a Gala na televisão pública, vai passar a ter também um programa semanal, na RTP 2, que, “para já, vai ter uma primeira série de 13” e, eventualmente, se correr bem, poderá prolongar-se até 26 e vir a ser um semestre de programas. “Mas, para nós, o importante, tal como aconteceu na TVI 24, é fazer deste programa um espaço criativo de muita qualidade e polivalência, onde os autores tenham voz e onde o seu trabalho e as suas obras sejam apreciados e bastante visíveis”, concluiu. *EE*



### “O QUE ESTÁ EM CAUSA É O QUE A GALA TRAZ À SPA”

É fundamental dizer que há sociedades muito maiores e mais ricas que a portuguesa, mas a SPA, num ano de imensa crise, social, económica e financeira, conseguiu não só não despedir pessoal, como ainda conseguiu fazer uma Gala e um programa televisivo. “Apesar de tudo - evidenciou - isto é um sinal de estabilidade. Mostra que, quando temos em confronto, o acessório e o essencial, nós temos é de nos concentrar no essencial. Quando se atinge um objectivo destes, verificamos que, realmente o acessório, que normalmente está ligado à mesquinhez, à inveja e à pequenez de carácter, não vale nada”.

Há entidades públicas e privadas que passam décadas a tentar ter um programazinho na televisão, um tempozinho de antena, e a SPA não teve um tem-

pozinho de antena, conseguiu “a parceria para o mais importante programa da televisão pública”, conforme sublinhou José Jorge Letria. “Olhando para esta Gala, é bom que as pessoas que, por inveja, por ambição pessoal, por mesquinhez moral, que não gostam do actual modelo da SPA, percebam que a imagem actual da SPA é uma imagem credível, respeitada, digna, com grande elevação cultural e social, e que tudo aquilo que façam para diminuir ou afectar esta imagem está a prejudicar um investimento dos autores e da instituição”.

José Jorge Letria chama mesmo a atenção para que “a maldade invejosa de algumas pessoas menores pode, num contexto de causar prejuízo, afectar a própria continuidade da Gala”. E alerta: “O que está hoje em causa não é a Gala, não é o espectáculo em si, é o que a Gala traz à SPA: visibilidade, prestígio, credibilidade para os autores e, sobretudo, o aumento

da nossa capacidade negocial com os usuários, com os operadores, com a sociedade em geral”.

“Esse aspecto para nós é fundamental”, reforça o Presidente do Conselho de Administração da SPA, relevando: “Graças a esta conquista – uma conquista muito sofrida, muito trabalhada –, nós conseguimos, salvaguardadas as distâncias e as diferenças, transformar-nos um pouco numa instituição semelhante ao que pode ser a Academia de Hollywood que atribui os Óscares. Somos a única instituição em Portugal, estando profundamente enraizada na vida cultural e artística – e aqui não estamos a falar de votações através de revistas cor-de-rosa e outras, estamos a falar de júris idóneos, rigorosos - que, anualmente, vai escolher a melhor produção. É por nomeação de um júri”.

E rematou: “Hoje, somos uma instituição realmente reconhecida, prestigiada, aceite e estamos convencidos



José Fragoso, José Jorge Letria, José Marquitos e João Lourenço durante a conferência de imprensa para apresentação da Gala SPA/RTP

que tentar estragar isto é, não só prejudicar um grande espectáculo de televisão, mas fazer mal aos autores da SPA. Porque esta Gala vai ajudar os autores a terem mais trabalho, a terem mais reconhecimento público, não só em Portugal, como no estrangeiro.”

#### “UM ESPAÇO ÚNICO TELEVISIVO PARA UM ESPECTÁCULO COM GRANDE CULTURA”

Obviamente, agora, a SPA irá analisar o que foi a Gala em parceria com a RTP, visto tratar-se de um produto da RTP para o qual a SPA fornece os seus conteúdos. O que transmitiu até ao momento a RTP é uma avaliação muito positiva do que foi feito. Tanto o director de programas, como a estrutura de administração da RTP o que transmitiram à SPA, sem que isto represente um compromisso, é que “foi uma boa aposta”. E, acrescenta José Jorge Letria, “pensam o mesmo que nós: é, neste momento, um espaço único na televisão portuguesa em que se pode fazer um grande espectáculo com grande cultura”. Na verdade, não é preciso fazer cedências, pode-se fazer um grande espectáculo de televisão, com ritmo, com boa música, com boa comunicação, com boa imagem e transmitindo ou partilhando grande cultura. O vice-presidente da SPA empolga-se: “Realmente, nunca tinha acontecido num espectáculo de televisão em Portugal, um grande poeta em final da sua carreira ir a um palco receber um prémio de poesia! Estou a falar de António Osório, porque acho que é o melhor exemplo. Claro que o prémio para o Júlio Pomar é também um momento elevadíssimo e é impressionante ver uma sala inteira de pé a aplaudir um grande pintor que muitas das pessoas não conhecem e que o público em geral, infelizmente, também não conhece, mas que foi aplaudido durante muito mais tempo que um músico popular ou que um político ou um futebolista! E isto mostra que havia, não só na Gala, como na sala, um ambiente muito positivo, de

grande confiança e de grande entusiasmo, porque senão isto não tinha acontecido.”

#### “PARA O ANO, HÁ MAIS PRÉMIOS: DOIS NACIONAIS E UM INTERNACIONAL”

Para o próximo ano, há acertos que vão ser feitos, nomeadamente, a SPA está a considerar a possibilidade de criar, no âmbito das disciplinas, um prémio para o guionismo e um prémio para o melhor texto de teatro português, levado à cena no ano anterior. Isto corresponde a preocupações e anseios de pessoas que são da SPA e que transmitiram já esta ideia, com a qual os responsáveis da cooperativa concordam, por isso vão propô-la à RTP.

Depois, no próximo ano, seguramente, irá ser outorgado, pela primeira vez, o Prémio Internacional Autores, que será atribuído a uma figura de representatividade mundial de uma das disciplinas que a SPA representa. É de crer que o primeiro premiado ou seja um compositor ou um realizador de cinema. Há vários nomes, neste momento, em análise.

Há, naturalmente, correcções a fazer, até na avaliação dos repertórios que por ali vão passar, mas José Jorge Letria faz questão de referir o contributo fundamental que foi dado por João Lourenço, por Tozé Brito e por António Casimiro em termos da preparação do espectáculo, da negociação com a RTP e depois dos aspectos finais, que vão desde o elenco até ao cenário. “Pessoas de grande experiência que são da direcção e da administração da SPA que – disse - com a sua experiência e com a sua ligação à RTP, permitiram também aperfeiçoar e garantir uma boa cenografia, um bom alinhamento, um bom ritmo”.

Por outro lado, o responsável da SPA notou também que as equipas da SPA e da RTP entenderam-se muito bem na montagem do espectáculo, foram equipas muito competentes, muito experientes: “Não posso deixar de referir o excelente diálogo que tivemos com a RTP desde que nos sentámos à mesa pela primeira vez, eu e o José Marquitos, e

depois, numa fase já mais avançada, o José Fragoso. Foi, realmente, todo um processo de diálogo construtivo, criativo, com imaginação, com uma grande vontade de fazer triunfar o projecto com esta perspectiva: se é bom para uns é bom para os outros.”

#### “VAI HAVER UMA DINÂMICA PRÓPRIA VIRADA PARA A GALA”

“A nossa intenção – assegurou José Jorge Letria – é continuarmos no CCB, que é um espaço de grande prestígio, é uma sala extraordinária, uma sala com uma acústica fantástica e que tem uma corrente natural de público. “

Portanto, no próximo ano, todo este processo estará em aberto, desde logo a programação, e – é importante referir – vai-se começar a trabalhar mais cedo. Ter-se conseguido fazer esta Gala como se fez, no tempo em que fez, foi, realmente, um feito. Em menos de três meses. Arrancou-se em Novembro – para concluir o elenco, escolher jurados para os diversos júris, reunir os júris, toda a parte formal e de sigilo que envolve as reuniões dos júris e conseguir respeitar os prazos da RTP, que foi muito clara - até 8 de Janeiro, a SPA tinha de ter tudo pronto -, foi, realmente, uma vitória, que só foi possível, porque “houve uma boa equipa a trabalhar dentro da cooperativa”, conforme acentuou José Jorge Letria. “Não foi uma coisa que desse grande alarido, mas, desde a equipa do DACRE até ao funcionamento dos júris e o acompanhamento com a Endemol e a RTP, tudo isto funcionou muito bem.” E concluiu: “Nós temos eleições no final deste ano, mas seja qual for a decisão do eleitorado da SPA, a Gala do próximo ano terá de começar a ser muito bem preparada já. A partir da reunião de balanço que tivemos com a RTP, começámos já a preparar a próxima Gala, porque é preciso organizar os júris, rever as disciplinas, acertar pormenores com a RTP, portanto, vai haver uma dinâmica própria virada para este evento.” *Edite Esteves*

## JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA FAZ CAPA DE "O GLOBO" NO BRASIL



### O "cenógrafo dos sonhos" ensina a sua arte no Rio de Janeiro

Reconhecido internacionalmente como um dos maiores cenógrafos do mundo, "um cenógrafo dos sonhos", como o define o encenador brasileiro Aderbal Freire-Filho, com quem tem trabalhado assiduamente,



### TERTÚLIA DE PARCERIA DAS UNIVERSIDADES COM A SPA "Letras com(n) Vida" comemora centenário da República

A Tertúlia "Letras com(n) Vida", uma promoção de parceria da SPA com a Universidade, representada pelo CLEPUL (Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa), está a realizar de forma descentralizada, como é seu objectivo, uma série de sessões que se integram nas comemorações do centenário da República. Nesse âmbito, no passado dia 24, foi feita a apresentação da obra "Ordens e Congregações Religiosas no Contexto da I República" por Miguel Real, sob a coordenação de Luís Machado de Abreu e José Eduardo Franco. A sessão decorreu na Capela do Largo do Registo Civil de Rio de Mouro Velho e foi organizada pela Escola Secundária de Mem Martins e pela Junta de Freguesia de Rio de Mouro. Em Maio e Junho próximos, o CLEPUL e a Delegação de Coimbra da Universidade

José Manuel Castanheira foi capa destacada do segundo caderno do jornal "O Globo", no passado dia 23 de Janeiro. Com uma foto a toda a largura da página, a reflectir a importância da luz no seu jogo cenográfico, o artigo intitulado "A vocação de criar espaços" dá conta do seu mais recente trabalho no Rio de Janeiro - a direcção de um ateliê no Teatro Poeira, onde ensina a sua arte - e aproveita para passar em revista o presente e o futuro do seu ofício.

O cenógrafo, arquitecto, pintor e professor universitário português, José Manuel Castanheira, que saltou do quase anonimato para o Centro George Pompidou, em Paris, onde expôs, em 1993, cenários que espantaram o mundo teatral, numa retrospectiva do seu trabalho ao lado de mais de meia centena de encenadores e companhias do mundo inteiro, tem passado as últimas três décadas da sua vida a criar espaços em palco e em plateaux sobretudo em Espanha, Itália, França e Brasil.

Um autodidacta consciente e estudioso nesta sua arte, José Manuel Castanheira, que é cooperador da SPA e já foi membro da direcção da nossa cooperativa, tem levado o nome de Portugal e dos autores portugueses pelo mundo fora, facto de que muito se orgulha a actual direcção e administração da Sociedade Portuguesa de Autores a que pertence. Caso deste destaque na influente imprensa do Brasil, país onde tem passado a maior parte da última década e que lhe presta as

Aberta unem-se para algumas sessões sobre a temática do centenário da República, efectuando-se a sessão de abertura a 20 de Maio, na Sala de Actos da Delegação de Coimbra da Universidade Aberta. Participam nestas sessões Amadeu Carvalho Homem (Professor Catedrático da Universidade de Coimbra), João Relvão Caetano (Pró-Reitor da Universidade Aberta), Rosário da Cunha Duarte (Directora da Delegação de Coimbra da Universidade Aberta) e Dionísio Villa Maior (Universidade Aberta).

Ainda com participantes, dias e locais a indicar, em Outubro decorrerão mais sessões, desta feita, em Faro, com a coordenação de Petar Petrov da Universidade do Algarve.

#### OUTRAS SESSÕES, OUTROS TEMAS

A Tertúlia "Letras com(n) Vida" realizou ainda, durante este mês de Março, uma sessão no dia 6, na FNAC do Chiado, sob o tema "Edição e Impressão", com a participação do editor Rui Nunes da Silva e do gráfico Carlos Barbosa, tendo a coordená-la Annabela Rita, directora do CLEPUL (Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa), instituição promotora destes encontros, juntamente com a SPA.

No dia 12, decorreu no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal, a 3ª sessão da Tertúlia "Letras Com(n)Vida e Medicina" naquela cidade sadina, com uma conferência proferida por Fernando Cristóvão (Professor Catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade do Lisboa, Vice-Presidente do CLEPUL, ex-Presidente do antigo ICALP (hoje, Instituto Camões) e da ACLUS). "A

tradição Cultural Setubalense: Personagens de Referência" foi o tema da exposição. Uma sessão especial teve também como objectivo a doação de fundo bibliográfico. Por último, o calendário da diversificada "Letras com(n) Vida" deste mês incluiu uma sessão no passado dia 24 coordenada também por Annabela Rita, e que decorreu no Auditório Maestro Frederico de Freitas da Sociedade Portuguesa de Autores. José Augusto Ramos e Luís Araújo, ambos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, falaram sobre o tema "A Criação do Mundo e do Homem no Egito e em Israel". Para saber mais sobre a programação da Tertúlia Letras com(n) Vida, pode consultar-se o sítio da internet <http://sites.google.com/site/tertuialetrascosmvida/programacao>.

### CONCURSO PARA JOVENS ESTUDANTES DOS 12 AOS 18 ANOS AGECOP promove Grande C para incentivar a criatividade

O Projecto Escolas – Concurso de Criatividade Grande C®, que conta com o apoio da Ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas, da Ministra da Educação, Isabel Alçada, do Ministro dos Assuntos Parlamentares, Jorge Lacão, e da Comissária Europeia para os Assuntos dos Consumidores, Meglena Kuneva, foi apresentado no dia 15 de Janeiro, na Fnac do Colombo, em Lisboa. O projecto é promovido pela AGECOP – Associação para a Gestão da Cópia Privada, em colaboração com os seus associados, que são as sociedades de



maiores homenagens.

José Manuel Castanheira, nascido em Castelo Branco há 58 anos, divide a sua vida profissional entre o ensino da Arquitectura, a cenografia e as artes plásticas. Para além de membro da Direcção da SPA, entre outros cargos institucionais, foi Assistente de Direcção na Fundação Calouste Gulbenkian, no Serviço Acarte entre 1990 e 1995, Director Técnico do Teatro Nacional D. Maria II, de 1994 a 1998, Presidente da Comissão Executiva da Castelo Branco Capital do Teatro e Director Artístico Adjunto/Vogal do Conselho de Administração do Teatro Nacional D. Maria II, de 2006 a 2008.

gestão colectiva que representam os autores, os artistas, os produtores e os editores. A Fnac, a TMN e o SAPO são alguns dos parceiros que apoiam o Grande C, que conta ainda com a adesão de vários órgãos de comunicação social. O Grande C é um concurso de criatividade para os jovens dos 12 aos 18 anos através das escolas. Para participar, devem criar uma obra original numa das seguintes categorias: Música, Letra, Design, Vídeo, Plano de Promoção On-Line, Escrita Criativa e Media. Os melhores trabalhos serão premiados com a respectiva produção e divulgação. Os alunos, os professores e as escolas são convidados a participar neste desafio através do site [www.grandec.org](http://www.grandec.org), que contém vídeos de apoio de autores, artistas e profissionais das indústrias criativas ligados a cada categoria. Estes vídeos servem igualmente para acompanhar e orientar os concorrentes ao longo de todo o projecto. Zé Pedro (Xutos e Pontapés), Sónia Tavares (The Gift), Vítor Norte, Catarina Wallenstein, João Botelho, Tozé Brito, Pedro Osório, José Jorge Letria, Alice Vieira, Paulo Abelho, Jorge Pelicano, Martim Avillez Figueiredo são alguns dos nomes bem conhecidos de todos que protagonizaram o apoio a esta iniciativa através de vídeos que podem ser vistos em [www.grandec.org](http://www.grandec.org). O concurso, que abrangerá 100 escolas e 130 potenciais artistas do Ensino Secundário e 3.º Ciclo, tem prazo de recepção das obras até 30 de Abril, de seguida a festa de entrega de prémios ocorrerá a 19 de Junho próximo.

FOI UMA SESSÃO bem à medida de António Cartaxo a que encheu o Auditório Frederico de Freitas da SPA, no passado dia 4 de Fevereiro, para assistir ao lançamento do seu livro de memórias “Quase Verdade como são Memórias”, da editora Colibri. Com leveza, rigor e bom gosto, o grande comunicador António Cartaxo, “um dos maiores autores da História da Rádio em Portugal”, como o classificou, em Outubro de 2006, José Nuno Martins, o Provedor do Ouvinte da Rádio Pública, no programa “Em Nome do Ouvinte”, transmitiu ao vivo naquele espaço privilegiado uma série de histórias que fizeram as delícias de todos quantos aceitaram o seu convite, especialmente os muitos admiradores e amigos de todas as épocas da sua vida, um percurso de 76 anos. Ele e Maximiano Gonçalves, que com ele trabalhou estreitamente na RDP2, e que foi o

ainda o facto de António Cartaxo ir lançar nessa mesma semana uma outra obra muito oportuna, esta editada pela Caminho: “Efemérides Românticas”.

“Este é um livro de iniciação aos compositores românticos, como Mendelson, Liszt, Schumann, Chopin, até Mahler”, referiu, aproveitando para anunciar que António Cartaxo irá continuar a fazer sessões de música comentada na Sociedade Portuguesa de Autores, como já tinha feito anteriormente. Exemplo disso e de que damos conta noutra local, seria a sessão dedicada a Chopin e a Schumann, para celebrar o bicentenário do nascimento de ambos, que decorreria no passado dia 22 deste mês.

Procedendo sempre com “uma mestria comunicacional única e exclusiva”, de facto, conforme sublinhou José Nuno Martins na sua apreciação de excelência deste “grande trunfo do Serviço Público

#### CD TOCADO PELO FILHO E COM NARRAÇÃO SUA

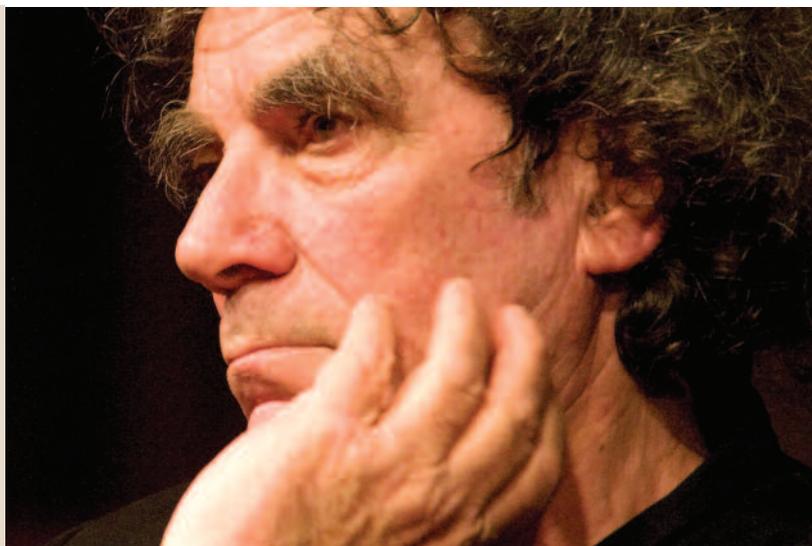
Melómano convicto e hiper-informado, António Cartaxo, pode dizer-se, viveu sempre com a música. Do lado do pai, teve três tias pianistas em Évora, e do lado da mãe, músicos do teatro de revista. O tio Vasco Macedo notabilizou-se com a “Canção do Cigano” celebrizada por Alberto Ribeiro. E a mãe costumava levá-lo aos concertos de Pedro de Freitas Branco.

Depois da sua estada em Londres, compunha canções. Em 1972, foi editado um álbum seu intitulado “País de Cravos País de Cardos”. Mais recentemente, musicou um inédito em inglês de Fernando Pessoa.

Autor de programas radiofónicos como “Em Sintonia com António Cartaxo” e “De Olhos Bem Abertos”, foi também durante mais de 20 anos docente na Faculdade de Letras de Lisboa e leitor de Português na Universidade

#### LIVRO DE MEMÓRIAS LANÇADO NO AUDITÓRIO FREDERICÓ DE FREITAS

## António Cartaxo transmite excelência de comunicação e saber



responsável pela apresentação da obra.

Uma sessão que se transformaria num programa quase radiofónico, à semelhança daqueles com que costuma presentear os ouvintes da estação pública, onde permanece desde 1976. “António Cartaxo foi uma das pessoas que mais contribuíram em Portugal para a divulgação da grande música para públicos não eruditos”, diria José Jorge Letria, quando abriu a sessão, manifestando a sua grande admiração pelo autor, aliás, já concretizada, lembrou, através da atribuição da Medalha de Honra da SPA, em 2005, aquando da celebração dos 80 anos da cooperativa

#### SESSÕES DE MÚSICA COMENTADA NA SPA

Enumerando os programas de que António Cartaxo é autor e de que o Presidente do Conselho de Administração da SPA é ouvinte atento, designadamente “Grandes Músicas”, no canal 1 e 2 da RDP em versão curta, e depois em versão alargada na Antena 2, e mencionando, entre outros, “Paixões Cruzadas”, que ele fez com António Macedo, José Jorge Letria enalteceria

da Radiodifusão”, “é um imenso prazer para os sentidos fruir do clima interior e interiorizado dos seus textos e da sua voz, acompanhando o ouvinte em mágicos percursos pelos tempos e pelos espaços da vida dos músicos de todos os tempos”.

Por isso, augura-se de enorme interesse as próximas sessões de música comentada na SPA por este estudioso e amante da música e entusiástico contador de histórias, sem formação musical, mas que, com a sua licenciatura em Letras, aproveitou os muitos anos da sua vida passados em Londres, no Serviço Português da BBC, de 1962 até ao 25 de Abril, para angariar profundos conhecimentos na área musical, através da facilidade de acesso a bibliografias e discografias que não existiam então em Portugal. Teve, mesmo, oportunidade de frequentar um curso livre de Musicianship.

As razões que o levaram a publicar agora este seu livro de memórias explicou-as eles: “Primeiro, à medida que vamos entrando na idade, vamos-nos esquecendo das coisas e passamos a ficcioná-las; segundo, esta é a melhor maneira de contar ao meu filho, que tem 20 anos, o que foi a minha vida”.

de Varsóvia. Galardado com prémios nacionais e internacionais de rádio em Barcelona, Brno e Budapeste, António Cartaxo, com toda a sua criatividade, foi Prémio Gazeta de Jornalismo em 1978 com um programa dedicado a Fernando Lopes-Graça, em que confrontou os operários da Sorefame com música erudita. Deslocou-se à Amadora e ali colocou música erudita gravada, enquanto os trabalhadores malhavam o aço; depois, gravou as suas opiniões...

Foi também num estúdio improvisado que, na sessão da SPA de dia 4 de Fevereiro, o autor resolveu fazer uma surpresa aos seus ouvintes presentes. Estava programado no final um recital do repertório romântico interpretado pelo seu filho, o jovem pianista António Maria Cartaxo, como rezava o convite. Todavia, como este ficara retido no aeroporto de Bruxelas, cidade onde é músico, colocou um CD que vem integrado no livro escrito pela sua ex-mulher, Rosa Mesquita, intitulado “O meu Primeiro Chopin”, uma edição da D. Quixote de 2009.

A feliz particularidade é que o disco é tocado, realmente, pelo seu filho, e a narração é dele. Um forte aplauso coroou, naturalmente, a iniciativa e toda a sessão. Um exemplo de excelência de comunicação e saber. *Edite Esteves*

**PARA APROFUNDAR ÁREAS  
DE EDIÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE OBRAS**

**SPA e Imprensa Nacional  
Casa da Moeda celebram  
protocolo de cooperação**

A Sociedade Portuguesa de Autores e a Imprensa Nacional-Casa da Moeda (IN-CM) estabeleceram um protocolo de cooperação com o objectivo de criar e aprofundar relações de cooperação na área da edição de obras de interesse cultural e outras publicações destinadas a promoção e divulgação de autores portugueses.

O protocolo visa, igualmente, a preparação, edição, produção e comercialização de livros e de outras publicações, bem como a criação de um prémio literário patrocinado por ambas as entidades.

O protocolo prevê ainda a comercialização, nas livrarias da IN-CM, de obras de que a SPA seja editora ou co-editora, bem como das obras co-editadas por ambas as entidades no âmbito do presente protocolo.

A SPA compromete-se, no âmbito desse protocolo de cooperação, a fomentar a co-edição de obras de relevante interesse para a divulgação da cultura e da literatura portuguesas.

Este protocolo irá permitir à SPA desenvolver uma actividade mais intensa, regular e multidisciplinar na área da edição, dispondo dos horizontes abertos pela editora do Estado, que possui meios materiais e de difusão apreciáveis.

O protocolo agora celebrado resultou de conversações entre as duas entidades e de uma acentuada convergência de pontos de vista, tendo sempre em vista os interesses dos autores, nomeadamente no universo editorial.

*Lisboa, 9 de Março de 2010  
O Conselho de Administração*

**INCIDÊNCIA NO DIREITO  
DE SEQUÊNCIA DOS ARTISTAS PLÁSTICOS**

**SPA e Cabral Moncada  
Leilões assinam protocolo**

A Sociedade Portuguesa de Autores e a empresa Cabral Moncada Leilões celebraram um protocolo de cooperação, que é o primeiro do género a entrar em vigor. Este protocolo vai ter incidência especial na área do Direito de Sequência para os artistas plásticos, que se traduz no pagamento de um valor adicional relativamente ao preço original da obra, sempre que esta é revendida.

O protocolo estabelece também formas de cooperação entre as duas entidades no sentido de que mais artistas, leiloeiros e galeristas apliquem o Direito de Sequência, respeitando o que a Lei determina e dando aos autores dessa área o que lhes é devido. Por esse motivo, o protocolo agora assinado tem carácter pioneiro, abrindo caminho para outras formas de cooperação que representem um maior respeito pelos direitos dos artistas plásticos.

*Lisboa, 5 de Março de 2010  
O Conselho de Administração*

**27 DE MARÇO  
DIA MUNDIAL DO TEATRO**

**Centro Dramático  
de Viana  
abriu portas  
à comunidade**

Organizado pelo CDV - Centro Dramático de Viana em colaboração com a Câmara Municipal de Viana do Castelo e o apoio da Rádio Geice, uma rádio local de larga audiência e que esteve em directo ao longo do dia a cobrir os eventos, a cidade de Viana do Castelo viveu um Dia Mundial do Teatro preenchido com actividades várias ao longo das 24 horas de sábado, dia 27 de Março último.

Logo na primeira hora do dia (na madrugada de sexta para sábado) a companhia abriu as portas do Teatro Municipal Sá de Miranda e apresentou o espectáculo "Abre-Te Cena!", que é uma visita guiada ao Teatro: ao Teatro-edifício, a magnífica sala à italiana de que a cidade dispõe, e ao Teatro como processo de criação e produção numa viagem pelos espaços daquela casa e as suas memórias, durante cerca de 50 minutos, com uma Fantasma de cicerone!...

Na manhã seguinte, a partir das 11 horas e até às 12 e 30, em pleno coração da cidade, nos Antigos Paços do Concelho, o ex-Professor do Conservatório, cenógrafo e marionetista José Carlos Barros recebeu em seminário aberto todos aqueles que quiseram aprender os rudimentos de construção de uma máscara simples. A iniciativa, que se chamou precisamente "Faça a Sua Máscara", teve como propósito fazer com que cada pessoa pudesse dali sair com o seu rosto impresso numa máscara, bastando para o efeito levar uma fotografia. Ou então escolher a seu gosto uma outra fotografia, incluindo as de algumas personagens já ali à espera...

**ESTREIA DE "ROMEU LOVE  
JULIETA", DE ANTÓNIO TORRADO**

Pelas 15 horas, o Teatro Municipal Sá de Miranda reabriu as suas portas para estrear "Romeu Love Julieta", um original de António Torrado, escrito por encomenda do CDV, que faz dele a sua 96ª produção, a partir da célebre peça "Romeu e Julieta", mas num espectáculo para toda a família: netos, filhos, pais e avós! Encenado por Castro Guedes, o espectáculo contou também com máscaras (essas bastante elaboradas) de José Carlos Barros. No final, os espectadores foram convidados a subirem ao Salão

Nobre, onde, numa edição da autarquia, se apresentou o texto de António Torrado em livro, com a presença do autor.

À noite, pelas 21 e 30, debateu-se o tema "Teatro e Escola" na Biblioteca Municipal, na intenção anunciada pelo CDV para "fazer um Dia Mundial do Teatro voltado para a Comunidade e não a falar de si mesmo... Um pouco como quando J. F. Kennedy lançou o repto aos americanos de não perguntarem o que podia a América fazer por eles, mas sim o que podiam eles fazer pela América". A escolha do tema da Escola prende-se com o facto de, além da importância em si do assunto, a programação deste dia ser vocacionada para a escola: o "Abre-Te Cena!" já foi visto pelos alunos do 3º ciclo e o "Romeu Love Julieta" vai ser especialmente dedicado aos 1º e 2º ciclos.

Como é habitual nos Teatros em todo o Mundo, neste dia as portas foram franqueadas para entrada gratuita, mas, obviamente, só até ao limite das respectivas lotações, tendo-se chamado especialmente a atenção para a exiguidade da capacidade do "Abre-Te Cena!", que, pela natureza do espectáculo, não comporta mais de 25 pessoas a viajar pelo Sá de Miranda...

**CICLO "A DRAMATURGIA E A PRÁTICA  
TEATRAL" COM "TERMINAL 55"  
Cucha Carvalheiro  
mostra a sua  
versatilidade no teatro**

Cucha Carvalheiro, figura de destaque do teatro português, foi alvo de homenagem no decorrer da 98ª sessão do ciclo "A Dramaturgia e a Prática Teatral", que se realizou no dia 11 de Fevereiro, no Auditório Maestro Frederico de Freitas da Sociedade Portuguesa de Autores. Durante esta sessão, foram analisadas as diferentes facetas da actividade de Cucha Carvalheiro, como actriz, como encenadora, como autora e adaptadora teatral e ainda como

directora do Teatro da Trindade. Outras duas talentosas figuras da nossa cena, Natália Luiza e Custódia Gallego, tiveram ocasião para apresentar os dotes da homenageada. A primeira num discurso escrito muito delineado e a segunda num improviso bem disposto. "Sabe de teatro, é humana, sensata e firme", salientou Natália Luiza, resumindo o carácter da Cucha, para rematar de seguida com alguma emoção: "É um dos eixos sagrados e estruturantes da minha vida".

Depois de falar sobre o seu percurso de vida e de carreira – "as coisas foram-me acontecendo", confessou -, incluindo a sua licenciatura em Filosofia, a estada em Paris e a sua influência, as encomendas que lhe fizeram e que constituíram o mote para que escrevesse também para teatro, Cucha Carvalheiro manifestou o seu "imenso respeito pelos dramaturgos e escritores", destacando como exemplo dois deles presentes na sala: Abel Neves e Norberto Ávila.

"Sofri muito para escrever o que me pediram", justificou. E, fazendo jus à promessa anunciada no convite, dispôs-se a fazer uma leitura encenada, juntamente com as suas duas amigas, de um texto escrito por si com o título genérico de "Terminal 55" e que é passado num aeroporto.

"Este texto, com que participei no Festival de Novas Escritas Contemporâneas - um festival de gente exótica -, impulsionada por Teresa Levy, que apelou a que eu não me esquecesse das minhas raízes africanas, quando escrevesse baseada num monólogo que ela trouxera de Nova Iorque, tem rendido imenso, sobretudo fora de Portugal", explicou Cucha Carvalheiro, aproveitando para agradecer à SPA a oportunidade de o poder dar a conhecer naquele dia, em que fora convidada.

Um texto de 13 páginas, dito a três vozes femininas, que emocionou muitos dos presentes e foi muito aplaudido. Um bom exemplo da importância das intervenientes femininas no processo da dramaturgia portuguesa actual.



**“É DOS ACTOS MAIS BONITOS QUE VI PRATICAR PARA COM A SPA”**

# António Rebordão Navarro concretiza doação da sua casa e do valioso recheio



ESCRITOR CONTEMPORÂNEO DE RENOME, como ficcionista e poeta, e também advogado, António Rebordão Navarro, que foi membro de direcções da Sociedade Portuguesa de Autores antes de 2003 e, em Maio do ano passado, foi distinguido com a Medalha de Honra da nossa cooperativa, concretizou a doação à SPA da sua casa na Foz do Douro, juntamente com o seu valioso espólio. A escritura pública de doação da casa, da biblioteca, das obras de arte e do restante recheio do espaço onde viveu com a sua mulher e onde escreveu a sua obra foi efectuada no passado dia 5 de Fevereiro, no Porto (foto abaixo), tendo a direcção da SPA sido representada por João Lourenço.

“É dos actos mais bonitos que vi praticar em relação à SPA e só espero que a SPA esteja sempre à altura de honrar este tipo de confiança que nela é depositada”, comentou à “Autores” o actual presidente do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores. “Considero que é um acto único, exemplar e merecedor de todo o aplauso”, sublinhou José Jorge Letria, relevando que, na prática, é um autor, através daquilo que tem de mais querido, que é o seu património, a dizer à SPA: “Vocês são a minha casa e a minha família”.

Na realidade, segundo revelou José Jorge Letria, amigo e admirador de António Rebordão Navarro de longa data e que com ele partilhou duas direcções da cooperativa, o autor, natural do Porto, que fará 77 anos no dia 1 de Agosto, contactou-o há três meses, manifestando a intenção de conversar com os responsáveis da SPA para definir as condições em que deixaria à cooperativa coisas importantes para ele. E foi, exactamente, no decorrer dessa conversa que percebeu que António Rebordão Navarro queria doar à SPA a sua casa na Foz do Douro, no Porto, com todo o seu valioso espólio, incluindo biblioteca, obras de arte e restante recheio.

### “NÃO TENHO HERDEIROS E A SPA É OUTRA FAMÍLIA”

“Eu não tenho herdeiros e achei que esta era a forma mais adequada de deixar o meu legado, pois sei que a SPA, com certeza vai manter o meu espólio com todo o rigor”, justificou-nos António Rebordão Navarro, assegurando que, de facto, “a SPA é outra família” sua e que, garantidamente, “é uma sociedade que protege os autores e tem em conta a sua actividade”. Sabe-o, aliás, por experiência própria, sobretudo quando fez parte de direcções suas.

“A SPA tem, neste momento, uma dívida de gratidão muito grande para com o António Rebordão Navarro”, referiu o vice-presidente da Direcção da cooperativa, salientando que ele “deu um exemplo extraordinário de generosidade para com a instituição em que sempre

se reviu, em que sempre se projectou o seu nome e o seu trabalho”.

A atribuição da Medalha de Honra da SPA o ano passado, tocou-o profundamente, e, neste momento, numa fase já avançada da sua vida em que pensou no destino a dar ao seu património material, à sua obra e à sua correspondência, ele pensou na SPA.

“Gostaria que a casa mantivesse sempre o seu carácter. Que fosse habitada, que fosse uma casa viva, que tivesse uma vivência cultural que se destacasse. Enfim, que continuasse uma memória”, confiou o escritor à “Autores”. E José Jorge Letria garante: “Esta doação é feita em vida e, portanto, ele continuará a ser o usufrutuário de todo este espólio, mas um dia, quando o António Rebordão Navarro já cá não estiver, aquela casa será uma casa da SPA e também uma casa de homenagem ao próprio António Rebordão Navarro, que, obviamente, será homenageado e recordado sempre no espaço onde viveu com a sua mulher e onde escreveu a sua obra”.

Destacando, uma vez mais, este acto como um exemplo, o presidente do Conselho de Administração da SPA fez questão de precisar a sua importância: “Enquanto outros se encamiçam a atacar a SPA e a tentar minimizar o seu papel e a sua importância, um autor, ainda por cima jurista emérito, no momento em que pensou no destino a dar ao que é seu, pensou na sua cooperativa e, assim, a SPA passará a dispor também de um espaço ao qual o nome de António Rebordão Navarro ficará sempre associado”.

### “JÁ NOS ENTREGOU PARTE DA SUA VASTA CORRESPONDÊNCIA”

“António Rebordão Navarro já nos entregou parte da correspondência vasta que trocou com vários

autores e nós estamos a pensar publicar, oportunamente, um volume de correspondência dirigida a ele por grandes escritores contemporâneos, desde Vergílio Ferreira a outros”, confiou José Jorge Letria, acentuando que essa “será também uma forma de reconhecer e consagrar a obra de António Rebordão Navarro”.

Por outro lado, a delegação da SPA no Porto vai realizar naquela cidade, em data ainda não definida, uma sessão ou mais de homenagem a António Rebordão Navarro, que vai ser organizada pelo responsável pelas actividades culturais, Álvaro Magalhães, e que vai contar com a participação de vários nomes que conhecem, que são amigos, que privaram ou privam directamente com o autor.

A SPA, tal como aconteceu com outras doações, embora de dimensão menor, caso do espólio de guitarras e documentação de Carlos Paredes, como é uma instituição que quer durar para além do tempo presente e do imediatismo em que vivemos, acha que “esta valorização material do seu património é muito importante também para assegurar a sua solidez e a sua estabilidade financeira”.

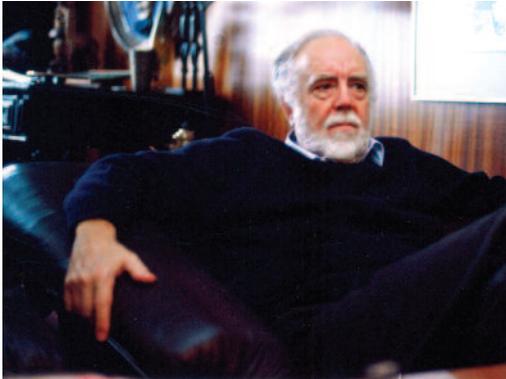
“Os nossos activos, o nosso património, são alargados com estas doações”, disse o presidente do Conselho de Administração da cooperativa, especificando que, “a SPA, neste momento, para além dos dois edifícios sede, em Lisboa, é proprietária da Casa Gião, em Reguengos – projecto que está, neste momento, a ser repensado em termos de utilização – da delegação do Porto e vamos passar a ter também esta casa de António Rebordão Navarro, quando ele já não precisar dela”.

*Edite Esteves*



A COINCIDIR COM GRANDE EXPOSIÇÃO  
DE PINTURA NO PALÁCIO GALVEIAS

## João Abel Manta grava testemunho de memória para o acervo da SPA



A COINCIDIR COM UMA GRANDE EXPOSIÇÃO de pintura, organizada pela Câmara Municipal de Lisboa no Palácio Galveias, com 137 quadros seus nunca apresentados publicamente, o prestigiado cartoonista, arquitecto e pintor João Abel Manta, já com 82 anos, além de decidir, finalmente, inscrever-se na Sociedade Portuguesa de Autores (ver caixa), gravou o seu importante testemunho de memória para o acervo da SPA.

“É um longo depoimento para televisão ou para que quer que seja, como testemunho de autor, testemunho de memória, que ficará no nosso acervo documental de testemunhos de autores”, referiu à “Autores” José Jorge Letria, especificando: “Eu que o fiz posso dizer que é um extraordinário documento sobre a vida cultural do século XX. Sobretudo dos anos 40 até à actualidade. Um documento de memória e um testemunho extraordinário sobre a vida política, cultural, artística, cívica de um homem de uma grande lucidez e de uma memória absolutamente imaculada”.

O facto de acabar de se inscrever na SPA e do “grande retorno positivo que tal acto desencadeou no seio dos cooperadores”, como, de resto, a administração fez questão de saudar em comunicado que publicamos aqui junto, levou o presidente do Conselho de Administração e vice-presidente da Direcção da cooperativa a salientar à “Autores” que “além de uma satisfação e uma responsabilidade, é também um sinal de grande confiança que ele deposita em nós”.

José Jorge Letria aproveitou para revelar que “a SPA, este ano, irá homenagear o João Abel Manta como ele merece”. E justificou: “É uma forma de agradecimento por esta prova de confiança e também um sinal da enorme admiração que é transversal. Na verdade, gente de todas as áreas, desde a música ao teatro, desde o cinema à dança, todas as pessoas reagiram de uma forma extraordinária” à entrada

na SPA de um dos nomes maiores das artes plásticas em Portugal.

**“NA SPA SENTIMOS QUE ESTAMOS PROTEGIDOS”**  
João Abel Manta admitiu à nossa revista que teria sido por mera preguiça que ainda não se fizera sócio da SPA. “Realmente, agora em contacto com o José Jorge Letria, depois de inaugurada a exposição no Palácio Galveias, achei que já o devia ter feito há mais tempo”.

“O meu pai é um bicho-do-mato”, explica-nos a principal responsável por esta decisão, a arquitecta Isabel Manta, sua filha. “Mas como ele agora se decidiu a fazer esta exposição e fui eu que a organizei, achava que era uma pena não haver um filme em que se registassem as suas palavras, tanto sobre a mostra como sobre a sua vida. Através de amigos comuns, que são da SPA, falei com o José Jorge Letria, acabando ele por gravar em DVD uma entrevista de uma hora com o meu pai. E, finalmente, o meu pai lá se fez sócio da SPA, uma coisa que andava para fazer há anos...”

João Abel Manta reconhece que “tinha uma ideia um pouco errada, porque estava convencido que a SPA era uma coisa mais ligada aos homens da música e do teatro, quando, afinal, ela é uma organização que tem a ver com todo o tipo de criação artística, incluindo, naturalmente, as artes plásticas”.

Apesar de considerar que já é um pouco tarde, pelo menos acha que pode dar o exemplo a outros. E penitencia-se desse seu atraso, porque até conhece o presidente do Conselho de Administração da SPA há bastantes anos, até colaborou num livro para crianças que ele escreveu.

“Mas agora estou muito feliz por fazer parte dessa organização extraordinária de protecção aos autores que é a SPA”, sublinha, desculpando-se: “No plano das artes plásticas, a ideia era que a nossa protectora era a Sociedade Nacional de Belas Artes, de que eu sou sócio há muito tempo, mas, de facto, a Sociedade Portuguesa de Autores tem outra autoridade, que aquela não tem”.



E prossegue entusiasmado, manifestando quanto importante para si foi esta tomada de posição:

“A SPA tem advogados, está ligada à internet e às novas tecnologias, é outra coisa. A Sociedade Nacional de Belas Arte é um pouco primitiva. Estou contente, portanto, por estar integrado nesse grupo de amigos e pares. Há pessoas com interesses diferentes e sentimos uma grande protecção. Nesta organização nós temos a sensação que estamos protegidos por uma série de coisas. Os advogados têm os seus sindicatos, os médicos também e nós, artistas plásticos, sentiamo-nos um pouco abandonados. Finalmente, esta Sociedade Portuguesa de Autores fez com que nos sentíssemos protegidos por uma organização. Isso é muito importante.”

### “PORQUE NÓS TEMOS UMA PROFISSÃO, QUE AS PESSOAS NÃO ADMITEM”

Exemplo dessa protecção e desse interesse nas artes plásticas, lembramos-lhe, foi o Grande Prémio atribuído esta ano a um outro grande artista da sua área, Júlio Pomar.

“Exactamente. Porque nós temos uma profissão que as pessoas não querem admitir que é profissão. Julgam que é uma actividade amadorística. Pintar um quadro ou fazer uma música são profissões. São coisas que levam uma vida inteira...”

“E nunca morrem”, avançamos.

“São coisas que a gente desaparece e ficam cá. Não caem no esquecimento. E, realmente, eu fico muito contente de ter preenchido os papéis em que eu escrevi, mais ou menos – enfim, a minha memória já não é famosa – tudo quanto eu fiz, nas artes gráficas, no campo da arquitectura, da pintura e depois isso agora fica guardado, e eu não sou esquecido. Foi bom, como foi bom ter feito aquela entrevista. Foram as últimas coisas que eu ainda me lembro” A exposição no Palácio Galveias, que decorreu de 27 de Novembro de 2009 a 17 de Janeiro deste ano, constituiu, assim, um marco deveras importante na vida do multifacetado artista: expôs as suas intimidades

### JOÃO ABEL MANTA INSCREVE-SE NA SPA AOS 82 ANOS

A Direcção e a Administração da SPA não podem deixar de se congratular com o facto de João Abel Manta, um dos mais importantes criadores plásticos portugueses há mais de meio século, se ter tornado sócio da nossa cooperativa.

Pintor, arquitecto e cartoonista com vasta obra realizada e reconhecida em Portugal e no estrangeiro, João Abel Manta, de 82 anos, é justamente considerado um dos nomes maiores da arte em Portugal. No Palácio Galveias, em Lisboa, encontra-se patente uma mostra da sua obra pictórica realizada nos últimos anos.

A SPA saúda o artista e sublinha o significado desta decisão, que vem enriquecer ainda mais a representatividade de SPA, com a particular relevância de ocorrer no ano em que a nossa sociedade festeja o seu 85º aniversário.

8 de Fevereiro de 2010  
A Administração

# EM FOCO

## ZOOM



pictóricas, 137 quadros a óleo sobre tela, todos com as mesmas dimensões – 1 metro por 80 centímetros – que pintou nos últimos 20 anos, e a que deu apenas o seu nome com o subtítulo “Pintura 1991-2009” -, deixou gravado em DVD para o acervo de memórias da SPA o seu testemunho de vida e obra e fez-se sócio da Sociedade Portuguesa de Autores.

“Esta exposição foi, na verdade, muito importante”, afirma. “Porque eu tinha duas ou três exposições ligadas à minha actividade como pintor e não como artista gráfico, mas foram exposições menores. Nesta eu tive possibilidade de mostrar uma pintura que estou a fazer há cerca de 20 anos e eu não sou uma pessoa que faça exposições ou que tenha uma actividade comercial ligada à minha pintura. Realmente, foi uma exposição muito interessante e, pelo que me dizem da Câmara Municipal, tivemos um público bastante grande.”

Assumindo-se como “um homem muito primitivo” – “não tenho computador, nem internet”, confessa -, João Abel Manta considera que a sua paixão é mesmo a pintura, que, acentua, “só aos 60 me foi possível iniciar quando me libertei, sem rancor, da arquitectura, artes gráficas, ilustração, decoração urbana e outras coisas supérfluas”. “Nestas obras – afirma no pormenorizado catálogo da exposição - pratico uma inocente pintura a óleo sobre tela, algo contestada pela vanguarda, para explicar a quem interesse o que penso do mundo e das coisas do passado e do presente”.

### É CONSIDERADO O MELHOR CARTOONISTA PORTUGUÊS DESTE SÉCULO

Nascido em Lisboa em 29 de Janeiro de 1928 numa família de pintores - Abel Manta e Maria Clementina

de Moura Manta -, João Abel Manta formou-se em Arquitectura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1951, tendo-se dedicado à pintura, cerâmica, tapeçaria, mosaico, ilustração, artes gráficas e cartoon.

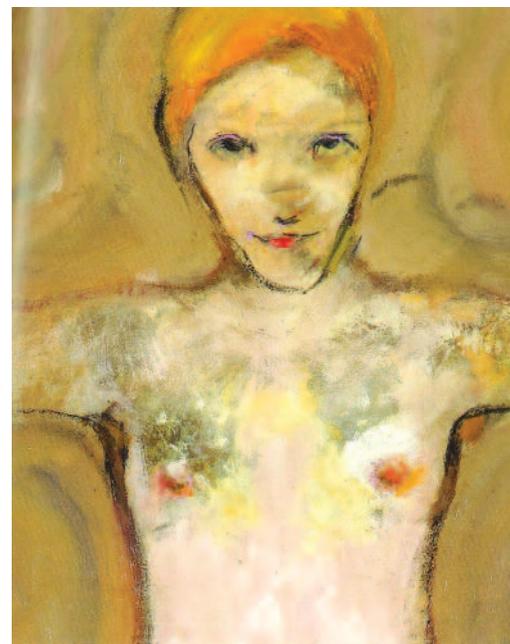
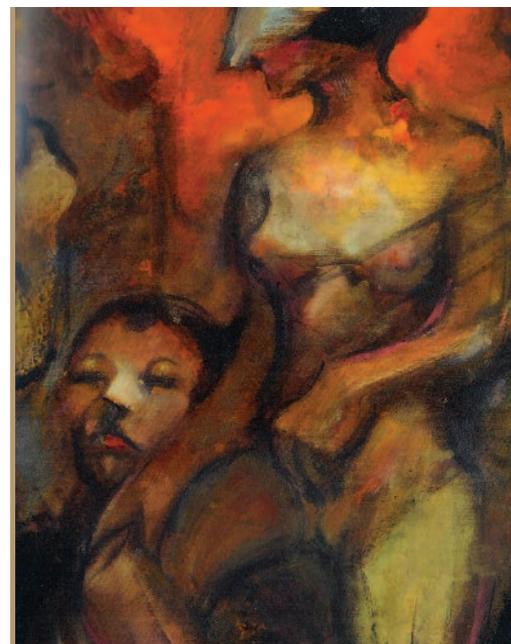
Foi várias vezes distinguido ao longo da carreira, nomeadamente com o Prémio de Desenho na II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian (1961), a Medalha de Prata na Exposição Internacional de Artes Gráficas (Leipzig, 1965) e o Prémio de Ilustração na Exposição de Artes Gráficas de Leipzig (1975).

Utilizou também o cartoon como forma privilegiada de retrato da sociedade, evidenciando-se em meados da década de 1970 com um dos mais fecundos artistas nesta área. É considerado o melhor cartoonista português deste século, na senda de Rafael Bordalo Pinheiro, Stuart Carvalhais e Leal da Câmara.

Publicou no final dessa década o livro “Caricaturas Portuguesas dos Anos de Salazar” (1978), síntese de sofisticada ironia onde traça um quadro negro, mas preciso, daquele período da História de Portugal.

No contexto da arte pública, fez intervenções nos pavimentos de mosaico para arruamentos na Praça dos Restauradores, em Lisboa, e na Figueira da Foz, enquanto na azulejaria concebeu em Lisboa os painéis, entre outros, o revestimento do mural da Avenida Calouste Gulbenkian, aplicado em 1980. Foi ainda autor da série de painéis cerâmicos para o Teatro Gil Vicente, em Coimbra (1955) e dos azulejos para os edifícios da Associação Académica de Coimbra (1959).

*Edite Esteves*



## SPA RECEBIDA PELA MINISTRA DA CULTURA

Uma delegação da Direcção e da Administração da SPA foi recebida em audiência pela Ministra da Cultura, Dr<sup>a</sup> Gabriela Canavilhas, a quem expôs um conjunto de assuntos do interesse dos autores portugueses, designadamente os relacionados com a urgência da nova Lei da Cópia Privada e com as medidas a adoptar no combate à pirataria. Para além disso, a SPA propôs à ministra da Cultura um relacionamento mais estreito da cooperativa com a Inspeção Geral das Actividades Culturais e uma maior intervenção da SPA no processo de transposição da directivas europeias que envolvem os autores portugueses e as suas obras. Entretanto, o Ministério da Cultura, também com a colaboração da SPA, está a estudar o processo de criação do Gabinete de Exportação da Música Portuguesa. A SPA apresentou ainda à ministra algumas propostas relacionadas com o incentivo à criação artística.

A SPA e o Ministério da Cultura vão estudar formas de intensificação desta cooperação que poderá beneficiar os autores portugueses no futuro próximo. Integraram a delegação da SPA o administrador-delegado e vice-presidente da Direcção, José Jorge Letria, e os directores e administradores Pedro Osório, João Lourenço e Pedro Campos.

*28 de Janeiro de 2010  
A Administração*

## SPA RECEBIDA PELO MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA

Uma delegação da Sociedade Portuguesa de Autores foi recebida em audiência, no passado dia 7 de Janeiro, pelo Ministro da Administração Interna, Dr. Rui Pereira. Nessa audiência, a primeira até hoje realizada com um titular daquela pasta, a delegação da SPA, constituída por José Jorge Letria, administrador-delegado e vice-presidente da Direcção, José da Ponte, administrador responsável pelo sector da Execução Pública, e pelo Dr. Lucas Serra, director do Departamento Jurídico, teve oportunidade de expor ao Ministro um conjunto de situações consideradas preocupantes pelos autores, designadamente a pirataria na Internet e a que atinge os suportes materiais de difusão das obras no quadro da economia paralela. Foi também solicitada ao titular da pasta uma maior disponibilidade das forças de segurança dele dependentes para a realização, a cargo da SPA, de acções de formação e sensibilização, dirigidas aos agentes daquelas forças. O Ministro Rui Pereira manifestou grande interesse e receptividade relativamente às questões apresentadas, tendo mesmo avançado com a proposta de algumas acções a curto e médio prazo que vão ao encontro das preocupações e propósitos da SPA. Esta audiência seguiu-se às realizadas no final do ano passado com a Direcção Nacional da PSP e com o Comando Geral da GNR.

*Lisboa, 8 de Janeiro de 2010  
A Administração*

PROGRAMA "AUTORES" DA TVI24 MUITO BEM RECEBIDO

# José Jorge Letria e Vasco Graça Moura protagonizam última sessão a 11 de Abril

O PRESIDENTE DO CONSELHO de Administração e vice-presidente da Direcção da SPA, José Jorge Letria, e o escritor e ensaísta Vasco Graça Moura protagonizam a última edição do programa "Autores", transmitido pela TVI24, semanalmente, desde 17 de Outubro de 2009, com conteúdos da responsabilidade da cooperativa. A 26ª edição deste magazine cultural, que angariou uma audiência muito positiva, segundo a produtora televisiva da estação, e tem recebido os melhores comentários dos criadores portugueses, decorrerá no domingo, dia 11 de Abril, entre as 23 e as 24 horas.

O debate entre os dois autores evocará as questões do Direito de Autor, os problemas dos escritores e a importância de instituições como a Sociedade Portuguesa de Autores. Por seu turno, Estêvão de Moura falará sobre o papel do Instituto Nacional Casa da Moeda e Paulo Sérgio apresentará uma peça sobre a SPA. O rosto do programa interpretará ainda ao piano o tema "Verdes Anos", de Carlos Paredes, como forma de homenagem a todos os autores, no que será acompanhado ao saxofone por Maria Espírito Santo.

Na penúltima edição do programa, a 4 de Abril (todos os programas já foram gravados), Irene Pimentel e António Manuel Baptista estão no centro de um programa, onde se aborda a ciência, a história, a escrita e os acontecimentos que mudam a sociedade e o mundo. Nesta edição também participa José Fanha, que evoca os 80 anos da morte de Florbela Espanca, recitando poemas da autora, acompanhado ao piano por Paulo Sérgio. Durante a emissão ainda se apresentam reportagens com Ana Vidigal e António Manuel Ribeiro

## ESPECIAL NATAL JUNTOU QUATRO CRIADORES LIGADOS ÀS CRIANÇAS

Entretanto, desde as notícias da última edição da nossa revista até ao final deste mês, é de destacar o Especial Natal, de

A pergunta "O que é o fado?" marcou o início do décimo -primeiro programa "Autores", a 27 de Dezembro passado, e deu o mote para a conversa com o musicólogo Rui Vieira Nery e a fadista Aldina Duarte. A candidatura do fado a Património Imaterial da Humanidade, os autores das músicas e das letras e as origens mais remotas deste estilo musical foram algumas das questões abordadas durante a emissão. O realizador Manuel Mozos, autor do documentário "Princesa Prometida", sobre Aldina Duarte, faz um depoimento sobre o seu trabalho. E, no final, Paulo Sérgio sentou-se ao piano e fez uma homenagem à voz do

como convidados. O espectáculo e a televisão foram também temas falados por ambos. Numa peça preparada previamente, Luísa Amaro, companheira e acompanhante de Carlos Paredes, e a única mulher a gravar guitarra portuguesa, falou sobre o seu mais recente trabalho.

Os dois convidados do décimo-terceiro programa (10 de Janeiro) quiseram ser médicos. Um é, mas o outro veio a perceber que esse não era o seu caminho. Médico e fundador da AMI, Fernando Nobre, e o compositor e pianista, Mário Laginha, foram os dois convidados que estiveram à conversa com Paulo Sérgio nesta edição. A laureada portuguesa do Prémio da União Europeia para a Literatura, Dulce Maria Cardoso, foi, por seu turno, o centro da reportagem apresentada. A conversa foi também pontuada com dois momentos em que Mário Laginha tocou temas de sua autoria ao piano.

## LAUREADO DA GALA À CONVERSA COM DESIGNER DO NOVO LOGÓTIPO

Os dois convidados do décimo-quarto "Autores" (17 de Janeiro), o laureado principal da Gala dos Autores 2010, Júlio Pomar, e o designer do novo logótipo da SPA, Henrique Cayatte, remeteram nas suas actividades para o lado visual. Ainda assim, o programa foi para além do que a vista pode alcançar. Questões como o "bonito" e o "feio" ou a escuta da pintura foram alguns dos temas numa conversa bem disposta. Paulo Sérgio falou do Prémio Saramago e apresentou uma peça com o vencedor: João Tordo. Ainda no decurso do programa, os convidados foram chamados a lançar ideias sobre a função da arte e do design.

O escritor João Aguiar e o compositor Jorge Salgueiro, convidados do décimo-quinto "Autores" (24 de Janeiro), entraram em diálogo e falaram das artes que exercem. Nesta conversa houve lugar a ideias sobre obras conjuntas, caso também de uma ópera feita pelos dois autores em estúdio. Abordou-se a criação inspirada noutros trabalhos artísticos. Falou-se de teatro e o debate ficou mais vivo pela diversidade de opiniões. O dramaturgo José Viera Mendes deu um depoimento sobre os seus trabalhos e o piano, peça habitual em estúdio, deu lugar a três instrumentos de cordas que acompanharam a voz que cantou um original de Jorge Salgueiro.

Vitorino e Janita - Os irmãos Salomé, Vitorino e Janita, foram os convidados da décima-sexta edição do programa, transmitido a 30 de Janeiro. A vida que



cimo programa "Autores", emitido a 20 de Dezembro de 2009, que juntou quatro nomes ligados às crianças. A escrita e a música para os mais novos estiveram em foco numa quadra particularmente especial. Assim, foram interpretadas várias músicas por Paulo Sérgio, Carlos Alberto Vidal e Carlos Alberto Moniz e o apresentador esteve também ao lado de Luísa Ducla Soares e António Avelar Pinho para, em conjunto, declamarem textos de sua autoria.

fado: Amália Rodrigues.

Charlie Chaplin, génio da comédia, compôs o tema "Smile" para o filme "Modern Times". Desde então, continua a ser cantado por inúmeras vozes, como aconteceu com Michael Jackson ou Nat King Cole. O décimo-segundo "Autores" (3 de Janeiro 2010) começou com Paulo Sérgio ao piano a interpretar essa música que tem tocado gerações. A comédia foi o tema central da conversa que contou com Luís Aleluia e Guilherme Leite

começou no Redondo e que passou os momentos boémios de Lisboa. O início do percurso musical de cada um e os contactos com José Afonso, Adriano Correia de Oliveira ou José Carlos Ary dos Santos foram assuntos de conversa com Paulo Sérgio. Para falar de Luís de Freitas Branco, João Maria de Freitas Branco contou numa reportagem o trabalho que está a fazer com o apoio da Sociedade Portuguesa de Autores. Num programa em que também participaram o pianista Filipe Raposo e o trombonista Eduardo Lála, foram interpretados temas dos dois convidados.

No décimo-sétimo programa, a 7 de Fevereiro, Paulo Sérgio conversou com Graça Morais e Isabel Barreno sobre a mulher, a liberdade, a natureza. Durante a emissão foi também possível ficar a conhecer a mais recente exposição da pintora. A escrita e as artes-plásticas estiveram em destaque, bem como a voz de Paula Oliveira que apresentou o álbum mais recente ao repórter do programa.

Os convidados do décimo-oitavo programa (14 de Fevereiro), João David Nunes e Rão Kyao, falaram de espectáculo, de música, dos músicos, de desafios, da história do país. Numa reportagem Mário Delgado debruçou-se, por sua vez, da sua actividade autoral. Durante a emissão houve ainda tempo para Paulo Sérgio desafiar Rão Kyao a participar num improviso com piano e flauta feito pelos dois. João David Nunes, também acompanhado de Paulo Sérgio ao piano, disse um poema de José Gomes Ferreira.

As letras e as artes plásticas estiveram no centro da décima-nona edição do programa "Autores", emitida a 21 de Fevereiro. Teresa Rita Lopes e Joana Vasconcelos foram as convidadas. A especialista em Fernando Pessoa declamou um poema de sua autoria acompanhada ao piano por Paulo Sérgio e a escultora mostrou algumas das suas peças que se encontravam em estúdio. Neste programa, São José Lapa explicou ao repórter o seu mais recente projecto de teatro, que tem a parceria da filha Inês Lapa Lopes.

### ROL DE PAIXÕES: REPRESENTAÇÃO, COMPOSIÇÃO E FOTOGRAFIA

Um rol de paixões de diversa natureza preencheu o vigésimo "Autores", a 28 de Fevereiro. Rui Mendes, que conta mais de 50 anos a pisar os palcos e, em 1975, iniciou uma relação que se revelou duradoura com a televisão nacional, foi convidado desta edição, a par com Manuel Paulo, compositor

apaixonado por jazz e blues. Os dois convidados falaram sobre os seus trabalhos mais recentes: por um lado, a peça de teatro "Hanna e Martin" e, por outro, "Pássaro Cego", um álbum de que o pianista é autor e do qual interpretou um tema em estúdio. Há mais de quatro décadas a fotografar Portugal e as suas gentes, Eduardo Gajeiro, um dos nomes mais importantes da fotografia no nosso país, foi também destacado durante a emissão, através de uma peça elaborada pelo repórter do programa.

A escritora Lídia Jorge e a realizadora Margarida Gil encontraram-se no vigésimo-primeiro "Autores", transmitido a 7 de Março. A vida das personagens de cada história e a importância da criação foram alguns dos temas em destaque. A conversa também passou pela escrita e por comentários ao actual estado do cinema em Portugal e no Mundo. Nesta edição apresentou-se também na reportagem o vocalista e compositor Paulo Furtado, The Legendary Tiger Man.

No programa vinte e dois, emitido a 14 de Março, Casimiro de Brito e Paulo de Carvalho foram os convidados de Paulo Sérgio dos Santos. Nesta edição do "Autores", ficou a saber-se mais sobre a condição dos autores e houve a hipótese de descobrir o que é um haiku. Eugénia Lima também esteve em destaque, numa reportagem que homenageou esta artista inseparável do instrumento que lhe deu sucesso: o acordeão.

Para o vigésimo-terceiro programa "Autores", a 21 de Março, estiveram presentes em estúdio Mário Zambujal e Álvaro Cassuto. A escrita e a música foram, naturalmente, o mote da conversa com o escritor e o maestro. Participou também no programa Pedro Jóia, que se juntou à conversa e interpretou à guitarra temas de que é autor.

Finalmente, foi na vigésima-quarta edição do programa, no domingo passado, dia 28 de Março, que se lançou um Especial Fado. Com uma mesa alargada a Tiago Torres da Silva, José Luís Gordo, Paulo Valentim e António Chaiño, o tema foi este género musical. Para além da conversa, António Chaiño improvisou à guitarra portuguesa, Paulo Valentim cantou e tocou acompanhado de Bruno Costa. Dentro de outros géneros, Jorge Costa Pinto falou sobre o seu trabalho ao repórter e foi evocada a sua actividade musical, mormente a sua ligação às filarmónicas.



### PARA HARMONIZAR PROCEDIMENTOS E CRITÉRIOS NOS PROCEDIMENTOS JUDICIAIS

#### Advogados da SPA de todo o país reúnem-se na sede da cooperativa

Decorreu na SPA, no passado dia 8 de Janeiro, uma reunião em que participaram todos os advogados que trabalham com a SPA na vertente do Direito de Autor, desde os residentes, que integram o Departamento Jurídico e outros serviços da cooperativa, até aos que colaboram regularmente com a SPA em vários distritos do país. Desde 1987 que não era realizada uma reunião com estas características e objectivos. Teve esta reunião como finalidade intensificar a comunicação regular entre estes profissionais do Direito, a harmonização de procedimentos e critérios nos procedimentos judiciais, uma caracterização pormenorizada da realidade com a qual os advogados operam e ainda a

definição de prioridades e de modelos de intervenção para o futuro.

Numa intervenção inicial, o Administrador-Delegado José Jorge Letria realçou a importância fundamental da intervenção dos advogados na vida da SPA, tendo em conta o facto de uma sociedade de gestão colectiva de direitos de autor assentar estrategicamente na forma como se lida com as leis e com a sua aplicação à realidade quotidiana. Nesse sentido, referiu a importância crescente que a Administração tem vindo a dar a este sector vital da cooperativa. Por seu turno, os advogados presentes realçaram a utilidade destas reuniões e sublinharam a importância de uma imagem positiva e respeitada da SPA junto da opinião pública, já que, quando tal não acontece, é seriamente afectado o resultado dos processos judiciais contra os prevaricadores que lesam os autores e os seus direitos.

11 de Janeiro de 2010  
A Administração

### Google estabelece com a SPA uma via aberta para o diálogo e para a negociação

Decorreu na sede da SPA uma reunião entre a Google, que a solicitou, e os responsáveis pelas Relações Internacionais e pelo Departamento Jurídico da cooperativa. Nessa reunião, a representante da Google em Portugal e Espanha, Bárbara Navarro, afirmou que a sua empresa pretende continuar a desenvolver as suas actividades no respeito estrito dos princípios e normas que gerem o Direito de Autor, tendo reconhecido que tal não aconteceu no passado e que foi errada a forma como se desencadeou o "Google Library Project". Bárbara Navarro assegurou que não se irá digitalizar nenhuma obra daqui para o futuro sem prévia consulta aos respectivos titulares, pelo que a empresa considera importante prosseguir uma política de aproximação aos organismos de gestão colectiva, bem como o estabelecimento de um diálogo construtivo com os autores através desses organismos. Por seu turno, os representantes da SPA destacaram o facto de não existir qualquer preconceito contra a utilização de obras protegidas no meio digital, desde que os respectivos direitos sejam efectivamente respeitados e protegidos, o que lamentavelmente está longe de ser regra nesse domínio.

Por último, a SPA mostrou-se disponível para futuras e regulares negociações, tendo como objectivo as obras dos autores que representa. Nessa perspectiva, novas reuniões virão a ser agendadas, com o objectivo de se aprofundar o diálogo entre a Google e a SPA.

14 de Janeiro de 2010  
A Administração



### SPA contra a destruição de livros pelas editoras

A Sociedade Portuguesa de Autores congratula-se com a posição recentemente assumida pela Ministra da Cultura relativamente ao processo de destruição de livros por editoras que afirmam não dispor de condições para prolongarem o seu armazenamento. Declarou a responsável por aquela pasta que fará tudo o que tiver ao seu alcance no sentido de evitar a destruição material de obras que estão em condições de serem lidas por públicos que a elas, em regra, não conseguem ter acesso.

Sobre este assunto, a SPA reitera a posição assumida num comunicado de 9 de Julho de 2009, no qual afirmava que “embora tentando compreender as dificuldades que muitas dessas editoras enfrentam, a SPA considera que a destruição de livros não pode, em circunstância alguma, ser encarada como um recurso fácil para a resolução de problemas de carácter estrutural”.

A SPA aproveita para recordar que as editoras, de acordo com o estabelecido pelo Código de Direito de Autor, não podem optar pela destruição material de livros sem antes darem conhecimento desse propósito aos respectivos autores, bem como o direito de preferência na eventual aquisição dos títulos cuja destruição se encontra iminente.

As editoras invocam, com frequência, limitações várias, designadamente as de natureza fiscal, em sede de IVA, que as impedem de doar livros sem que haja lugar ao pagamento daquele imposto.

Entende a SPA que também a este nível pode e deve o Estado Português contribuir para que se encontrem soluções que se não traduzam na destruição de um património cultural significativo. As recentes declarações da Ministra da Cultura apontam, de resto, nesse sentido.

Por outro lado, a SPA apela às autarquias locais no sentido de que, em articulação com as editoras, encontrem soluções que contribuam para a aquisição a preços reduzidos de acervos bibliográficos que enriqueçam o espólio das bibliotecas municipais e escolares.

Às editoras, a SPA não pode deixar de recordar que a destruição de livros não pode ser um acto mecanicista e de gestão pura e dura, pois estão envolvidos os direitos dos autores, incluindo os de índole moral, e que de acordo com a lei podem ser obrigados a pagar direitos sobre todos os exemplares destruídos. O importante, nesta fase, é que se encontrem soluções exequíveis que evitem a destruição de livros, acto cultural sempre reprovável, que se defendam os direitos dos autores cujas obras se encontram à beira da destruição física e que se criem mecanismos e plataformas de diálogo e de colaboração que conduzam a um aproveitamento racional de obras que serão muito mais úteis nas mãos dos leitores do que na humidade dos armazéns ou nas cinzas dos actos de destruição. A SPA está, como sempre esteve, disponível para intervir neste processo, com a legitimidade resultante de representar um grande número de autores de livros e de ser a instituição privada mais representativa da vida cultural portuguesa, com os cerca de 24.000 autores nacionais que representa.

Lisboa, 11 de Março de 2010  
O Conselho de Administração

### ARY CANTADO POR QUATRO VOZES FEMININAS DE HOJE

## “Rua da Saudade” reinventa palavras do poeta desaparecido há 25 anos

A IDEIA DE REUNIR um grupo de cantoras oriundas de áreas diferentes para construir com elas um projecto musical inovador já tinha uns oito anos, pelo menos, na cabeça de Renato Jr. Mas foi só o ano passado que, finalmente, a concretizou ao decidir que havia chegado a altura própria. Ou seja, recordar o grande poeta português das canções, Ary dos Santos, quando passavam 25 anos sobre o seu desaparecimento, lançando um álbum de homenagem que vestisse as suas palavras originais com sonoridades contemporâneas e só com vozes de mulheres, todas de áreas diferentes.

E assim surgiu “Rua da Saudade”, editado pela Farol Música, com 11 canções (das 50 entre 600, inicialmente escolhidas por Nuno Faria) interpretadas por Mafalda Arnault, Viviane, Susana Félix e Luanda Cozetti, compostas por Fernando Tordo, Nuno Nazareth Fernandes e Tózé Brito, com arranjos de Renato Jr. e João Cabrita. O álbum entrou no mercado em Novembro de 2009, atingiu sempre os primeiros lugares das tabelas musicais – é disco de platina - e já anda na estrada, neste momento,

tendo passado pelo Coliseu de Lisboa no dia 19 de Março e pelo do Porto, no dia 26.

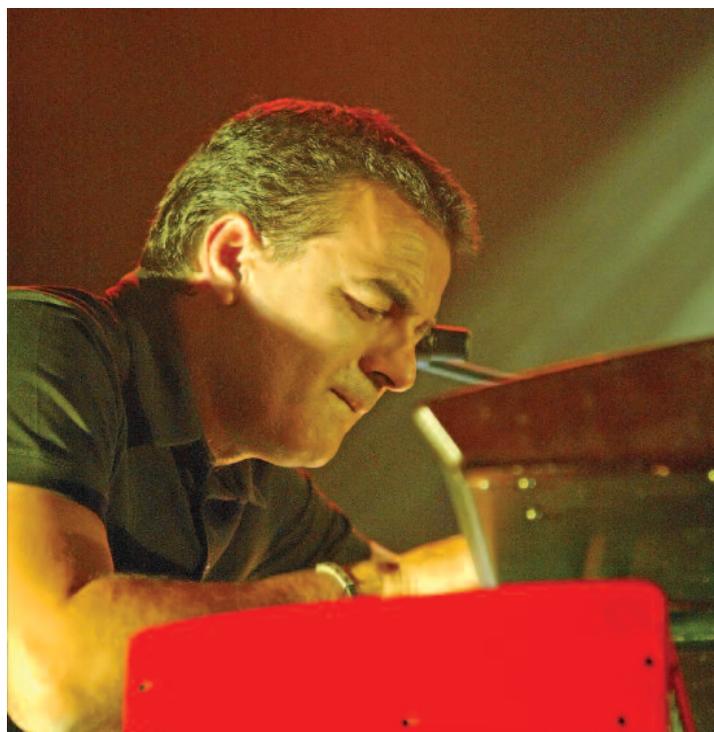
O projecto recorda os poemas de Ary aos mais velhos e reinventa as suas palavras com sons de hoje para dá-lo a conhecer às novas gerações. Nada melhor, de resto, que dois versos de Ary dos Santos escolhidos para figurar no livrete do álbum com a reprodução integral das 11 canções que o compõem, para explicar o objectivo de “Rua da Saudade”: “Morrer é separar-se de alguém / Contudo com todos ficar vivo!”.

“Estejas onde estiveres – escreve Renato Jr., dirigindo-se a Ary nos agradecimentos – espero sinceramente que gostes de ouvir as tuas palavras reinventadas da forma como as me fizeste sentir”.

### UMA HOMENAGEM TAMBÉM AOS MÚSICOS E EM VIDA

“Este disco acaba por ser uma homenagem ao José Carlos Ary dos Santos e aos autores, músicos, que acabam por escrever as canções com ele, nomeadamente o Fernando Tordo, que, além de compositor é também cantor da maior parte dos temas que acabaram por ser escolhidos, o Nuno Nazareth Fernandes, e o próprio Tozé Brito – são composições deles e as letras, sim, do José Carlos Ary dos Santos”, salientou à “Autores” o mentor deste projecto, para acrescentar, entusiasmado:

“Neste caso, são pessoas com provas dadas e merecem que lhes seja feita essa homenagem em vida. Mais do que estarmos só a falar do Ary dos Santos, eles merecem também o nosso respeito. E acho que é importante trazer-mos, por um lado, algumas recordações boas às pessoas que foram contemporâneas do José Carlos Ary dos Santos, que relembram as canções e acham piada a ouvi-las cantadas por vozes mais contemporâneas, e acaba por ser uma apresentação às gerações mais novas que não conheceram o Ary e, porventura, estes temas, e que acabam por descobrir um grande



Renato, Jr. mentor e produtor deste projecto

poeta português. Um poeta que dizia as coisas sem papas na língua de peito aberto.”

Renato Jr. de 44 anos, cooperador da SPA, nasceu num meio musical - a mãe é cantora lírica - e essa paixão genética não falhou: muito pequeno, frequentou a Academia dos Amadores de Música, onde aprendeu a tocar vários instrumentos e antes de ingressar no Conservatório Nacional, passou pela Filarmónica Capricho Olivalense. Teve uma série de bandas e fez parte de vários projectos nos anos 80. Contudo, conseguiu tirar a licenciatura em Relações Públicas, Marketing e Publicidade, ao mesmo tempo que estudava música. Tem nove anos de clarinete, o seu instrumento de base, apesar de, nos últimos tempos ir tocando teclas, mas sobretudo tem vindo a produzir, compor e arranjar, aquilo que, diz, gosta mesmo mais de fazer, como foi o caso deste “Rua da Saudade”.

Teve uma oportunidade de participar num álbum dos UHF e ali foi ficando durante dez anos. Dez anos onde aprendeu imenso na estrada (costuma chamar a essa tarimba, “o Vietname da música”) e o fizeram crescer. Depois deu o salto natural e começou a trabalhar com o João Pedro Pais e, logo a seguir, com a Susana Félix, com quem viria também a casar. Neste meio tempo, acabou por abrir um estúdio de gravação - MDL Estúdios & Produções - com dois sócios: a Susana Félix e o eng.º Fernando Abrantes, ambos também sócios da SPA e compositores. E, a partir daí, trabalho não falta a este jovem director de produção: para televisão e para filmes, muito trabalho de produção, de arranjos, de composição para vários artistas e grupos - dirigiu musicalmente o musical “Sexta-feira 13” dos Xutos e Pontapés - e, naturalmente, projectos como “Rua da Saudade” que são criados de raiz.



Viviane, Mafalda Arnauth, Susana Félix e Luanda Cozetti, ao vivo no Coliseu de Lisboa

### A FUGA AO ÓBVIO E AS SURPRESAS EM PALCO

Já na estrada, o objectivo deste projecto com canções essencialmente pop, ou seja, canções populares - “Apesar das cantoras serem oriundas de diferentes áreas, as canções não têm mais nenhuma pretensão do que ser cantadas com aquilo que nós sentimos neste momento”, adverte -, é colocar o disco nos palcos, de Norte a Sul do país, tendo em conta as agendas das quatro intérpretes, sempre muito preenchidas. Não é fazer uma digressão de 30 ou 40 espectáculos, porque é difícil de conjugar os trabalhos de todos.”

E, tal como aconteceu com o álbum, em que houve a preocupação de fugir ao óbvio das canções mais conhecidas de Ary, como a “Desfolhada” ou a “Tourada”, para ir buscar temas desconhecidos que vinham escondidos no meio de discos de alguns artistas, como Fernando Tordo ou Carlos do Carmo (excluem-se “Canção de Madrugar”, “Cavalo à Solta”, “Estrela da Tarde” e “Retalhos”), também para o palco foram preparadas algumas surpresas para completar os espectáculos.

De facto, o concerto de estreia no Coliseu de Lisboa constituiu uma grande emoção, tanto para o público que participou activamente no espectáculo, quer para os seus intervenientes, de veras contentes com o resultado final.

Sem querer tirar a expectativa de todos quantos poderão presenciar os concertos que aí vêm, podemos adiantar que vozes e orquestra tomaram o palco por inteiro numa unidade que se estendeu à iluminação e à composição inovadora de cena. E dois momentos inesquecíveis marcaram o concerto: a “Desfolhada” cantada a *capela* pelas quatro vozes femininas, em torno de uma mesa com iluminação íntima e a “Tourada” com parte dos músicos da orquestra a entrarem, fulgurantes, pela coxia central, num tom cada vez mais crescente e que contagiou todo o público.

Satisfeito com o retorno que este projecto arrojado tem tido, Renato Jr. revelou, entretanto, à “Autores” que está a terminar um disco seu para o qual a SPA lhe deu apoio, para dentro de três ou quatro meses estar pronto. Agradecendo o apoio do Fundo Cultural da SPA, Renato Jr. escusou-se, de momento, a desvendar o seu teor, tal como o de um outro disco em que está também a trabalhar com Susana Félix e se encontra em fase de pré-composição. Adiantou, apenas, ser um novo disco de originais da cantora. Sim, porque o segredo e a surpresa são a alma do negócio. *Edite Esteves*

### As 11 canções da “Rua da Saudade”

Lançado em Novembro de 2009 e produzido por Renato Jr., “Rua da Saudade” é um álbum que recorda a obra poética de Ary dos Santos, 25 anos após a sua morte a 18 de Janeiro de 1984.

Com 11 canções compostas por Fernando Tordo, Nuno Nazareth Fernandes e Tózé Brito, surgem a dar voz às letras originais do poeta Mafalda Arnauth, Susana Félix, Viviane e Luanda Cozetti. Ora a solo, ora em duo e fechando em quarteto.

É o seguinte o alinhamento do álbum, que tem estado sempre nos primeiros lugares da tabela de venda do país, tendo atingido já a platina:

1. Café (Susana Félix/Viviane);
2. Cai Cai (Susana Félix);
3. Canção de Madrugar (Susana Félix);
4. Canção do Tempo (Luanda Cozetti/Mafalda Arnauth);
5. Cavalo à Solta (Viviane);
6. Dizer Que Sim à Vida (Luanda Cozetti);
7. Estrela da Tarde (Mafalda Arnauth);
8. Kirie (Mafalda Arnauth);
9. Quando um Homem Quiser (Viviane);
10. Retalhos (Luanda Cozetti);
11. Rock Chock (Susana Félix/Mafalda Arnauth/Viviane/Luanda Cozetti).

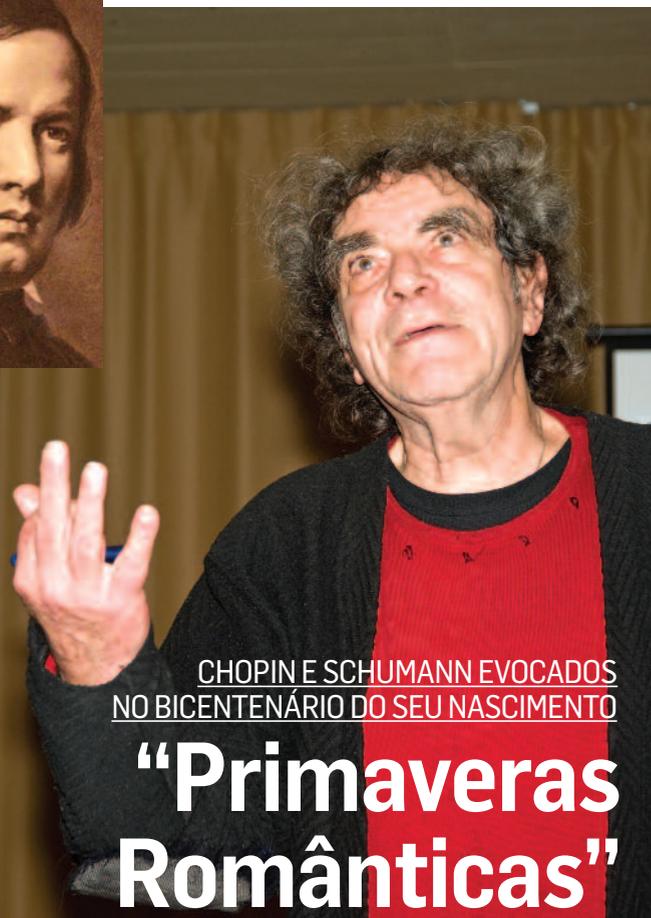


Um álbum para recordar pelas gerações mais velhas e para descobrir pelos mais novos. Palavras de um dos grandes poetas do século XX reinventadas pelos sons contemporâneos das vozes de quatro conhecidas cantoras de diversas áreas musicais. Vozes que se engrandecem ainda mais em palco.



O CONCERTO PARA PIANO e orquestra de Chopin introduziu a sessão “Primaveras Românticas”, conduzida com a mestria e a sensibilidade que lhe são conhecidas, pelo comunicador e melómano António Cartaxo. Um encontro ao fim da tarde do passado dia 22, no Auditório Frederico de Freitas, da SPA, marcado pela alternância de sons – ora melancólicos, apaixonados e meditativos, ora fogosos, arrebatadores e revolucionários – que caracterizam a música dos compositores Frederick Chopin e Robert Schumann, figuras centrais do empolgante programa que evocou o bicentenário do seu nascimento. O primeiro nasceu na Polónia a 1 de Março de 1810 e o segundo na Alemanha a 8 de Junho do mesmo ano.

Aliás, a alternância, como tudo na vida, constituiu palavra de ordem no percurso de toda a apre-



CHOPIN E SCHUMANN EVOCADOS  
NO BICENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

## “Primaveras Românticas”

sentação, tendo mesmo António Cartaxo citado a propósito um pensamento de Lídia Jorge que achou poder adaptar-se na perfeição às características das composições de ambos os músicos: “O bom senso, exercido em permanência, impede a parte de desordem que cria o dinamismo da vida”.

De facto, ao entremear trechos de composições e pedaços de vida de Schumann e de Chopin, ao longo de toda a sessão, para justificar os seus comentários, António Cartaxo salientou que “a música de Chopin é mais leve”, enquanto a de Schumann “é mais profunda, mais do interior da alma”. Por outro lado – disse – “a música de Schumann é de inspiração filosófica e literária e a de Chopin é inspirada pelo amor à sua pátria”. A encerrar a sessão evocativa, o autor de “Em Sintonia com António Cartaxo” e “De Olhos Bem Abertos” deu a ouvir em gravação, como aconteceu com todos os outros excertos, o último andamento do concerto para piano e orquestra de Schumann. *EE*

### Carlos Pinto Coelho agraciado pelo governo francês

O jornalista Carlos Pinto Coelho foi agraciado com as insígnias de Oficial da Ordem das Artes e das Letras pela Embaixada de França em Portugal. As insígnias foram-lhe entregues pelo embaixador Denis Delbourg, no decorrer de uma recepção no Palácio de Santos, em Lisboa.

O Ordem das Artes e das Letras, que existe desde 1957, é uma condecoração atribuída pelo Ministério francês da Cultura e tem três graus: Cavaleiro, Oficial e Comendador.

Em Portugal, várias personalidades da cultura já receberam a distinção de Comendador, figurando entre os nomes mais destacados os de Amália Rodrigues, Manoel de Oliveira, Agustina Bessa-Luís, João Bénard da Costa, Júlio Pomar e António Lobo Antunes.

São Oficiais, entre outros, Lídia Jorge, Luís Miguel Cintra e Eduardo Lourenço. E condecorados Cavaleiros salientam-se os nomes de Mísia, José Saramago, José Manuel Castello Lopes e Maria de Medeiros.

Ao entregar esta prestigiada comenda a Carlos Pinto Coelho, “o governo francês pretende homenagear a carreira do repórter que entrevistou e divulgou importantes nomes das letras francesas em Portugal e que, ao longo dos tempos, tem dado um importante contributo para o reforço dos laços culturais e de amizade entre Portugal e França”. Nomeadamente, Carlos Pinto Coelho moderou, há dois anos, os Estados Gerais do Multilinguismo na Universidade da Sorbonne, em Paris, que juntou os 27 ministros da Cultura da Europa. A cerimónia reuniu importantes personalidades dos sectores político, cultural e universitário.

### SPA volta a propor António Ramos Rosa para o Prémio de Poesia Reina Sofía

A Sociedade Portuguesa de Autores, à semelhança do que já aconteceu no ano anterior, propôs o nome do poeta António Ramos Rosa para o Prémio de Poesia Reina Sofía, instituído e atribuído pela Universidade de Salamanca e pelo Património Nacional de Espanha.

A Sociedade Portuguesa de Autores é uma das instituições anualmente contactadas por aquela instituição para apresentar candidaturas ao prémio. Recorde-se que, entre os poetas distinguidos até à data com esse importante galardão literário, se encontram nomes como João Cabral de Melo Neto, Álvaro Mutis, José Ángel Valente, Mario Benedetti, Pere Gimferrer, Nicanor Parra, José Antonio Muñoz Rojas, Sophia de Mello Breyner, José Manuel Caballero Bonald, Antonio Gamoneda e José Emilio Pacheco.

Lisboa, 4 de Março de 2010  
O Conselho de Administração

### SOLIDÁRIA COM O HOT CLUBE DE PORTUGAL SPA pede intervenção do Ministério da Cultura e da Câmara de Lisboa

Na madrugada do dia 22 de Dezembro, um incêndio destruiu o edifício da Praça da Alegria, em Lisboa, onde se encontra instalado, há décadas, o Hot Clube de Portugal. Tanto o sinistro como os meios

utilizados para o combater afectaram gravemente as instalações daquele clube, deixando-o inoperacional. Tratando-se de uma instituição de referência na vida cultural e artística da cidade de Lisboa, o Hot Clube de Portugal, com 61 anos de existência, tem formado, músicos e compositores de reconhecida qualidade e também públicos de várias gerações. Por esse motivo, a SPA, ciente da gravidade da situação que o Hot Clube de Portugal enfrenta, apela ao Ministério da Cultura e à Câmara Municipal de Lisboa para que conjuguem esforços no sentido de se darem condições àquela instituição cultural para poder prosseguir com a sua inestimável actividade cultural e artística. Aproveita ainda a SPA para manifestar à Direcção do Hot Clube de Portugal a sua total solidariedade nesta hora difícil. Recorde-se que a SPA atribuiu em 2008 a sua Medalha de Honra ao Hot Clube de Portugal por ocasião da comemoração do seu 60º aniversário e também, a título póstumo, a Luís Villas-Boas, o mais destacado fundador daquele clube de jazz com historial brilhante na nossa vida cultural.

Lisboa, 22 de Dezembro de 2009  
A Administração

**ENCONTRO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL DA SPA**

**“Palavras para que vos quero”**  
estreia em Abril no Porto  
sob a égide de “Alice no País das Maravilhas”

O I ENCONTRO DE LITERATURA Infanto-Juvenil da SPA “Palavras para que vos quero” arranca em Abril no Porto sob a égide do clássico “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carrol, o livro escolhido para a estreia deste programa, que pretende “tornar-se uma referência”. Com início a coincidir com a celebração do Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor, o que, para o responsável da organização “não é uma coincidência”, este encontro vai passar a realizar-se todos os anos nesta data.

Organizado e coordenado pelo escritor de literatura infanto-juvenil Álvaro Magalhães, “Palavras para que vos quero” realiza-se pela primeira vez nos dias 23 e 24 de Abril nas instalações da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, constituindo uma parceria desta Biblioteca e da SPA, pelo que, anualmente, irá repetir-se, não só na mesma data, como naquele mesmo local.

Como a própria designação indica, o encontro privilegia, naturalmente, os autores e as obras dirigidas especialmente àquele universo de leitores. Assim, nesta edição estarão em foco António Torrado, Gonçalo M. Tavares, Jorge de Sousa Braga, Manuel António Pina, Maria Alberta Meneses e Matilde Rosa Araujo, os quais serão apresentados por Osvaldo Manuel Silvestre, João Paulo Cotrim, José António Gomes, Álvaro Magalhães, Carlos Nogueira e Sara Reis da Silva.

Além do programa oficial, haverá uma exposição de originais de Teresa Lima, a ilustradora em destaque nesta edição de estreia, encontros com os escritores participantes, e outros, apresentações de livros, recitais de poesia e leituras, entre outros eventos. Cada encontro decorre sob a égide de um clássico da literatura infanto-juvenil, sendo, neste ano, “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carrol o livro escolhido.



**“A outra voz de Sérgio Godinho”**  
a propósito de livro  
de poemas

A propósito da recente publicação de “O Sangue por um Fio”, livro de poemas da autoria de Sérgio Godinho, a delegação da SPA no Porto promoveu, a 30 de Janeiro, no auditório do Museu Nacional Soares

dos Reis, uma sessão intitulada “A Outra Voz de Sérgio Godinho”, na qual esteve presente o conhecido autor, compositor e intérprete. A apresentação da obra literária e poética de Sérgio Godinho esteve a cargo do professor Arnaldo Saraiva e foi seguida de leitura de poemas pelo próprio autor e pela actriz Júlia Correia. Registou-se uma excelente participação, com mais cem pessoas presentes no auditório principal do museu.

**PROGRAMA**

**1º. dia – Sexta, 23 de Abril**

**9.30** - Sessão de Abertura

**10.00** – “Palavras para que vos quero”, recital de poesia, por Rui Spranger (Grupo de Teatro Pé de Vento)

**11.30** – “Alice no País das Maravilhas: por que é um clássico?”. Por Osvaldo Manuel Silvestre.

Intervalo para almoço

**14.30** – “O Bairro de Gonçalo M. Tavares!”, com Gonçalo M. Tavares e moderação de Osvaldo Manuel Silvestre. Sketches de “O senhor Valéry”, pelo Grupo de Teatro Pé de Vento.

**16.00** – “António Torrado: 40 anos de histórias”, com António Torrado e apresentação de Carlos Nogueira.

**17.30** – “Ou isto ou aquilo”, espectáculo baseado na obra poética de Cecília Meireles, pelo Grupo Quinta Parede.

**Encontros com escritores**

**2º. dia – Sábado, 24 de Abril**

**9.30** – “Alice pela Teresa”: encontro com a ilustradora Teresa Lima e a sua obra. Apresentação e moderação de João Paulo Cotrim.

**11.00** – “Assim na terra como no céu”, a propósito de “Herbário” e “Pó de Estrelas”, de Jorge de Sousa Braga. Encontro com o autor. Apresentação e moderação de Álvaro Magalhães. Participação de Os Gambozinos e Quinta Parede.

Almoço

**14.30** – “Pina e Pé de Vento: um bom casamento”, com Manuel António Pina e João Luiz, director da Companhia de Teatro Pé de Vento. Moderação de Sara Reis da Silva.

**16.00** – Apresentação do livro de Maria Alberta Meneses: “Camões – O Super-herói da Língua Portuguesa”, por José António Gomes.

**17.00** – “As canções da Matilde” pelo Grupo Os Gambozinos, seguido de homenagem a Matilde Rosa Araújo.

**Tertúlia portuense”**  
em torno de Hélder Pacheco

A primeira sessão de uma série intitulada “Tertúlia Portuense” realizou-se em Novembro de 2009, na Sala da Música do Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto. Esta iniciativa pretende discutir de modo coloquial e participativo as questões mais importantes da cidade. Na sessão inaugural, que girou em volta do historiador Hélder Pacheco, abordaram-se temas como urbanismo, política e cultura. A sala esteve cheia, a participação foi



grande e ficou a promessa de novas tertúlias. Vamos ver o que nos espera.

**Clube de Leitura**  
“Amor e Transgressão”  
soma e segue

Em Dezembro e Janeiro passados realizaram-se mais três sessões do Clube de Leitura “Amor e Transgressão”, estas dedicadas aos livros “Primeiro Amor”, de Turgueniev, “Ana Karenina”, de Leon Tolstoi e “A Mulher de Trinta Anos”, de Balzac. Estas sessões têm decorrido na Sala da Música do Museu Nacional Soares dos Reis e completam-se com mais três sessões, uma realizada em Fevereiro e outra em Março, dedicadas aos livros “Maurice”, de EM. Foster, “Cálamo”, de Walt Withman e “Lolita”, de Nabokov.





EVOCAÇÃO DE BERNARDO SANTARENO

# A Palavra em Cena



“UM DOS MAIORES dramaturgos portugueses de todos os tempos”, como o classificou José Jorge Letria, Bernardo Santareno, pseudónimo do médico António Martinho do Rosário, que, se fosse vivo, celebrava 90 anos a 19 de Novembro, veio à cena na Sala Carlos Paredes do edifício 2 da Sociedade Portuguesa de Autores, através de uma exemplar exposição concebida e montada pelo artista plástico Fernando Filipe. E ali se manteve de 14 de Janeiro a 4 de Março, alimentando o espírito e a “bolsa” cultural de todos os que tiveram oportunidade de ler as palavras e ver as imagens e o espólio que perfizeram a vida e obra riquíssimas deste criador literário e dramático de importância inquestionável.

“A Palavra em Cena” foi, aliás, o apropriado título desta mostra evocativa de Santareno – como se de uma representação se tratasse –, “que soube, como poucos, retratar na sua obra dramática e nos seus textos de ficção as tensões e contradições, os conflitos e os traumas de um Portugal estigmatizado por décadas de ditadura”.

Na sua obra dramática, uma das mais marcantes e representativas de toda a história do teatro português e a maior do século XX, como salientou à “Autores” o presidente do Conselho de Administração da SPA, na inauguração, “estão presentes os dramas, as ilusões e as tragédias de um país de forte componente rural, marcado pelo espantoso dos pre-

conceitos, dos medos ancestrais e de uma tradição ainda herdada da época inquisitorial”.

Para José Jorge Letria, “Bernardo Santareno estará para as grandes questões de fundo da sociedade portuguesa, como Garcia Lorca para a sociedade espanhola”.

Como membro da Direcção e do Conselho Fiscal da SPA e figura destacada da vida desta cooperativa, também por isso a Sociedade Portuguesa de Autores lhe prestou homenagem com a realização desta exposição, que permitirá, igualmente, aos futuros visitantes nos lugares cobertos pela itinerância que vier a ser programada tomarem contacto com a vida e a obra de “um autor que não pode nem deve ser esquecido”, segundo o responsável da SPA.

Bernardo Santareno “conseguiu colocar sempre a palavra em cena, com um fulgor, um sentido plástico, uma carga poética e um conhecimento profundo da natureza humana que tornam a sua obra única”, asseverou o presidente do Conselho de Administração e vice-presidente da Direcção da SPA, a encerrar o texto que assinou para apresentar a mostra.

Agradecendo a colaboração prestada na realização da exposição pelo Museu Nacional do Teatro, cujo director, José Carlos Alvarez, esteve na cerimónia de abertura, pelo Instituto Bernardo Santareno, na pessoa do seu presidente, Vicente Batalha, e por Henrique Espírito

Santo, José Jorge Letria lembrou que o homenageado continua a ser um dos dramaturgos portugueses do século XX mais lidos e representados.

Acrescentou ainda que, para além do instituto com o seu nome criado em 2006 com o apoio da Câmara Municipal, em Santarém, sua terra natal, e dos prémios promovidos na mesma altura – o Prémio Nacional de Teatro Bernardo Santareno, de periodicidade bienal, que distingue uma peça de teatro, e os Prémios Santareno de Teatro, anuais, para actores, encenadores e outros intervenientes no espectáculo – a SPA instituiu um Prémio Bernardo Santareno, numa edição única, em 2005, por ocasião da celebração dos 25 anos da morte do autor ribatejano (29 de Agosto de 1980).

A peça distinguida pela SPA, intitulada “O Ódio”, da autoria do jovem Jorge Humberto, seria levada à cena a 10 e 11 de Novembro de 2006, no Teatro Sá da Bandeira, com encenação e interpretação de Fernanda Lapa.

## “O OBJECTIVO É QUE O TEATRO SANTARENO VOLTE AOS GRANDES PALCOS”

O presidente do Instituto Bernardo Santareno, Vicente Batalha, mostrou-se muito satisfeito com esta exposição evocativa organizada pela SPA, onde o dramaturgo “militou para a dignificação dos criadores, como era seu timbre”. De facto, para além de toda a sua obra,

podem ver-se nesta mostra, cartazes, programas, maquetas de cenários, fotografias históricas de momentos de consagração da sua vida, incluindo os oito painéis cedidos pelo Instituto Bernardo Santareno/Câmara Municipal de Santarém. E aproveitou a ocasião para anunciar que “tudo está a ser feito para que esta exposição possa ir em breve à cidade de Santarém”.

Depois referiu que esta primeira tomada de posição da SPA, no fundo, foi ao encontro do objectivo principal do instituto que se centra na ideia-base de que “o teatro santareno volte aos grandes palcos”, sejam eles quais forem: exposições, conferências, atribuição de prémios, representações de vários textos.

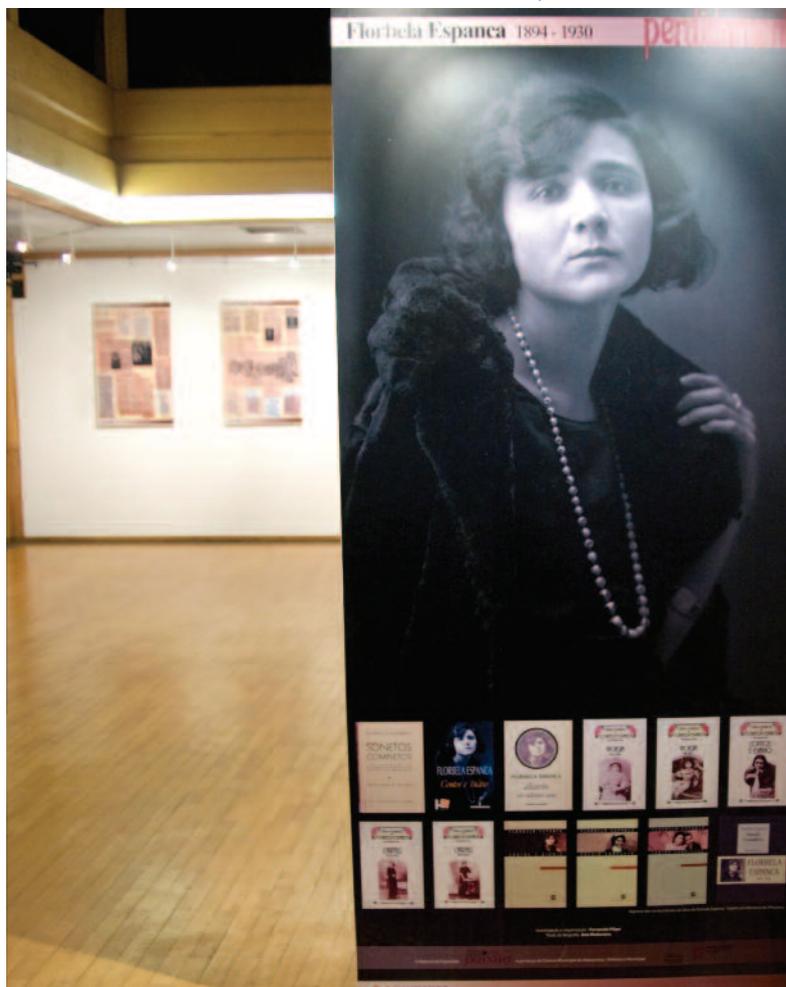
De resto, este objectivo já teve os seus resultados, adiantou, pois o ano passado o TEC, dirigido por Carlos Avilez, levou à cena em Cascais a peça inédita “O Inferno”, tal como aconteceu com o TEP, do Porto, que representou “Restos”, e o Teatro Azeite, de Lisboa, que fez três representações de “O Pecado de João Agonia”.

Registou ainda que há perspectivas de voltar a ser feito “O Inferno” e também “O Bailarino” e disse, ainda, que na semana seguinte à inauguração da exposição na SPA, a 21 de Janeiro, “A Promessa”, a peça inicial e seu baptismo de fogo dramaturgico, iria fazer a sua estreia, numa produção do Teatrosfera, com encenação de Rui Luís Brás, que já antes tinha assinado uma encenação de “O Pecado de João Agonia”.

“Estamos perante uma interessante leitura e proposta cénicas, representadas por um elenco jovem para um público jovem, que esgotou a sala, interessado na modernidade do texto. Aí reside a sua força”, comentou depois da peça subir à cena.

De recordar que “a polémica peça de Santareno, que, em 1957, no Porto, dividiu a sociedade da época, traçou desde o início as características nucleares do seu teatro, ou seja, a denúncia de todas as formas de opressão e a exaltação da liberdade e libertação humanas, a todos os níveis”.

“A representação do teatro de Santareno é a melhor homenagem que lhe podemos prestar. Na dinâmica em curso, esse é o desafio e principal desígnio”, sublinhou, especificando que “o Instituto Bernardo Santareno, mais do que uma grande estrutura é um processo, um caminho para divulgar e promover a obra do autor”. *Edite Esteves*



### “PERDIDAMENTE” EM EXPOSIÇÃO NA SPA

## Poetisa Florbela Espanca evocada passados 80 anos sobre a sua morte

A VIDA E OBRA DA POETISA alentejana Florbela Espanca é evocada, na passagem dos 80 anos da sua morte, numa exposição intitulada “Perdidamente”, palavra inescrutável de um dos seus mais conhecidos poemas “Eu quero amar-te/ Amar-te perdidamente...”. A inauguração da mostra, decorreu no passado dia 19 de Março, no espaço habitual da SPA para estes eventos: a Sala Carlos Paredes. O material da exposição sobre Florbela Espanca, “Itinerário de uma paixão”, é pertença da Câmara Municipal de Matosinhos/Biblioteca Municipal, cidade onde a poetisa morreu a 8 de De-

zembro de 1930 “por sua livre vontade”.

Num texto assinado por José Jorge Letria e que apresenta a exposição, o Presidente do Conselho de Administração da SPA “recorda Florbela Espanca e a sua vida trágica como um exemplo único de criatividade literária vivida e assumida no limite das emoções e do fogo inapagável das palavras que o tempo não consegue condenar ao esquecimento”.

Poetisa de excessos, Florbela Espanca “legou-nos uma obra curta, mas de uma grande intensidade dramática, na qual – enfatiza José Jorge Letria – nunca deixou de acentuar a sua vontade de amar e ser amada. Perdidamente”.

Considerada uma das vozes poéticas importantes do século XX português, “na originalidade de um registo que a tornou inconfundível, pelo excesso, pela intensidade e pelo desejo de viver, sentir e escrever sempre à beira do abismo”, como afirma o responsável da SPA, ela é também um dos poetas portugueses mais lidos, recitados e cantados.

A exposição agora apresentada pela SPA “é uma homenagem também a todos quantos a musicaram e cantaram ao longo dos anos”, salienta José Jorge Letria.

### CLAVE DE MEMÓRIA

## A Música e os Músicos na História da SPA

Na passagem do seu 85º aniversário, a SPA vai homenagear os criadores musicais que, ao longo das décadas e em diversos géneros, reconhecidamente contribuíram para engrandecer e prestigiar a nossa cooperativa. Essa homenagem terá como expressão uma exposição intitulada “Clave de Memória – A Música e os Músicos na História da SPA”, cuja inauguração está marcada para o dia 21 de Maio, comemoração antecipada do Dia do Autor, uma vez que 22 de Maio será um sábado. Nessa exposição, que ficará patente na Galeria Carlos Paredes durante os meses de Verão, serão homenageados numerosos compositores de diversas épocas e géneros, com destaque para nomes como Frederico Valério, Frederico de Freitas, Fernando Lopes-Graça, Luís de Freitas Branco, Alves Coelho, Viana da Motta, José Afonso, Carlos Paredes, Joly Braga Santos, João Nobre, Alfredo Marceneiro, Carlos Paião, António Variações, Jorge Peixinho e Thilo Krassman, entre outros. Nesta exposição serão apenas contemplados autores já falecidos. A evocação dos compositores e das suas obras será feita através da reprodução de partituras, de fotografias, de

correspondência, de cartazes de espectáculos e ainda de notas biográficas individualizadas.

Esta exposição, coordenada e dirigida em termos plásticos pelo cenógrafo Fernando Filipe, representa a homenagem da SPA, nos seus 85 anos, àqueles que mais contribuíram e continuam a contribuir para a sua representatividade e prestígio nacional e internacional.

*Lisboa, 25 de Fevereiro de 2010  
O Conselho de Administração*

### EXPOSIÇÃO-VENDA NA SPA PARA AJUDAR O HAITI

## 51 artistas plásticos doaram na totalidade as suas obras aos Médicos do Mundo

A Sala Carlos Paredes da SPA acolheu obras de 51 artistas plásticos – desde pintura a escultura, passando por cerâmica e joalheria – numa exposição-venda, organizada pela Casa das Artes de Sesimbra, cujas receitas contribuíram para ajudar o Haiti. As obras, em exposição de 5 a 12 de Março, foram doadas na totalidade a favor dos Médicos do Mundo, uma Organização Não Governamental, “que se ocupa em ajudar todos os que necessitam e que se encontram fora do sistema”, conforme



referiu na inauguração o dirigente em Portugal Enrique Mazzarelli. Juntando-se a esta iniciativa de solidariedade, que se seguiu a uma primeira acção igual encetada em Sesimbra com o apoio da Câmara Municipal, a qual decorreu de 20 a 28 de Fevereiro, a SPA esteve representada na inauguração desta exposição colectiva pelo membro da administração Pedro Campos. Durante a sessão, na qual estiveram presentes alguns dos artistas participantes, muitos deles integrados no Centro Internacional de Escultura, foi revelado pelo representante dos MdM que existe uma conta no BPI, que, no passado dia 2, já reunia 150 mil euros para o Fundo para o Haiti, e que qualquer pessoa a pode consultar a todo o momento. Por outro lado, o argentino radicado em Sesimbra Enrique Mazzarelli anunciou ainda

que, depois de terminada esta exposição na SPA, as obras seriam divulgadas para venda na internet e ainda junto de eventuais mecenais, num sistema de leilão, a fim de escoar as doações e angariar mais fundos de apoio às vítimas do Haiti. O valor das obras adquiridas é dedutível no IRS, ao abrigo da Lei do Mecenato.

### Artistas solidários participantes

Aqui ficam os nomes dos artistas participantes nesta exposição solidária: Adão Rodrigues, Alberto Trindade, Albino Moura, Ana Godinho, António Carmo, Beatriz Cunha, Anyana, Brites, Carlos Amado, Carlos Bajouca, Cristina Carvalho, Cristina Ataíde, Cruzeiro Seixas, Dina Aguiar, Diogo Rosa, Eduardo Nascimento, Elsa Gonçalves, Figueiredo Sobral, Filipe Amaral, Filipe Belo, Francisco N. Oliveira, Hans Varela, Henrique Gabriel, Isabel Duarte, Ivone Alves, João Feijó, Júlio Alves, Lagoa Henriques, Laranjeira Santos, Laura Galvão, Leonor V. Ribeiro, Linda de Sousa, Lívio de Morais, Lucinda Marques, Luís Correia de Sousa, Luz São Miguel, Mariana Fátima, Maria José Letras, Manuela Marques, Manuela Martinho, Mirguite, Moisés Preto Paulo, Nicolau Campos, Noémia Cruz, Oliveira Tavares, Pé-Leve, Pedro Oliveira, Renda Rodynea, Roberto Bassani, Rogério Timóteo e Vítor Lages.

# Maestro aclamado a nível mundial

“Estou perfeitamente em paz com a minha consciência e com a vida que levo”, diz Álvaro Cassuto, no final de uma longa conversa pontuada por um tranquilo entusiasmo de quem sente que fez aquilo que quis e do modo que entendeu dever fazê-lo. Maestro aclamado mundialmente, foi discípulo de Fernando Lopes-Graça e de Pedro Freitas Branco e conviveu de perto com Joly Braga Santos, de cuja obra é hoje o principal divulgador. Foi director de diversas orquestras em Portugal, Estados Unidos e Israel, e é actualmente o maestro principal da Orquestra de Bari, em Itália. Agora, está sobretudo empenhado num projecto de gravação de obras de autores portugueses para uma importante editora internacional, que está a ter grande aceitação da crítica especializada. Um trabalho para o futuro, de que muito se orgulha.

**O Álvaro Cassuto é descendente de uma família de judeus que saiu de Portugal no século XV e se fixou em Itália e depois na Alemanha e na Holanda. Mas, em vésperas da II Guerra Mundial, os Cassutos regressaram a Portugal. Como foi essa saga familiar?**

O primeiro Cassuto de que tenho conhecimento é um tal Isaac Cassuto que em 1482, segundo reza um documento que existe na Torre do Tombo, recebeu autorização de D. João II para fazer obras nas casas que ele possuía na Judiaria, em Lisboa, e que tinha comprado há 40 anos, ou seja, em 1442. Portanto, pelo menos desde 1442 que existia em Lisboa um Cassuto que, depois de 1492, quando foi da expulsão dos judeus de Espanha pela Inquisição, é muito natural que não quisesse ficar cá. Depois apareceram vários Cassutos em Itália e em vários outros sítios. Os meus antepassados vieram de Livorno, onde estavam no século XVIII, altura em que se mudaram para Amesterdão, onde nasceu o meu trisavô, que depois se mudou para Hamburgo, onde nasceram o meu bisavô, o meu avô e o meu pai. O meu bisavô, por exemplo, foi entrevistado em 1899 pelo professor Leite de Vasconcelos, que escreveu a sua dissertação de doutoramento (publicada em 1900) sobre dialectos portugueses. E entrevistou o meu bisavô, Isaac Cassuto também – coincidentemente tinha o mesmo nome do nosso antepassado do século XV – que era alemão mas falava português. Porque os judeus sefarditas, que vinham da Península Ibérica, tinham por tradição manter a língua original. Meu pai estudou Filologia Latina em Hamburgo, estudou português, e foi o professor dele que, em 1933, quando quis sair da Alemanha, lhe sugeriu virem para Portugal. Ele era do Porto, leitor de português na Universidade de Hamburgo, e foi assim que o meu pai, quando tinha 22 anos, veio para Portugal e se instalou no





## ÁLVARO CASSUTO

Porto, onde eu nasci. É, efectivamente, o fechar dum círculo que tem mais de 500 anos.

### Escusado será dizer que todo esse passado familiar lhe deixou marcas...

Sim, marcou-me, naturalmente. Porque, repare: quando fui educado aqui em Lisboa, a primeira escola que frequentei foi a Queen Elisabeth School, uma escola inglesa na Travessa da Quintinha, onde estive quatro anos. E depois estive cinco anos no Liceu Francês, porque o meu pai não estava seguro se nós íamos ficar em Portugal durante a guerra, não se sabia o que iria acontecer, e portanto pelo menos eu falava alemão em casa, aprendi inglês e francês em criança, e português também, e assim aos 10 anos já falava quatro línguas. É óbvio que não me sentia muito à vontade em Portugal, porque me sentia um estrangeiro num país de acolhimento, por assim dizer. Hoje em dia, essa sensação desapareceu por completo, e sinto-me um europeu que nasceu em Portugal. Depois o meu pai voltou à Alemanha, para tratar de assuntos que estavam pendentes e para visitar sobreviventes e amigos, e eu, falando alemão como língua materna, apercebi-me que o nível cultural na música na Alemanha não tinha qualquer comparação com o que se passava em Portugal. E por isso muito cedo me empenhei na minha actividade profissional, no sentido de ajudar a mudar as coisas e resolver os problemas. E cheguei à conclusão que o principal problema do nível das nossas orquestras – isto passa-se nos anos 60 – era, acima de tudo, uma questão de gestão. Não era por causa dos músicos: havia bons músicos e maus músicos, mas se há um mau músico numa orquestra, a responsabilidade não é do músico, é de quem o deixa lá estar. Ora a Orquestra da Radiodifusão, que tinha sido criada pelo maestro Freitas Branco em 1934, começou por ser um organismo em part-time, em que os músicos de manhã tocavam nas suas bandas – da Guarda Nacional Republicana, da Força Aérea, da Marinha, etc. – e ensaiavam à tarde na Orquestra. Não eram condições de trabalho minimamente aceitáveis.

### OS PROBLEMAS SÃO ADMINISTRATIVOS E NÃO ARTÍSTICOS

#### E tentou mudar isso?

Quando fui nomeado subdirector da Orquestra da Rádio, em 1970, a minha primeira preocupação foi tentar resolver alguns desses problemas. Por exemplo: criei uma Associação de Amigos da Orquestra que

se destinava a comprar instrumentos, porque os instrumentos que os músicos usavam eram fráquíssimos e eu, que naquela altura já vivia nos Estados Unidos (para onde me tinha mudado porque tinha chegado à conclusão de que se ficasse cá não saía da cepa torta), enviava instrumentos de música, através da mala diplomática...

#### Pela mala diplomática?!

O embaixador de Portugal em Washington foi muito simpático: eu comprava os instrumentos em Nova York, levava-os para Washington e eles vinham por mala diplomática. Depois ia buscá-los ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e entregava-os aos músicos. Tudo isto para dizer que, desde muito cedo, me empenhei em tentar resolver os problemas que encontrava, que são problemas essencialmente administrativos, não são problemas artísticos. Imagino que não deve ter sido fácil...

Não foi, porque a partir do momento em que uma pessoa descobre uma coisa que está mal, há alguém que se sente visado por ser responsável pelo que está mal. E, evidentemente, esse alguém torna-se um inimigo. Ora, a minha alternativa seria fechar os olhos, e não dizer nada, mas aí não se resolviam os problemas. A minha intenção era a melhor, mas os resultados muitas vezes foram os piores, precisamente por falta de autocritica, ou por desconhecimento das pessoas responsáveis. E isto passou-se até à extinção das orquestras da Radiodifusão, contra a qual eu lutei, mas que não consegui salvar. O ministro da Cultura, Coimbra Martins, ainda me convidou para voltar para pôr a funcionar a Régie Sinfonia, que foi criada por decreto-lei para serem transferidos para ela os músicos das orquestras da Radiodifusão, de Lisboa e do Porto, mas isso não evitou que as orquestras fossem extintas.

### FALTA DE ESPECIALIZAÇÃO EM CARGOS DE PODER

#### Depois criou a Nova Filarmonia...

Criei a Nova Filarmonia Portuguesa, onde estava à vontade, porque era uma orquestra privada, e que funcionou muito bem. Teve o patrocínio do Presidente da República, dr. Mário Soares, e eu fazia a angariação de fundos, contactava os músicos, realizava os concertos, etc. Fazíamos 140 concertos por ano em todo o país, e foi um projecto pioneiro, porque, pela primeira vez, Portugal foi todo coberto por música sinfónica, o que até então nunca tinha acontecido.

#### E em 1993 funda a Orquestra Sinfónica Portuguesa.

Quando fui convidado para fundar a Orquestra Sinfónica, que nos primeiros anos se estabeleceu como a grande orquestra, pouco a pouco, verificou-se que o Teatro Nacional de São Carlos queria colocá-la na sua dependência. Eu opus-me a isso, porque entendia que a Orquestra Sinfónica Portuguesa devia ser uma instituição com autonomia artística, assim como o governo a criou. Mas o governo seguinte entendeu que não devia ser assim e decidiu integrá-la no Teatro Nacional de São Carlos. A Orquestra perdeu a autonomia, ficou subalternizada, e deixou de ser a grande orquestra do país. No meu tempo, a Orquestra fazia 50 concertos por ano, fazia gravações em discos, e tinha um grande nível artístico, tendo



## Temos grandes compositores, como Luís de Freitas Branco ou Joly Braga Santos, que são reconhecidos em qualquer parte do mundo. No entanto, aqui em Portugal não são tocados

sido convidada para digressões na Europa e em vários sítios. E hoje faz seis ou sete concertos sinfónicos. Mas não é um problema artístico, porque os músicos são os mesmos. É mais um problema de gestão.

#### Será uma fatalidade portuguesa?

Não é uma fatalidade. É porque, infelizmente, as pessoas que estão à frente das instituições, muitas vezes não são especialistas na matéria. Mas, como têm o poder, acham que devem ser eles a mandar. Num hospital não é o director que vai dizer como se faz uma operação, são os especialistas que determinam as regras pelas quais se orientam. E quando uma orquestra está integrada numa outra instituição, com um director generalista, que é quem comanda as operações e não ouve os seus subalternos, há um problema. Mas em Portugal temos a tradição de que quem está num lugar de chefia é que manda, em vez de coordenar, que seria uma melhor maneira de resolver os problemas: chamar os especialistas, deixar que eles decidam, e coordenar a máquina administrativa.

#### Porquê? Por receio de perder a autoridade?

As palavras são suas...

### O DIREITO E O DEVER DE APONTAR AS COISAS QUE ESTÃO MAL

#### É um problema que existe em muitas áreas, não é só na música...

Exacto. Eu estive 20 anos nos Estados Unidos e fui lá director de três orquestras diferentes. E lembro-me perfeitamente de que todas as semanas, à segunda-feira de manhã, antes de começarem a trabalhar, havia um *staff meeting*, uma reunião de todas as pessoas responsáveis pelos vários sectores, para analisarem o que é que correu mal no período anterior. Quando eu quis pôr em prática esse tipo de filosofia aqui, foi impossível, porque as pessoas não estão minimamente interessadas em discutir o que está mal. Isto, inclusivamente, reflecte-se na nossa linguagem, nós nunca somos responsáveis por nada. Dizemos, por exemplo, que foi “o volante que me fugiu das mãos” ou “o copo que me fugiu das mãos”, em lugar de dizermos “deixei cair o copo” ou “não consegui controlar o volante”. A linguagem reflecte esta ideia de não assumir as responsabilidades.



## O Joe Berardo, quando foi da inauguração do seu museu, dizia que nós temos uma riqueza cultural enorme, mas que não sabemos “vendê-la”, e isso é verdade



#### **Há aí algum desencanto com Portugal?**

Não, não há desencanto. Todos os povos são diferentes, e ainda bem que o são. E nós também temos aspectos muito positivos, como por exemplo a capacidade de trabalhar no improviso, coisa que com os alemães, por exemplo, é impossível. Se na Alemanha uma coisa não estiver planeada com seis meses de antecedência e houver necessidade, à última hora, de improvisar alguma coisa é uma catástrofe, ninguém consegue resolver os problemas. Aqui em Portugal fazem-se milagres, as pessoas dedicam-se de alma e coração a resolver as coisas. Nós vivemos num país que tem excelentes qualidades, temos grandes compositores, como Luís de Freitas Branco ou Joly Braga Santos, que são reconhecidos em qualquer parte do mundo. No entanto, aqui em Portugal não são tocados. Porquê? O Joe Berardo, quando foi da inauguração do seu museu, dizia que nós temos uma riqueza cultural enorme, mas que não sabemos “vendê-la”, e isso é verdade.

#### **Será por falta de amor-próprio?**

Não sei. É muito fácil analisar, mas não vale a pena

encontrar uma resposta se não se fizer nada. Nós, portugueses, temos o direito e o dever de apontar as coisas que estão mal, para que os estrangeiros que nos visitam possam dizer bem do nosso país. Essa é a minha maneira de olhar para as coisas. Quando aponto alguma coisa que não está bem, faço-o não para dizer mal, mas para que possa ser melhorado, para bem do meu país. Nós temos qualidades imensas, temos excelentes músicos, excelentes compositores, e temos uma cultura de muitos séculos, que merece uma difusão internacional.

#### **CONCENTRADO NA DIFUSÃO INTERNACIONAL DA MÚSICA PORTUGUESA**

#### **Foi isso que o levou a envolver-se num projecto de gravações internacionais de obras de compositores portugueses?**

Esse é o projecto em que estou presentemente mais envolvido, já que tendo deixado a chefia administrativa de orquestras e tendo-me libertado da frustração de ver tantos problemas insolúveis, agora estou a concentrar-me na difusão internacional da nossa

música através da Naxos, que é a maior etiqueta internacional de edição de discos. Já gravei a integral das sinfonias de Joly Braga Santos, estou a fazer o mesmo com as sinfonias de Luís de Freitas Branco, as críticas internacionais têm sido excelentes, e são revelações para o público internacional, porque até agora não houve maneira de mostrar lá fora o que é feito em Portugal. É um projecto altamente estimulante, até porque são gravações que ficam, não é mais um concerto, que é ouvido por xis pessoas e que no dia seguinte é esquecido.

#### **Nesse projecto, tem trabalhado com várias orquestras?**

Tenho trabalhado com várias orquestras, mas tenho que angariar fundos em Portugal para comparticipação nas despesas de produção artística. Porque a Naxos assume uma grande parte das despesas, mas exige que o país de origem das obras também contribua com alguma coisa. Neste momento, as orquestras com que estou a gravar são orquestras estrangeiras. Se os responsáveis das orquestras portuguesas o quisessem, também poderia gravar com elas...

#### **MAGOADO COM O DESTINO DE ALGUNS PROJECTOS SEUS**

#### **Sente-se de alguma forma magoado ou frustrado pelo destino que tiveram alguns projectos em que se envolveu?**

Sim, fiquei muito magoado com a extinção das orquestras da Radiodifusão Portuguesa, que foi totalmente injustificada. A BBC tem a sua orquestra, a orquestra com que gravo, na Irlanda, é a Orquestra Nacional da Rádio da Irlanda, administrada pela RTE, a Radiotelevisão Irlandesa. Existem orquestras de rádio na Alemanha, em França, em Itália, não há nenhuma razão porque a Rádio e Televisão de Portugal não tivesse a sua orquestra. Acho que foi um erro cultural, e acima de tudo foi a destruição de um monumento cultural vivo. Depois, outro erro, como já disse, foi integrar a Orquestra Sinfónica Portuguesa no Teatro Nacional de São Carlos, subalternizando-a e retirando-lhe a autonomia. E também criei a Orquestra do Algarve, que era para ser “a jóia da coroa”, um pólo de atracção turística, de elevada qualidade, mas que, devido a problemas de gestão e financeiros, se transformou numa orquestra regional quando poderia ser uma orquestra de cariz internacional... São tudo coisas que me escapam e que, evidentemente, me levaram a afastar-me gradualmente da gestão de orquestras. Concluí que em todas elas existiam forças que me ultrapassavam e que, portanto, era melhor eu dedicar-me a projectos artísticos meus, como é o da internacionalização do repertório sinfónico português de elevado nível artístico, gravando-o para uma etiqueta internacional.

#### **Apesar dessas mágoas, o balanço que faz da sua vida é positivo...**

Sim. A carreira que tenho, e de que muito me orgulho, que me levou a ser director de cinco orquestras estrangeiras, e o reconhecimento internacional que tenho tido compensa largamente as frustrações. E tenho a consciência totalmente tranquila de que, se entrei em colisão com algumas pessoas, foi por uma boa causa e, em retrospectiva vê-se que tinha

## **A** ÁLVARO CASSUTO

razão nas causas que advogava. Eu não sei muita coisa, mas aquilo que eu sei, sei. E sinto-me um especialista em orquestras, e portanto sei detectar os problemas onde eles existem e sei como resolvê-los. Mas se não me deixam resolvê-los, paciência, vou bater a outra porta. Mas, pronto, a nossa vida tem coisas positivas e coisas negativas, é mesmo assim. Eu prefiro olhar para o copo meio cheio do que para o copo meio vazio...

### **O DESENCONTRO COMO COMPOSITOR**

**Além do seu trabalho como maestro, há também a sua faceta de autor. Neste seu projecto de gravações, o compositor Álvaro Cassuto não entra?**

Não. O compositor Álvaro Cassuto não entra, como não entra nenhum compositor vivo. Porque a história é ela própria o melhor crítico para separar o trigo do joio, o tempo que passa distingue as obras que vão ficar das outras, que podem fazer um grande furor no tempo em que são criadas e apresentadas, mas que não são mais do que obras de circunstância. Sempre foi assim. Mozart é hoje muito mais apreciado do que quando era vivo. E há outros compositores que foram celeberrimos em vida e hoje são figuras secundárias. E como as gravações que eu faço para a Naxos são para ficar, e não são de promoção de determinado compositor, eu estabeleci como regra que só gravo obras que já provaram que hão-de ficar para o futuro, e não obras que ainda estão sujeitas a esse processo de selecção. Além disso, em relação aos compositores vivos, se eu incluo obras do compositor X, os restantes ficam ofendidos por não os incluir, e crio mais conflitos do que já tenho, desnecessariamente. E a própria Naxos também está interessada em promover a cultura portuguesa não na perspectiva do que se faz hoje, mas antes daquilo que existe e que provou ser bom e que não se encontra nos mercados internacionais. E acho que esse é um critério muito saudável.

**Em todo o caso, como é que o maestro Álvaro Cassuto olha para as obras do compositor Álvaro Cassuto?** De uma forma muito negativa. Eu comecei a minha carreira como compositor, porque, naquela altura, estava muito envolvido na vanguarda, tinha um pé



em Portugal e outro na Alemanha, frequentei os cursos de Darmstadt, onde privei com figuras como Stockhausen, Pierre Boulez, Luigi Nono ou Messiaen, as grandes figuras da música de vanguarda. Achei que tinha por obrigação ajudar a renovar a linguagem dos compositores portugueses da minha geração e por isso fui o primeiro a compor uma obra dodecafónica em Portugal, a minha primeira Sinfonia Breve, em 1959. Mas, pouco a pouco, vim a reconhecer que a vanguarda tinha mais a preocupação do novo do que do bom. O que estava em causa era, de obra para obra encontrar uma nova linguagem, e isso nunca deixa aprofundar nem deixa desenvolver a qualidade intrínseca daquilo que se faz. Haydn escreveu 104 sinfonias e são todas num mesmo estilo que se ia desenvolvendo de uma forma natural. Mas a vanguarda dos anos 60 fazia tábua rasa de obra para obra o que, como vim a reconhecer mais tarde, era um grande defeito. Isso fez com que não houvesse continuidade estilística daquilo que eu estava a escrever e, finalmente, eu não tinha uma linguagem própria. Estava à procura de encontrar novas linguagens em cada obra, e quando cheguei à conclusão que esse era um caminho errado, pura e simplesmente deixei de compor.

**Isso aconteceu em que altura?**

Foi quando eu já tinha perto de 50 anos e fiz um concerto com a Orquestra da Radiodifusão Portuguesa integralmente dedicado a obras minhas. Cheguei a essa triste conclusão de que não me encontrarei e agora era tarde demais para me encontrar. Talvez futuramente alguém possa encontrar alguma qualidade numa ou noutra obra minha, e se tal vier a acontecer, muito bem. Também Rossini deixou de compor aos 36 anos, e ainda viveu muitos mais. Portanto, o facto de eu ter deixado de compor – com excepção dos “Fados Sinfónicos”, em 2006, onde que, pela primeira vez, um compositor de música erudita se dedica seriamente em criar uma obra sinfónica em que o fadista aparece como solista, com o acompanhamento das guitarras tradicionais – não invalida que tenha escrito um bom núcleo de obras que a história, depois da minha morte, irá decidir se têm ou não alguma validade. E se tiverem, então alguém que siga as minhas pisadas e que se dedique à difusão internacional da música portuguesa, se achar que as minhas obras têm validade e que merecem essa honra, que o faça. Mas eu não o vou fazer.

*Viriato Teles*

**Já gravei a integral das sinfonias de Joly Braga Santos, estou a fazer o mesmo com as sinfonias de Luís de Freitas Branco, as críticas internacionais têm sido excelentes, e são revelações**

## As palavras de João de Freitas Branco em revista



João de Freitas Branco, pode dizer-se, nasceu praticamente no Conservatório Nacional, onde obteve formação superior musical, na senda de seu pai, o compositor Luís de Freitas Branco, de seu tio, o maestro Pedro de Freitas Branco, e ainda do tio de sua mãe, o maestro e compositor Luís Filgueiras. Mas, ainda a par do curso de Ciências Matemáticas, que completou com nota elevadíssima, cedo começou a manifestar as suas invulgares capacidades de comunicação, o que o levou a ser considerado "o grande educador musical dos portugueses". Nascido em Lisboa em 1922, começou a ajudar o seu pai, em 1938, como crítico musical do jornal "O Século", entre outras colaborações em revistas da especialidade, e em 1944 iniciou funções de assistente de programas musicais na Emissora Nacional (EN). Passados quatro anos, fez parte do grupo que fundou a Juventude Musical Portuguesa e em 1956 criou o programa semanal de rádio "O Gosto pela Música", transmitido pela então EN e mais tarde pela Radiotelevisão Portuguesa, o qual durou 29 anos sem interrupção. Aqui estava o grande divulgador da música. A direcção do Teatro Nacional de São Carlos, que assumiu em 1970, e onde fundou e dirigiu a Revista do Teatro de São Carlos, foi também um dos pontos altos da sua actividade, juntamente com a sua colaboração em quatro Governos, após o 25 de Abril, na área da Cultura.

Com os seus programas radiofónicos e televisivos e os seus inúmeros escritos, João de Freitas Branco foi uma das figuras centrais da cultura musical em Portugal. Toda a sua obra - seja a de divulgação, seja a da crítica, seja a ensaística, seja ainda a que levou a cabo no São Carlos, ganhou uma densidade de contextualização dramática até então inédita em Portugal. É um texto deste prestigiado autor, falecido em Caxias em 1989, que agora revisitamos nesta secção. Publicado no Boletim n.º 3, no Inverno de 1959, nele o ensaísta fala de um iluminado compositor português que morreu muito jovem e que foi aluno de seu pai: António Fragoso. A recuperação deste texto daquele que foi membro do Conselho Directivo da Sociedade Portuguesa de Autores e presidente da respectiva Assembleia Geral, é mais um valioso contributo "para levar por diante a preservação e difusão de uma memória colectiva que pertence a todos os autores portugueses e, consequentemente, à cultura portuguesa". O que a SPA pretende é que, ao lerem este e outros artigos publicados nesta revista, desde a sua criação, em meados de 1958, ainda sob a forma de boletim, e assinados por grandes nomes de autores portugueses, todos já falecidos, os leitores se apercebam "da importância da SPA como instituição cultural de referência, ao longo de mais de oito décadas". **EE**

## ANTÓNIO FRAGOSO – UM COMPOSITOR PORTUGUÊS \*

Por João de Freitas Branco

VOU FALAR-LHES DE UM ARTISTA que, tendo visto a luz do dia para os lados de Cantanhede, na freguesia da Pocariça, ali mesmo a recebeu pela última vez quando iam passados vinte e um anos e poucos meses. Viveu de 17 de Maio de 1897 a 13 de Outubro de 1918. Neste intervalo, revelou tendência excepcional para a arte dos sons muito cedo, como se a intuição da criança já soubesse da fatalidade que a esperava. Beneficiou do gosto musical de um bom tio; iniciou-se no piano com Ernesto Maia, no Porto, enquanto cursava o liceu e soube não esconder um desgosto, porque era autêntico, daqueles que nenhuma opacidade pode encobrir: a família, na mais protectora e carinhosa das intenções, indicava-lhe outra via que não a da música. Segui no entanto o seu caminho, por isso mesmo que era sua a sua tristeza; e, porque os opositores lhe queriam bem e não puderam obstinar-se em torturá-lo, veio para Lisboa; entrou no Conservatório; aperfeiçoou-se no piano; e terminou mesmo o seu curso, sob a orientação amigável e competente de Marcos Garín ao mesmo tempo que Tomás Borba lhe ministrava os indispensáveis conhecimentos de harmonia, e outras ciências contribuintes da arte de compor música lhas transmitia Luís de Freitas Branco, meu Pai. Ensaiei os primeiros passos na composição musical e tive consciência de que o conduziam a bom rumo; os mestres louvaram-no e estimularam-no; e cada nova página sua de pentagramas ornados pelo seu punho desvanecia dúvidas dos que sabiam quanto é improvável o aparecimento de uma autêntica personalidade de artista: peças para piano, para canto e piano sobre poemas portugueses e franceses (nomeadamente de Verlaine), para violino e piano, um trio para piano, violino e violoncelo. Eis o que, por triste felicidade, coube nesse intervalo de vinte e um anos, até que a pneumónica veio arrancar seis vidas e mais a sua, numa família que não merecia senão venturas.

Não conheci António Fragoso. Não podia tê-lo conhecido; mas recordo aqui as muitas vezes que meu Pai me falou do seu porte irrepreensível, da sua cortesia extrema, da sua indeteriorável correcção. E estes atributos eram de rapaz, de um temperamento que mal se despedira de uma adolescência de artista, e de um artista fascinado pelo que então se considerava moderno e, por muitos, indesejavelmente arrojado. Uns e outros aspectos raros se conciliam; a sua união na pessoa de António Fragoso revela a maturidade antes do tempo, consciente de que a aparência e a essência não têm totalmente que coincidir neste mundo de contradições.

Como natureza artística que era, António Fragoso apaixonou-se. Prendeu-se de amores por música francesa, adorou a Claude Debussy e Gabriel Fauré. Também desses encantos nos falará hoje sua música. E se alguém, com razão, disse que um Debussy, um Fauré, um Maurice Ravel (outro ídolo), um desses três grandes não desprezaria escrever o seu nome sob música de Fragoso, também é verdade que um eu habita cada pensamento musical do nosso compatriota, como os gemes no cromossoma, a definir personalidade diferente de todas as outras.

António Fragoso desapareceu há quarenta anos. Podia ser hoje vivo; teria apenas sessenta e um, uma idade em que Verdi não tinha composto nem o Otelo nem o Falstaff. Que lugar teria António Fragoso ocupado na música portuguesa no decurso destas últimas quatro décadas? O seu pendor para o espírito francês e para tudo o que fosse validamente novo deixa admitir a assimilação do expressionismo, talvez a adesão à estética de algum dos «seis» -Honegger, Poulenc, Milhaud? - quicá um interessante absorvente pelo caso Strawinsky, ainda que este nos não pareça o mais afim à sua sensibilidade. Os aromas portugueses de que ainda dotou algumas das suas páginas permitem ademais suspeitar de uma possibilidade de aceitação de doutrinas folclórico-nacionalistas. Em qualquer caso, o lugar de António Fragoso ficou vago, nenhum dos compositores portugueses do nosso tempo, ainda



que o tenha guiado o mesmo Norte, nos trouxe mensagem igual à que seria a sua. Melhor, pior? Diferente. Se António Fragoso tivesse sobrevivido ao limiar da maioridade, se a terra beirã que lhe sorriu naquelas férias não tivesse querido ser seu cemitério já no Outono desse mesmo ano de 1918; e se António Fragoso estivesse vivo ainda hoje, que obras de arte teria criado? Quem pode, afinal, responder a esta pergunta talvez sem sentido? Porque teriam os frutos da sua plena maturidade que surgir-nos, por algum travo do sabor, Artur Honegger ou Francis Poulenc, Darius Milhaud ou Igor Strawinsky? Na impossibilidade de responder esconde-se a eterna tragédia da morte prematura de um artista. E que do seu engenho poderia nascer, tomar forma e elevar-se à contemplação da Humanidade o que nenhum homem antes realizara ou sequer imaginara. Se chego a ponto de levantar tão alto a minha lamentação, convicto de que me acompanham os que me estão lendo, é porque a realidade, o que ficou de concreto, escrito em papel de cinco linhas pelo punho de António Fragoso, me justifica firmemente.

\* Boletim n.º 3, Inverno de 1959, p. 22

## DEPOIS DE RECEBER

## O PRÉMIO PEN CLUBE 2008

**“Myra” de Maria Velho da Costa vence Prémio Literário Casino da Póvoa**

Maria Velho da Costa, com o romance “Myra”, editado pela Assírio & Alvim, foi a grande vencedora do Prémio Literário Casino da Póvoa. O nome foi revelado na sessão oficial de abertura das Correntes d’Escritas, evento que reuniu na Póvoa de Varzim, de 24 a 27 de Fevereiro, cerca de 65 escritores. A vencedora levou assim para casa um cheque no valor de 20 mil euros para juntar aos cinco mil que recebeu a 29 de Novembro de 2009, quando lhe foi outorgado o Prémio Pen Clube de Ficção pela mesma obra literária.

O Prémio Literário Casino da Póvoa é a única distinção de cariz internacional, que, em Portugal, ultrapassa as fronteiras da língua portuguesa. Como é habitual, nos anos pares, o júri, constituído este ano por Carlos Vaz Marques, Dulce Maria Cardoso, Fernando J.B. Martinho, Patrícia Reis e Vergílio Alberto Vieira, distinguiu uma obra em prosa (em anos ímpares é em poesia). No total, estiveram a concurso

160 livros de autores de língua portuguesa, castelhana ou hispânica, resultando uma short list, que, além de Maria Velho da Costa, foi constituída por: “O Mundo”, de Juan José Millás, “A Eternidade e o Desejo”, Inês Pedrosa, “A Mão Esquerda de Deus”, Pedro Almeida Vieira, “A Sala Magenta”, Mário de Carvalho, “O apocalipse dos trabalhadores”, valter hugo mãe, “O Cónego”, A. M. Pires Cabral, “O Verão Selvagem dos teus Olhos”, Ana Teresa Pereira, “Rakushisha”, Adriana Lisboa e “Três Lindas Cubanas”, de Gonzalo Celorio. Os vencedores do Prémio Literário Casino da Póvoa nos anos anteriores foram os seguintes: Lúcia Jorge, por “O Vento Assobiando nas Gruas” (2004), António Franco Alexandre, por “Duende” (2005), Carlos Ruíz Zafon, por “A Sombra do Vento” (2006), Ana Luísa Amaral, por “A Gênese do Amor” (2007), Ruy Duarte de Carvalho, por “Desmedida (2008) e Gastão Cruz, por “A Moeda do Tempo” (2009). Maria Velho da Costa é licenciada em Filologia Germânica, foi professora no ensino secundário membro da direcção da Associação

Portuguesa de Escritores. Consagrada, já em 1969, com o romance Maina Mendes, tornou-se bem conhecida por ser uma das co-autoras das Novas Cartas Portuguesas, obra publicada em 1971, e rapidamente proibida e levada das livrarias e onde simplesmente se relatava o amor de uma freira, obrigada ao convento, por um oficial francês que rapidamente a esqueceu.

Tratava-se, sem dúvida, de uma publicação que claramente questionava o regime e punha em causa as suas posições ditatoriais em relação à liberdade de expressão o que levou as suas três autoras a tribunal, tendo o 25 de Abril interrompido as sanções a que estavam sujeitas as denominadas 3 Marias: Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno. *EE*



PEÇA GALARDOADA  
COM O GRANDE PRÉMIO  
DE TEATRO PORTUGUÊS 2008

## “Uma Família Portuguesa” está em cena no Teatro Aberto



GALARDOADA NO ANO DE 2008 com o Grande Prémio de Teatro Português promovido pela SPAutores e pelo Teatro Aberto – um dos mais importantes galardões atribuído em Portugal e na Europa - a peça “Uma Família Portuguesa”, de Filomena Oliveira e Miguel Real, está em cena na Sala Vermelha daquele teatro à Praça de Espanha, desde o passado dia 25 de Março.

Com dramaturgia e encenação de Cristina Carvalhal, que, curiosamente, arrebatoou, este ano, o Prémio para o Melhor Espectáculo de Teatro promovido pela SPA em parceria com a RTP, a peça da autoria da dupla Filomena Oliveira e Miguel Real vai continuar em cena até 2 de Maio.

A peça apresenta-nos uma família portuguesa composta por três gerações. A casa onde habitam era propriedade do falecido patriarca, de cuja presença não se conseguem libertar. Integrando referências musicais, literárias e plásticas da segunda metade do século XX, a encenação de Cristina Carvalhal convoca um imaginário com o qual todos os portugueses se poderão identificar.

Trata-se de um espectáculo que evoca temas como a guerra colonial, a “esperteza saloia” ou a devoção a Nossa Senhora de Fátima, tão presentes ainda na nossa memória colectiva.

A música de “Uma Família Portuguesa” é da responsabilidade de João Gil, o cenário leva a assinatura de Ana Vaz, que se encarregou também dos figurinos, juntamente com Maria Gonzaga. Melim Teixeira dirige a luz, tendo Margarida Gonçalves apoiado o movimento. O elenco da peça da dupla de dramaturgos Filomena Oliveira/Miguel Real está entregue a Bruno Simões, Carlos Malvarez, João Maria Pinto, Luísa Salgueiro e Teresa Faria.

“Uma Família Portuguesa” pode ser vista no Teatro Aberto até 2 de Maio no seguinte horário: de quarta a sábado às 21h30 e aos domingos às 16 horas.

### TERMINOU PRAZO DE ENTREGA DE OBRAS PARA O CONCURSO 2010

Entretanto, terminou no passado dia 12 de Março o prazo de entrega na SPA de obras originais concorrentes ao Grande Prémio de Teatro Português 2010, cujo vencedor receberá o prémio monetário de 5000 euros, o qual inclui os direitos de representação da carreira de estreia da peça e da sua edição em livro, além de um troféu simbólico. O título da peça premiada e o nome do seu autor serão revelados no Dia do Autor Português, a 22 de Maio, procedendo-se nessa data à entrega do prémio. A Sociedade Portuguesa de Autores compromete-se a editar a obra premiada e o Teatro Aberto, como está a acontecer agora com “Uma Família Portuguesa”, procederá à montagem da peça distinguida com o primeiro prémio, no prazo de dois anos, a partir da data da atribuição do mesmo. O autor deverá disponibilizar-se, por seu turno, em colaborar nas eventuais alterações necessárias à dramaturgia do espectáculo. Será da exclusiva responsabilidade do Teatro Aberto a escolha do local de representação da peça, bem como a escolha das equipas artística e técnica do espectáculo.

Não serão atribuídos prémios ex-aequo, nem menções honrosas, sendo o júri composto por um presidente e por seis elementos, sendo três designados pela Sociedade Portuguesa de Autores e três pelo Teatro Aberto.

Interessado na divulgação da dramaturgia portuguesa contemporânea, o Teatro Aberto instituiu com a Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) o Grande Prémio de Teatro Português, destinado a galardoar, em cada ano civil, uma peça inédita de um autor português.

Este prémio proporciona ao autor da obra vencedora, para além de um valor pecuniário, a possibilidade de ver a sua peça editada em livro e estreada numa produção do Teatro Aberto, conforme referimos.

Por outro lado, a peça vencedora é traduzida para inglês, incentivando deste modo a sua divulgação internacional. *Edite Esteves*

# A SPA POR DENTRO



## SPA reforça horário do atendimento de autores

Já se encontra em funcionamento pleno o alargamento do horário do Atendimento de Autores. Este alargamento surge na sequência das alterações que têm vindo a ser introduzidas na área do Atendimento, sempre na perspectiva de melhorar os serviços prestados pela SPA aos autores. Assim, o Atendimento de Autores passa a manter-se em funcionamento ininterrupto até às 17 horas, ficando

os autores a dispor de um período de tempo mais alargado para tratar dos seus assuntos.

A Administração informa ainda que este alargamento do período de funcionamento do Atendimento foi levado à prática sem custos adicionais para a SPA, contando unicamente com os recursos existentes nas áreas do Atendimento e da Contabilidade e Finanças (Tesouraria)

## Linha de atendimento telefónico permanente

Na sequência das alterações e melhorias introduzidas no Atendimento de Autores, com o objectivo de se melhorar a qualidade dos serviços prestados aos sócios e sendo esta área prioritária, a Administração vai alargar, já no início do próximo ano, o horário de funcionamento deste fundamental serviço. Assim, o Atendimento de Autores passa a estar em funcionamento contínuo até às 17 horas, ficando os autores a dispor de um período de tempo mais alargado para tratarem das questões relacionadas com a sua actividade e com a SPA.

A Administração aproveita ainda para lembrar que uma linha telefónica de atendimento permanente (24 horas por dia) estará também disponível no início do ano, proporcionando aos autores uma significativa melhoria na comunicação com a cooperativa e contribuindo para uma mais célere resolução dos seus problemas.

Lisboa, 18 de Dezembro de 2009  
A Administração

## SPA procura soluções para autores penhorados

A comunicação social voltou a fazer-se eco das dificuldades financeiras enfrentadas por centenas de autores portugueses, designadamente aqueles que se defrontam com graves situações de penhora fiscal. Já no ano passado a SPA chamou a atenção para este problema, na mesma altura em que sublinhou os reflexos da crise internacional na vida dos artistas e autores portugueses. Neste momento, o número de autores afectados por penhoras fiscais ultrapassa o milhar, o que significa que nenhuma verba que lhes seja atribuível pela SPA pode ter outro destino que não sejam as Finanças.

A SPA solicitou audiências ao Senhor Ministro das Finanças, Prof. Doutor Fernando Teixeira dos Santos, em 13 de Maio de 2009 e em 20 de Janeiro de 2010, com o objectivo de lhe expor a gravidade desta situação.

A posição defendida pela SPA nesta matéria nada envolve que possa assemelhar-se a um pedido de privilégio ou de tratamento de excepção para os autores que prevaricam. A SPA está bem consciente de que, no quadro dos direitos e deveres da cidadania, não podem nem devem haver situações de excepção, seja para quem for. O que a SPA defende e pretende propor é que os autores que vivem exclusivamente da sua actividade criadora, não auferindo outros rendimentos, possam, à semelhança do que

sucede com os trabalhadores por conta de outrem, reter parte dos valores auferidos, de forma a poderem fazer face aos encargos mínimos com a sua subsistência, destacando-se a alimentação e a habitação.

Propõe ainda a SPA que o valor de referência para a fixação da verba a reter com essa finalidade seja estabelecido com base na média dos direitos auferidos nos últimos cinco anos. É essa a posição que a cooperativa defende, que pretende expor ao Ministro da Finanças e que já teve oportunidade de apresentar à Ministra da Cultura.

Ao defender esta posição, a SPA consciente da extrema gravidade de algumas das situações vividas por autores de diversas disciplinas, mais não pretende do que assegurar, de forma objectiva e razoável, as condições básicas de subsistência de pessoas que se encontram em situações desesperadas. A SPA assume esta posição de forma serena e firme, tanto mais que tem vindo a alertar, ao longo dos anos, os autores que representa para a necessidade incontornável de cumprirmos os seus deveres, por ser essa a única forma de terem legitimidade para fazer prevalecer os seus direitos. Porém, não pode assumir uma posição de passividade quando centenas de autores que defende e representa enfrentam situações aflitivas que inevitavelmente virão a ter consequências negativas na vida cultural portuguesa.

Lisboa, 18 de Março de 2010  
O Conselho de Administração

## Assegurada formação profissional dos trabalhadores

Após várias consultas a organismos de apoio na área da formação profissional (QREN, Programa de Potencial Humano, Citeforma), a Administração da SPA garantiu como entidade formadora o Instituto de Emprego e Formação Profissional. O Plano de Formação, exigido por lei a todas as empresas, faz também parte do esforço de investimento que tem sido levado a cabo por esta Administração na área do conhecimento e da qualificação dos trabalhadores, principal activo e factor de competitividade da nossa cooperativa. A formação radicará, essencialmente, nos módulos de Línguas (Inglês), Novas Tecnologias (Office/Windows/Correio Electrónico), Gestão Departamental, Contabilidade Geral e Higiene e Segurança no Trabalho, decorrendo nas instalações do IPFEL. Este apoio garante à SPA uma redução muito significativa de custos na área da formação, obrigatória por lei.

Lisboa, 15 de Março de 2010  
O Conselho de Administração

## SEM MARCAÇÃO PRÉVIA Fiscalização vai ser reforçada no âmbito das Artes Cénicas

Tendo a Sociedade Portuguesa de Autores, para além do seu papel de gestora, o objectivo de defender e estimular a liberdade de criação intelectual dos seus membros, informa que irá reforçar uma actividade que, desde sempre, lhe está pelos autores confiada: a Fiscalização no âmbito das Artes Cénicas (Teatro, Dança, Música Erudita, Ópera, Recitais de Poesia).

Esta acção abrangerá todas as entidades públicas e privadas que promovam ou produzam espectáculos desta natureza, solicitando para tanto a colaboração e participação de empresários, entidades oficiais e sociedade civil nesta iniciativa, que defende os cumpridores assim como os autores como parte essencial e estruturante no processo da divulgação cultural.

Agradecendo, desde já, a especial atenção dos interessados no atendimento aos dignos representantes dos autores no processo da representação pública das suas obras, passa a SPA a informar que, a partir da presente data, os nossos inspectores irão apresentar-se nas vossas instalações, sem marcação prévia.

Esperamos que este esforço seja bem aceite e compreendido por todos.

11 de Março de 2010  
O Conselho de Administração

## O Cinema e a Concorrência

## Uma Perspectiva Espanhola



Por Francisco Aguilera\*

A ACTIVIDADE CINEMATOGRAFICA e audiovisual é, indubitavelmente, um sector estratégico quer no domínio cultural quer no domínio económico.

Elemento da cultura, contribui para o avanço tecnológico, o desenvolvimento económico e a criação de emprego, ao mesmo tempo que é um elemento fundamental na defesa da diversidade cultural. Constitui um meio de promoção de um país, do seu povo, do seu modo de vida e dos elementos culturais da sua identidade.

Consequentemente, está justificada a promoção e o apoio à actividade cinematográfica e audiovisual, assim como a criação de mecanismos que evitem os actuais desequilíbrios do mercado audiovisual e promovam, uma nova situação que reforce os valores mencionados.

Nesse contexto, o apoio à criação e aos autores como fonte original das obras e à relação das mesmas com os seus destinatários, os cidadãos ou, por outra palavras, a sociedade civil, é justificado pela sua contribuição para a Cultura.

Na Lei Espanhola do Cinema 55/2007 não só se encontram previstas ajudas para os criadores, mas também para um conjunto de actividades, como o desenvolvimento de projectos, a produção, a distribuição, a exibição e a conservação do património, entre outras...

De acordo com a referida Lei, o regime de ajudas “incluira as especificidades..., adequadas às características do sector a que se destinam...”.

Relativamente aos incentivos fiscais, explica “que serão os previstos na legislação fiscal, em especial os previstos nos Artigos 34.1 e 38.2 do texto codificado da Lei do Imposto sobre Sociedades, aprovado pelo Decreto Real 4/2004, de 5 de Março”.

Para o efeito, fomenta-se a criação de agrupamentos de interesse económico, assim como o investimento em sociedades de capital de risco no sector cinematográfico.

Veja-se, a título de exemplo, as “Ajudas ao desenvolvimento de projectos de filmes cinematográficos de longa metragem”:

“O seu montante não poderá ser superior ao investimento do produtor, nem a 50% do orçamento do projecto, tendo como limite máximo 150,000 euros”.

No caso das “Ajudas à produção de longas-metragens sobre projecto”, estabelece-se:

“O seu montante não poderá ser superior ao investimento do produtor, nem a 50% do orçamento do filme, tendo como limite máximo um milhão de euros”.

Estes conceitos do custo e da amortização de um filme, estão a ser debatidos em França com vista à sua redefinição, com base numa maior transparência, e tendo em atenção as conclusões do Relatório Bonnel. Foram concedidas ajudas a primeiros e segundos filmes, numa percentagem de 62%, e foram tomadas medidas para favorecer os filmes de orçamento médio – entre 1 e 15 milhões de euros -, por forma a equilibrar as ajudas. Também se pretende, nesse sentido, favorecer as pequenas e médias empresas de exibição cinematográfica.

A aprovação da Ordem Ministerial (Ordem CUL/2834/2009, publicada em 24 de Outubro), na qual se desenvolve – em conjunto com o Decreto-Lei 2062/2008 – todo o regime de ajudas para guiões, desenvolvimento e produção, foi debatida em Bruxelas, por ter sido considerada discriminatória por um grupo de cineastas. Em princípio, o Ministério da Cultura contava com um sistema rápido de aprovação mas, na sequência da reclamação apresentada por alguns grupos, entre os quais o dos “cineastas contra a ordem”, o processo em vez de ser resolvido com brevidade decorreu normalmente.

Anteriormente, a Comissão Europeia autorizou a referida Ordem Ministerial, por estar em conformidade com a legislação europeia em matéria de concorrência. Foram já publicadas convocatórias para que os interessados apresentem as suas pretensões. De acordo com o novo modelo de ajudas, a Ordem Ministerial dispõe que as produções mais experimentais, de novos realizadores e de “cinema de autor”, sigam a via das ajudas antecipadas (sobre projecto) e que os filmes de maior vocação comercial ou industrial sejam encaminhados para as ajudas à amortização (geral e complementar), que seriam cobradas mais de dois anos depois da sua estreia em salas de cinema. A reclamação foi apresentada pelo grupo “cineastas contra a ordem”, por considerar que o sistema de ajudas previsto na referida legislação espanhola discriminava o seu grupo e criava entraves contrários ao princípios da concorrência, à produção de filmes de orçamento inferior a 600,000 euros, ou low cost na terminologia americana.

A Ordem Ministerial divide as ajudas em duas grandes categorias:

As ajudas para a elaboração de guiões de longas-metragens ficam limitadas a um máximo total de quinze ajudas anuais, aumentando a sua dotação, e apoiando a sua vinculação tanto às ajudas posteriores ao desenvolvimento de projectos, como às próprias ajudas à produção de longas-metragens sobre projecto. Por outro lado, os beneficiários, seleccionados com base

num processo que aumentará necessariamente o carácter competitivo das ajudas, o que irá certamente prestigiá-las, deverão participar em determinadas actividades destinadas a melhorar a interacção entre argumentistas, realizadores e produtores.

As ajudas à amortização mantêm o esquema actualmente em vigor que as divide em ajuda geral e complementar. A ajuda geral será uma consequência directa da aceitação de um filme por parte dos espectadores, conceito no qual se incluem outras novas formas de acesso à obra cinematográfica distintas de exibição em sala. Este facto vem reforçar a atribuição ao público do que viria a ser uma função de júri na própria atribuição das ajudas. No entanto, o êxito comercial de uma obra não pode ser o único critério válido para torná-la merecedora do apoio público. Estabelece-se, assim, a ajuda complementar que tem em consideração outros factores como o carácter independente da produção; que se trate de um documentário; que seja qualificado como “Especialmente recomendado para crianças”; que se trate de um filme de animação; o reconhecimento do filme através da sua aceitação em festivais ou a atribuição de prémios; o facto de a sua versão original ser em língua espanhola distinta do castelhano; a existência de uma composição equilibrada de mulheres e homens entre os responsáveis de cada uma das equipas técnicas; o risco assumido pelo produtor a partir de determinados níveis de investimento ou a aposta em novas tecnologias de projecção digital.

Deverão, assim ser mantidos limites claros no que se refere à obtenção das ajudas, em termos percentuais e em valores absolutos, com vista a manter o necessário equilíbrio e proporção entre o apoio público ao sector cinematográfico e audiovisual e a racionalidade dos sistemas de ajudas no seu conjunto.

Vemos como em França e em Espanha, os termos utilizados na linguagem da concorrência: entraves, tempos de exploração em cada modalidade, ou *time shift*, ajudas em geral, equilibradas e proporcionais, incremento da competitividade,... surgem no quadro geral das Leis do Cinema, aí devendo permanecer por imposição da futura legislação europeia.

Neste contexto, parece absolutamente normal solicitar às autoridades o reforço dos direitos de autor dos cineastas e uma maior participação na gestão e exploração das suas obras através das respectivas Sociedades de Autores.

\*Direcção Geral/Relações Internacionais da SGAE, Sociedad General de Autores y Editores, de Espanha



## GRANDES SOCIEDADES INTERNACIONAIS COM OS OLHOS POSTOS NA SPA

# “Convidaram-nos a mostrar em Veneza, o que conseguimos fazer em televisão”

“A SPA FOI CONVIDADA a mostrar, agora em meados de Abril, em Veneza, na Assembleia-Geral do Comité de Comunicação da CISAC, o que estamos a fazer em televisão. Para além do DVD de demonstração sobre o programa “AUTORES” na TVI24, vai ser feito um pequeno filme de apresentação daquilo que foi a Gala SPA/RTP”. Foi com grande satisfação que José Jorge Letria anunciou, assim, à Autores o fruto do reconhecimento que as grandes sociedades de autores presentes, em Janeiro, em Cannes, manifestaram em relação ao trabalho que a nossa cooperativa tem vindo a efectuar para superar a crise, mormente no que diz respeito ao incremento da visibilidade dos autores e dos seus direitos através da televisão.

“Na reunião em que participei no Comité de Comunicação da CISAC, de cuja comissão executiva fazemos parte, eu apresentei o projecto da Gala, e também um DVD demonstração do programa da TVI24, e ficámos muito satisfeitos por ver o interesse e o acolhimento que esta nossa realização teve por parte dos nossos parceiros – estou a falar de grandes sociedades, como a SABAM da Bélgica, a SACEM de França, a GEMA da Alemanha, a Buma/Stemra da Holanda, a ASCAP dos Estados Unidos da América, a PRS de Inglaterra, que foram as primeiras a reconhecer que aquilo que nós conseguimos, é uma coisa única. É uma coisa que nenhuma delas ainda conseguiu.”

Para a SPA isto é importante, “porque nos prestigia internacionalmente”, como destacou o vice-presidente, e pode dar pistas a outras sociedades para seguirem também na sua negociação. “Mas, sobretudo, faz com que o nome de Portugal, via sociedade de autores e não só, seja reconhecido internacionalmente”, sublinhou, explicando que esta é uma

aposta que a SPA tem feito. E acrescentou com entusiasmo: “Estou convencido que, em Veneza, este nosso contributo, que já foi aplaudido, irá ser ainda mais.”

Por outro lado, foi com preocupação que o responsável da SPA concluiu que a edição do MIDEM de Cannes deste ano “foi a confirmação amarga de que a indústria musical está a atravessar uma crise de proporções até agora desconhecidas e cuja superação ninguém consegue saber ao certo como e quando acontecerá, ou mesmo se acontecerá”.

O que é que verificaram os representantes da SPA em Cannes? O administrador-delegado sintetiza: “Menos expositores, menos países, menos produtores, menos instituições ligadas à produção internacional da música, queixas generalizadas de que a crise está a afectar seriamente o sector, uma procura também generalizada de saídas, de soluções, de novas formas de negócio e de novas formas de organização, e da parte das sociedades de autores com as quais estivemos, o reconhecimento de que a situação tal como está não pode manter-se, porque está a afectar seriamente as sociedades e os seus interesses”.

Apesar de ter deixado de ter stand próprio no MIDEM de Cannes, desde 2006, visto que “é um custo muito elevado para um retorno mínimo”, a SPA continua a ir ao certame ao nível da administração e das relações internacionais, porque praticamente todas as sociedades de autores importantes no mundo ligadas à música aproveitam este período para fazerem reuniões que sejam determinantes para acertarem procedimentos. “Nós, como estamos presentes em quase todos os comités técnicos da CISAC, aproveitamos este período para estarmos nessas reuniões”, justificou José Jorge Letria. *Edite Esteves*



## SPA presente no MIDEM de Cannes com a crise da indústria musical em fundo

A SPA esteve representada na edição de 2010 no MIDEM de Cannes por uma delegação constituída pelo administrador-delegado José Jorge Letria, pelo administrador Tozé Brito e pela directora do Departamento de Relações Internacionais, Dra. Vanda Guerra. Os representantes da SPA realizaram reuniões com responsáveis de sociedades congéneres, participaram em reuniões do comité técnico e também em conferências e debates sobre a situação internacional da indústria musical.

Recorde-se que, desde 2006, que a SPA optou por não ter um stand no MIDEM, devido a razões de contenção orçamental. No entanto, a SPA tem tido presença regular e efectiva em todas as reuniões e acontecimentos importantes que coincidem com o MIDEM.

Na edição deste ano daquele evento estiveram em destaque a música africana e a da África do Sul em particular, devido à realização do Mundial de Futebol, a comemoração do bicentenário do nascimento de Chopin e a obra e a vida de Michael Jackson, desaparecido em 2009. Em todos os debates e conferências foi recorrente a referência à grave crise que afecta a indústria musical, ao papel das novas tecnologias e à urgência de as sociedades de gestão colectiva do Direito de Autor se adaptarem a esta nova e complexa realidade.

Na reunião do Comité de Comunicação da CISAC, que a SPA integra, foi feita a apresentação de um DVD de demonstração sobre o programa “AUTORES” na TVI e também do programa da Gala que decorrerá no próximo dia 8 de Fevereiro, no Centro Cultural de Belém, numa parceria da SPA com a RTP, tendo estas iniciativas sido muito elogiosamente referidas por todos os presentes, que as consideraram um importante avanço no que toca à política de comunicação das sociedades de autores com o público em geral. A SPA esteve ainda presente na reunião do Comité Honorário do MIDEM, estrutura que integra desde finais de 2007.

27 de Janeiro de 2010  
A Administração

**ROSA LOBATO FARIA (1932-2010)**

## Rosinha ou a febre de criar



"Não sei o que seja a inspiração. Quando vou escrever já tenho a cabeça tão cheia de coisas que só quero despejá-las de uma vez para o papel. E ando agora muito aflita, porque tenho muitas coisas que fui acumulando na cabeça durante estes meses em que tenho estado doente e isso deprime-me. Ter coisas para escrever e não poder... Deixei de escrever, porque não tenho força na mão, mas hei-de voltar a ter, claro. É que tenho romances para escrever!".

Estas as palavras de fé com que Rosa Lobato Faria terminou a entrevista que concedeu à "Autores" no final de 2009 e que foi publicada na nossa última edição. A actriz e escritora estava então a recuperar de uma hospitalização prolongada, depois de duas intervenções cirúrgicas, e contava os dias para voltar aos seus "queridos romances" que era como se lhes referia. Todo o seu discurso era de esperança face à adversidade que lhe tocara.

Mas quis Deus, parafraseando uma expressão que lhe era muito comum, que este seu derradeiro ímpeto de força não se concretizasse. O romance que estava a ultimar e ainda a

criação colectiva que a esperava para mais uma co-produção ficaram a meio. O fervilhar das suas ideias bloqueou e a morte veio arrancá-la a esta febre de criar. Tinha 77 anos.

No dia 2 de Fevereiro ficámos sem poder contar com a colaboração da Rosinha, como era tratada carinhosamente. Nem nos romances, nem nos contos, nem nas novelas, nem nas letras para canções (a par de Ary dos Santos, recorde-se, foi a mais bem sucedida letrista do Festival RTP da Canção, com quatro primeiros lugares), nem nos argumentos para televisão e cinema, nem na interpretação na tela e no palco, nem na declamação, nem na poesia, a sua paixão desde os 6 anos de idade e que a espreitava a qualquer momento, de forma irresistível. Embora, desde os seus 63 anos, só tivesse olhos para os romances...

**DE UMA POLIVALÊNCIA SEM IGUAL**

José Jorge Letria, presidente do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), à qual Rosa Lobato Faria pertencia desde Abril de 1982 como sócia, de que foi cooperadora a partir de Junho de 1999 e chegou a integrar a Mesa da Assembleia-Geral, afirmou que "com a polivalência de Rosa Lobato de Faria não conhecia outra na cultura portuguesa". "Foi com enorme pesar que a SPA recebeu a notícia da morte de Rosa Lobato Faria, um nome importante da vida literária portuguesa, mas também uma importante autora de programas de televisão, autora de canções e, em tempos mais recuados, divulgadora de programas de poesia na televisão em colaboração com David Mourão-Ferreira, telenovelas e outros programas", referiu o representante da SPA

José Jorge Letria integrou juntamente com Rosa Lobato Faria, Alice Vieira, Luísa Beltrão, José Fanha, Mário Zambujal e João Aguiar, o grupo de sete escritores responsáveis pela publicação de algumas das co-produções a que nos referimos, nomeadamente, "Os Novos Mistérios de Sintra", "Eça Agora" e "O Código d'Avintes", editados pela Oficina do Livro.

Desse projecto, o dirigente da SPA e também escritor recorda "a mulher muito profissional e muito respeitadora de prazos, muito criativa, com um apuradíssimo sentido de humor, de grande elegância, grande estilo pessoal e social e de grande cultura".

**UMA MULHER MUITO AVANÇADA**

O seu editor de sempre, Manuel Alberto Valente, que a lançou em 1995 na ASA e a levou depois para a Porto Editora, afirmou em declarações ao DN, que Rosa Lobato Faria "era uma mulher muito avançada para o seu tempo, liberal, com uma alegria imensa de viver" e "uma criadora transversal".

A atestar essa afirmação e apenas como um exemplo, lembrou que, aos 6 anos iniciava-se na poesia, aos 30, experimentou a ficção e, aos 63, os romances, de que não se separou até à morte.

Manuel Alberto Valente admitiu que a autora "tinha prometido entregar, brevemente, o novo romance que queria publicar ainda este ano". "Disse-me que mo deveria entregar na Primavera para publicar no Outono", revela, ratificando a ânsia de Rosinha por poder vir a escrever depressa. Nascida em Lisboa em Abril de 1932, Rosa Lobato Faria era uma mulher de grande fôlego. Deixou quatro filhos e 12 netos, mais de 1500 cantigas, guiões televisivos, papéis na TV e cinema, poemas desde os 6 anos e, após os 63, 12 romances publicados em quase 15 anos.

**O CORPO MORRE, MAS A OBRA FICA**

O corpo pode morrer, é verdade, mas a obra fica. Enquanto o seu editor averigua em que estado está o romance que ela prometeu entregar na Primavera, eventualmente, para uma edição

incompleta, a Oficina do Livro, para quem a autora publicou quatro livros infantis e outros em co-autoria, lançou, na semana seguinte à morte da escritora, o livro de sua autoria "A Menina e o Cisne".

Entretanto, num comunicado divulgado pela agência Lusa, o grupo editorial Leya que se referiu à morte da autora "com tristeza", adiantou que, além de "A Menina e o Cisne", novo livro da autora, está ainda prevista para breve a publicação, pela ASA, da obra que inaugura a Biblioteca Rosa Lobato de Faria, projecto cuja criação, a escritora "entusiasticamente acompanhou".

"O pranto de Lúcifer" (1995), "A trança de Inês" (2001), "O sétimo véu" (2003) e "A alma trocada" (2007) estão entre as obras da sua autoria, algumas delas traduzidas em Espanha, França e Alemanha. **Edite Esteves**

**VERA CASTRO (1947-2010)**

## Pintora, figurinista e cenógrafa com "uma luz interior"



"Hoje, dia de festa, passou uma nuvem por toda esta harmonia: uma autora nossa abriu a porta e partiu". Foi com estas palavras que o encenador e administrador da SPA João Lourenço anunciou na Gala dos Prémios Autores 2010, a 8 de Fevereiro, o desaparecimento da cena da vida da pintora, figurinista e cenógrafa Vera Castro, de 63 anos, vítima de doença oncológica.

"Tinha uma luz interior", acrescentou João Lourenço, depois da projecção de várias imagens de Vera Castro no ecrã, numa evocação muito aplaudida, especialmente

pelos figuras ligadas ao teatro, ao cinema, ao bailado e às artes plásticas que enchem a sala do CCB e pelos seus pares na SPA, onde entrou como sócia em 29 de Julho de 1987, passando a cooperadora a 24 de Novembro de 1999.

A professora aposentada da Escola Superior de Cinema e Teatro (ESCT) morreu naquela madrugada no Instituto Português de Oncologia, em Lisboa, onde se encontrava internada há cerca de uma semana.

Nascida em Angola, a 11 de Setembro de 1946, viria a estudar pintura em Lisboa, na Escola António Arroio e na Escola Superior de Belas-Artes, e, mais tarde, gravura na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses.

Ingressou no ensino nos anos 70, e foi requisitada pela ESTC em 1991, onde leccionou até 2007 Técnicas de Desenho e Pintura, Figurinos, Cenografia e Cenotécnica.

< subtítulo > Contribuiu para a qualificação de novos profissionais

Numa nota de pesar, o Ministério da Cultura manifestou a sua "maior consternação pelo falecimento da artista plástica Vera Castro, cuja actividade criativa foi amplamente reconhecida pelos mais prestigiados profissionais na área da dança, do teatro e da ópera em Portugal", destacando a sua actividade na docência, "no âmbito da qual muito contribuiu para a qualificação de novos profissionais das artes".

A ESTC, por seu turno, recordou em comunicado Vera Castro, "um dos nomes mais marcantes como professora" da instituição, como uma "artista plástica de grande sensibilidade e delicadeza".

Aposentada da ESTC desde 2007, Vera Castro trabalhou como cenógrafa e figurinista para espetáculos de teatro e ópera com encenadores como Ricardo Pais, José Wallenstein, João Lourenço, Ana Tamen, Jorge Listopad, Rogério de Carvalho, Nuno Carinhas, Filipe La Féria e Cucha Carvalheiro.

Criou ainda figurinos para obras de Olga Roriz, Paulo Ribeiro, Né Barros, Rui Lopes Graça e Mehmet Balkan.

Em 1992, venceu o Prémio Sete de Ouro para os melhores figurinos por "Estrelas da Manhã" e "A Gaiota", e no ano seguinte o Prémio da Crítica de Cenografia, também por "Estrelas da Manhã".

Como pintora, está representada na colecção do Ministério da Cultura e em colecções particulares. Realizou exposições, entre outros espaços culturais, na Casa da Cerca, em Almada (2002), e na Galeria do Teatro Municipal de Almada (2007). EE

# MENSAGEM DO DIA MUNDIAL DO TEATRO

27 de Março de 2010

À semelhança do que aconteceu nos anos mais recentes, a Sociedade Portuguesa de Autores quis associar-se à comemoração do Dia Mundial do Teatro - 27 de Março - solicitando uma mensagem a um grande nome do teatro português. A mensagem deste ano é da autoria do actor e encenador Rui Mendes, a quem agradecemos a disponibilidade manifestada para comemorar connosco esta data, que é o dia de festa de todos aqueles que fazem do teatro em Portugal uma arte pujante, intemporal e em permanente desenvolvimento.

*A Direcção  
e o Conselho de Administração*

Apagam-se as luzes da sala. Acendem-se as luzes da cena. Entram os actores. Começa a escorrer para a plateia um caudal de sons que se transforma em ideias, de palavras vestidas de imagens, de ritmos que ressumam beleza, de corpos humanos que desenharam poesia. "A poesia ensina a filosofia" disse Aristóteles. O mesmo faz o Teatro. São coisas inseparáveis.

Há muitas formas de dar início a um espectáculo de teatro, mas só há uma de o terminar: é com a gostosa recordação do que é efémero, daquilo que durante algum tempo nos preencheu os sentidos e o espírito, e que não volta a acontecer, senão na nossa memória assim enriquecida para o resto das nossas vidas. No verdadeiro teatro este é o sentimento que, no final, une os que o fizeram àqueles que a ele assistiram. É um dos milagres do Teatro.

A palavra TEATRO, deriva do grego "THÉATRON", "lugar de onde se vê". Há os que vêem e os que são vistos. Há os que ouvem e os que são ouvidos. Mas todos são feitos da mesma massa, embora de diferentes cores de pele e de cabelos, de todos os tipos de educação e de formação, com variadíssimas experiências e objectivos na vida.

E se, pelo menos na cena, todo o colectivo teatral tende a ser uma comunidade homogénea sem a qual não pode funcionar, já o mesmo se não pode dizer dos que estão na plateia. A utopia de uma sociedade igualitária, sem chocantes divisões sociais, está longe de vir a ser uma realidade palpável. É um futuro eternamente adiado.



Talvez que a permanência de problemas por resolver seja uma das nossas razões de existir, uma espécie de sal da vida. Mas persistem teimosamente dramas concretos que afligem cada vez mais os seres humanos. E não devia ser assim. O teatro que é e terá de ser sempre poesia, não pode nem deve, talvez por isso mesmo, ficar indiferente.

Num mundo cada vez mais superpovoado, permanecem os conflitos sociais, as lutas tribais, as religiões, os ódios, as guerras pelo poder, as discriminações, as economias selvagens, a fome e toda a espécie de privações forçadas. E que ninguém venha pedir contas ao Teatro e aos que o praticam, de serem culpados de alguma coisa. Pelo contrário, o Teatro tem sido, por várias formas, uma flecha arremessada aos poderosos, um aríete apontado aos portões da crueldade, dos gananciosos, dos desonestos e dos oportunistas. O Teatro só pode ser praticado com afectividade, com a generosidade de dar e com a coragem de pugnar pelo bem. Caso contrário, renega-se, abastarda-se. Por estas razões ele devia estar na primeira linha das preocupações dos governantes, que têm a estrita obrigação de o apoiar com justeza e visão. Mas até talvez seja por estas razões que eles tanto o desprezam, quando não o combatem abertamente.

Jean Paul Sartre disse numa entrevista: "Uma peça escapa ao seu autor desde que o público está na sala." E mais adiante: "Em Teatro as intenções não contam. O que conta é o que sai. O público escreve tanto a peça como o autor". Sófocles, Gil Vicente, Shakespeare, Molière, Goldoni, Schiller, Goethe, Ibsen, Strindberg, Tchecov, Shaw, Pirandello, Brecht, Beckett, Osborne, Pinter, entre muitos, muitos outros autores teatrais, preocuparam-se e reflectiram sobre os problemas do seu tempo, que curiosamente são os mesmos de hoje. Não podemos deixá-los a falar sozinhos. E esta obrigação envolve-nos a todos: dramaturgos, encenadores, artistas plásticos, músicos, actores, produtores e até o próprio público, sobretudo aquele que não vai ao teatro. É preciso fazer chegar o Teatro ao maior número. Só assim será possível ajudar a mudar o Mundo. Para melhor, claro. "Para pior já basta assim".

*Rui Mendes*

Rock in Rio

# VOLTEI

artplan

# ROCK IN RIO LISBOA 2010

ROCKINRIO-LISBOA.SAPO.PT

EM 2010, A EMOÇÃO DO MAIOR FESTIVAL DE MÚSICA DO MUNDO ESTÁ DE VOLTA A LISBOA. GARANTA O SEU LUGAR. BILHETES À VENDA A PARTIR DE 3 DE FEVEREIRO. PARA MAIS INFORMAÇÕES, VÁ A ROCKINRIO-LISBOA.SAPO.PT

Apoio Institucional



Media Partners



Diário de Notícias

Patrocinadores



Patrocinador Principal

Millennium  
bcp